

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

**PRISCILA VESCOVI**

**RUMORES DE UMA VIDA**

**VITÓRIA  
2015**

**PRISCILA VESCOVI**

**RUMORES DE UMA VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Figueiredo Louzada.

**VITÓRIA  
2015**

**PRISCILA VESCOVI**

**RUMORES DE UMA VIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Vitória, 12 de junho de 2015

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Figueiredo Louzada**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL/UFES**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Aparecida Domingues Machado**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL/UFES**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosane Preciosa Sequeira**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

*Envio-lhe, meu caro amigo, uma pequena obra da qual ninguém poderia dizer, sem injustiça, que não tem pé nem cabeça: nela, ao contrário, tudo é ao mesmo tempo cabeça e pé, alternativa e reciprocamente. Queira considerar que admiráveis comodidades tal combinação nos oferece a todos, a você, a mim e ao leitor. Poderemos interromper onde quisermos, eu o meu devaneio, você o manuscrito, o leitor a sua leitura, pois a este não deixo a vontade teimosa pendente do fio interminável de uma intriga superfina. Tire uma vértebra, e os dois pedaços desta fantasia tortuosa se tornarão a juntar sem esforço. Corte-a em numerosos fragmentos, e verá que pode cada um deles existir à parte. Na esperança de que alguns desses pedaços sejam bastante vivos para lhe agradar e diverti-lo, ousou dedicar-lhe a serpente toda.*

*Baudelaire  
A Arsène Houssaye*

## **Agradecimentos ou murmúrios ao pé do ouvido**

### **Pai,**

*Que sejamos irmãos de agora em diante. Você é meu irmão mais velho. Sou seu irmão mais moço, recém saído da faculdade.*

*O abismo: você se pergunta, e se o seu romance não der em nada?*

*Minha poesia tem em meu conhecimento mais certo e profundo dado em nada – já veio a dar em nada. Venho percebendo isso há meio ano. Não recorrer a ela em busca de consolo a não ser talvez pela mais vã e transitória segurança que desaparece em uma hora, e também já comecei a aceitar isso. Minha âncora, se é que já tive uma, já está em outra coisa. E está tudo bem.<sup>1</sup>*

### **O Estrangeiro**

*A quem mais ama, responde, homem enigmático: a teu pai, tua mãe, tua irmã ou teus irmãos?*

*– Não tenho pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.*

*– Teus amigos?*

*– Eis uma palavra cujo sentido, para mim, até hoje permanece obscuro.*

*– Tua pátria?*

*– Ignoro em que latitude está situada.*

*– A beleza?*

*– Gostaria de amá-la, deusa imortal.*

*– O ouro?*

*– Detesto- o como detestais a Deus.*

*– Então! A quem é que tu amas, excêntrico estrangeiro?*

*– Amo as nuvens... as nuvens que passam...longe...lá muito longe...as maravilhosas nuvens!<sup>2</sup>*

### **Mãe,**

*A mãe reparava o menino com ternura.*

*A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!*

*Você vai carregar água na peneira a vida toda.*

*Você vai encher os vazios*

*com as suas peraltagens,*

*e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!<sup>3</sup>*

*Sandra fica muito bem em*

*vestidos longos*

*Sandra pode partir provavelmente*

*o coração de um homem.<sup>4</sup>*

---

<sup>1</sup> Carta de GINSBERG para KEROUAC, 2012, p. 61.

<sup>2</sup> ‘O Estrangeiro’, BAUDELAIRE, 1980, p. 19.

<sup>3</sup> Fragmento do poema ‘O Menino que Carregava Água na Peneira’, Manoel de Barros.

<sup>4</sup> Fragmento do poema ‘Sandra’, BUKOWSKI, 2010, p. 15.

**Christina,**

*O pano de renda sobre a mesa, em casa de Cristina. Rosas, renda que liga rosas.(...)  
Conversava com Cristina que me dizia, mas eu só isto ouvi:  
– o ciclo do renascimento não está concluído; ainda há tempo para voltar ao seu  
começo, e reescrever-lhe um novo sentido.*

*Havia nela uma tal certeza, que me encontrei mais à vontade,  
desviando o meu olhar do  
dela  
para a mesa  
coberta de renda.<sup>5</sup>*

**Ana,**

*O que eles começaram a fazer eles fizeram acontecer:  
Todas as coisas se sustentam como uma gota de orvalho  
Sob uma folha de grama.<sup>6</sup>*

*Helena sonhou que queria fechar a mala e não conseguia, e fazia força com as duas  
mãos, e apoiava os joelhos sobre a mala, e sentava em cima, e ficava em pé em cima da  
mala, e não adiantava. A mala, que não se deixava fechar, transbordava coisas e  
mistério.<sup>7</sup>*

**Leila ou Preciosa,**

*tudo tem sido tão bestial  
e adorável,  
esse rio insano,  
essa loucura  
roubada  
à mão armada  
que não desejo a  
ninguém  
a não ser a mim mesmo,  
amém.<sup>8</sup>*

**Aline ou Bel ou Victor ou Gabi ou Léu ou Marília ou Lau ou Bruno ou Pri ou Helô  
ou João ou Drica ou...,**

*Se as pequenas coisas já lhe prestam tamanho serviço, quanto mais as grandes. Nossa  
vida é muito intranquila, cada dia traz consigo surpresas, inquietações, esperanças e  
medos, de modo que ninguém, sozinho, seria capaz de suportar tudo isso se não tivesse,  
dia e noite, o apoio dos companheiros; e ainda assim é muitas vezes difícil; há casos em  
que milhares de ombros estremecem sob o fardo que, na verdade, foi destinado a um só.  
Então Josefina acha que sua hora chegou. Ela fica lá, uma criatura delicada, tremendo*

---

<sup>5</sup> LLANSOL, 2011, p. 23.

<sup>6</sup> YETS *apud* GINSBERG, 2012, p. 101.

<sup>7</sup> GALEANO, 2014, p. 198.

<sup>8</sup> BUKOWSKI, 2012, p. 197. Fragmento do poema 'Ressacas'.

*de inquietação, em especial abaixo do peito, como se concentrasse todas as forças em cantar, como se tudo o que naquele exato instante não serve ao canto fosse privado de vida, de fibra, como se ela estivesse exposta, abandonada, deixada aos cuidados de espíritos bondosos, como se assim, privada de si mesma enquanto habita o canto, uma brisa fria pudesse matá-la ao soprar. Mas é justo nesses momentos que nós, seus supostos opositores, costumamos a dizer: “Ela não sabe sequer assobiar; precisa desse esforço terrível não para cantar – sequer falamos de canto –, mas para arrancar de si mesma algo que lembra o assobio comum por toda a parte”. Assim nos parece, conquanto esta seja, como já foi dito, uma impressão inevitável, ainda que passageira, de curta duração. Logo mergulhamos nós também no sentimento da multidão, que no calor dos corpos encostados uns aos outros escuta com a respiração suspensa.<sup>9</sup>*

**Ruy (honey),**

*Vê como precisamos nos abrigar?*

*Vê como precisamos?*

*Vê como?*

*Você vê?*

*Você?*

*Eu?*

*Quem?*

*Quê?*

*Não tô entendendo...*

*Estou falando com você como falaria com qualquer um*

*Fora você, ninguém mais aguentaria essa merda*

*Obrigado<sup>10</sup>*

**Bárbara,**

*Seus olhos são duas cavernas onde cintila vagamente o mistério, e seu olhar ilumina como o relâmpago: é uma explosão nas trevas.<sup>11</sup>*

*...nunca é tarde, nunca é demais<sup>12</sup>*

---

<sup>9</sup> Fragmento do conto ‘Josefine, a cantora, ou O povo dos ratos’, KAFKA, 2013, p. 55.

<sup>10</sup> Carta de Kerouac para Ginsberg, 2012, p. 55.

<sup>11</sup> BAUDELAIRE, 1980, p. 95. Fragmento do poema ‘Desejo de Pintar’.

<sup>12</sup> ‘Bárbara’, música composta por Chico Buarque e Ruy Guerra.

*Don't try*

*Charles Bukowski*



## Resumo

Tece-se essa pesquisa na interface entre modos de vida no contemporâneo e literatura. Como meio de produção de uma escrita, este trabalho faz-se via fragmentos literários. Como problema, delinea-se: escrever em meio a corpos cansados que se arrastam sob a égide do niilismo reativo no contemporâneo, na tênue linha de não encampar uma denúncia, mas perseguir uma estética, um modo de expressão do que se passa. Buscou-se, para isso, uma estética trágica. Com o intuito de tomar o trágico como ação, como afirmação estética e filosófica para urdir uma vida, indo de encontro às amarras do niilismo. Desse modo, moveu a urdidura desses fragmentos-dissertativos: como disparar linhas que possibilitem afirmar novas suavidades em corpos conformados? A literatura, inacabada, informe, pode operar na produção de estranhamentos de corpos esgarçados, como encontro com a alteridade; afirma-se a literatura menor como linha revolucionária. Como metodologia, fragmentos literários foram produzidos e compartilhados com a pergunta: você quer participar de uma experiência literária? Assim, cada fragmento encontra-se nesse trabalho acompanhado do respectivo retorno daqueles que aceitaram o convite. Todos os fragmentos tocam em vidas cansadas, em corpos fatigados. Escrever é entrar em contato com um dispositivo que pode fazê-los outros, deslocá-los.

Palavras-chave: cansaço; contemporâneo; literatura menor; fragmentos.

## **Abstract**

The aim of this study is to connect the current way of living with the minor literature, through a production of writing attached to literary fragments. As a trouble, this study has the claim of writing about tired bodies which are built under the aegis of the Reactive Nihilism nowadays. Thus, the subject of this study proposes the tragic as a possibility of action, searching for an aesthetic affirmation, as well as philosophical, against the moorings of Nihilism. Methodologically, the literary fragments were shared with a question: “do you want to join a literary experience?” Therefore, each fragment comes with its respective return from those who accepted the invitation.

Keywords: fragments, minor literature, tiredness, contemporary.

## Sumário ou re-cortes

<b>Por uns fragmentos-dissertativos ou alinhar de uma vida .....</b>	p. 15
Doses oníricas ou fragmentos inexplicáveis .....	p. 23
Sobre os bons e maus homens. Sobre os homens do bem e do mal .....	p. 26
Nos interstícios da pele: literatura menor ou esboços de <i>uma vida</i> .....	p. 32
Então, tu te pretendes leitor? Tu queres as ruas? Tu ousas escrever? .....	p. 36
Você quer participar de uma experiência literária? .....	p. 38
<b>Rumores de um corpo indócil .....</b>	p. 46
<b>Brumas .....</b>	p. 50
Retorno de Rumores de um corpo indócil e Brumas .....	p. 57
<b>Bobo .....</b>	p. 62
Retorno Bobo .....	p. 67
<b>Cass .....</b>	p. 68
Retorno de Cass .....	p. 81
<b>Teresa anda cansada .....</b>	p. 83
Retorno de Teresa anda cansada .....	p. 86
<b>Entre retalhos, trapos e remendos .....</b>	p. 89
Retorno Entre retalhos, trapos e remendos .....	p. 98
<b>Poema para Telma .....</b>	p.101
Retorno Poema para Telma .....	p. 108
<b>Para Ana ou Teresa .....</b>	p. 109
Retorno Para Ana ou Teresa .....	p. 113
<b>Trecos e Tralhas .....</b>	p. 115
Retorno Trecos e Tralhas .....	p. 122
<b>Entre abelhas e crianças .....</b>	p. 123
Retorno Entre abelhas e crianças.....	p. 128
<b>Moças .....</b>	p. 129
Aguardando o retorno de Moças .....	p. 134
<b>Por vias de seguir .....</b>	p. 136
<b>Referências .....</b>	p. 140

Apresento-me a vós,  
é que preciso deixar escapar algumas misérias  
esse texto foi escrito ao passo que as misérias foram expostas  
vazadas  
escorridas  
sangradas  
as misérias fluíram por cada poro de uma pele  
já sem graça  
uma pele encravada  
uma pele  
qualquer  
é que eu preciso chorar e sorrir misérias  
ó, beleza de *uma vida!*  
para que seja possível então produzir um pouco mais de delicadeza  
é que não consigo ser delicada  
quando a dor embota a existência  
pois que falo de um mundo inteiro  
falo também de sua ausência  
falo de ti, que lê algumas linhas  
cansado  
quicá...  
é que preciso escorrer misérias  
vazá-las  
deixá-las  
passar  
perdoe-me a ausência de uma linearidade convencional  
Não é puramente proposital  
não há nada puro aqui  
apresento-me a vós  
eu, Indiviso?  
não!  
sou tantas, sou tantos  
entre peles, entre palavras, entre atos  
sou tantas, sou tantos  
entre ressentimentos e afecções outras  
entre dores e alegrias  
eu? não!  
esses que aqui falam, são tantos  
vulgares, sonhadores, andarilhos.  
apresento-me a vós,  
não sou também tí?



13

---

<sup>13</sup> Por Helô Germany, uma amiga querida.

13

– Então, o que é que vai ser, hein?<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> BURGESS, 2010, p. 131.

## Por uns fragmentos-dissertativos ou o alinhavar de *uma vida*

A ideia de fragmento arrasta consigo o incômodo da incompletude. Além dessa sensação de incômodo, pode também gerar um grande desconforto: pensamentos fragmentários não asseguram àquele que lê a exposição clara de um percurso teórico, de um sírio de onde se parte. Que espécie de segurança pode oferecer um texto fracionado, aos pedaços, que insiste em ir ao encontro do que é episódico, descontínuo, dissipatório, efervescente, quase informe? Para alguns, talvez seja frustrante enredar-se numa viagem desse tipo, entretanto, se acolhido, o fragmento pode nos surpreender. De um jeito anfíbio, ele é capaz de operar simultaneamente uma inteireza de articulações, combinada a uma resistência a sistematizações. Nele permanece o entusiasmo pelos agregados de sentido que vão despontando pela urgência mesmo de existirem.<sup>15</sup>

Nossas folhas não são folhas de papel, são tecidos para pouso de palavras. Os tecidos são flexíveis, eles esticam e contraem um bocado. Os tecidos podem até rasgar, com algumas furadas de agulha, no entanto, remendos oportunos são criados. Nossas folhas, senhores, não são de papel.

Esse tecido existe para ser reinventado – incessantemente. São jogos de trapos que cadenciam uma espécie de trabalho. Muitos sons emergem dessas linhas, não apenas das linhas, mas do encontro delas com nossos corpos. “(...) perdido neste tecido, nessa textura o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia”.<sup>16</sup> Façamos canções diversas com as tralhas que contornam essa trama. Ainda que a canção seja apenas o silenciar.

As vozes cantam peripécias cotidianas, podem ouvir?

Não esperemos uma linearidade em nossa roupagem-pesquisa. Os pedaços de tecidos costurados têm diferentes cores, foram catados e produzidos nas *andarilhagens* da vida. “Roupas corajosamente imperfeitas, inacabadas, turbulentas”.<sup>17</sup> Uma parada brusca, um remendo mal dado, dedos sem mãos, quiçá, mãos sem braços. Nem sempre os braços estarão presentes. Por vezes, precisamos falar apenas das pernas, dos pés, dos olhos... *do olhar*. Tecidos de todos os estilos, tons, cheiros e tamanhos. Alguns mais, outros menos gastos. Tecidos, todos tecidos. Peles ousadamente escancaradas. Peles rugosas,

---

<sup>15</sup> PRECIOSA, 2002, p. 11. Disponível em:

<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/rumoresdiscretosdasubjetividadepreciosatese.pdf>>. Acesso em 7 de abril de 2014.

<sup>16</sup> BARTHES, 1987, p. 82.

<sup>17</sup> PRECIOSA, 2002, p. 4.

peles esgarçadas. Peles quaisquer.

Nossas peles contam um bocado de histórias, não?

Pois com tais histórias viemos prostrar. Histórias que nos contam modos de viver no contemporâneo que por vezes teimam em sustentar um corpo rijo, uno, absolutamente irrefragável. Histórias que se constituem por contágio, toque, esbarros, riscos. Intensidades que “**dessubjetivizam**: quando surgem, inesperadas, são verdadeiras correntes de desterritorialização atravessando de ponta a ponta a vida de uma sociedade, desmapeando tudo”.<sup>18</sup> Fala-se aqui de produção subjetividade capitalística individualizada, bem como da afirmação da singularidade em meio aos ritmos acelerados de políticas de subjetivação presentes no contemporâneo.<sup>19</sup> Uma pele se faz pele no arrasto, movendo-se entre as séries, singularizando-se.

Para tanto, apostamos nos fragmentos como um modo de se fazer pesquisa, pois que afirmamos *uma vida*, uma singularidade, um intervalo, uma ponte...

É o próprio lobo, ou o cavalo, ou a criança que param de ser sujeitos para se tornarem acontecimentos em agenciamentos que não se separam de uma hora, de uma estação, de uma atmosfera, de um ar, de *uma vida*.<sup>20</sup>

A recusa à linearidade da escrita, à priori, despreziosa, ganhou força ao enunciar que, tal como a vida, a escrita se faz nos descaminhos, com o necessário cuidado para não cairmos em ideais de existência – e admito, leitor – a perigosa passagem em que estamos a nos embrenhar. Gostamos de jogo, então, assumimos o risco.

Nestes tempos contemporâneos em que movimentos são forjados sob às raias da globalização, o *cansaço prepondera*. Importante discernir velocidade de movimento, uma vez que tais conceitos compõem diferentes sentidos.

O movimento pode ser muito rápido, nem por isso é velocidade; a velocidade pode ser muito lenta, ou mesmo imóvel, ela é, contudo, velocidade. O movimento é extensivo, a velocidade é intensiva. O movimento designa o caráter de um corpo considerado “uno”, e que vai de um ponto a outro; *a velocidade, ao contrário, constitui o caráter absoluto de um corpo cujas partes irreduzíveis (átomos) ocupam ou preenchem um espaço liso, à maneira de um turbilhão, podendo surgir num ponto qualquer*.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> ROLNIK, 2011, p. 57, grifo do autor.

<sup>19</sup> GUATTARI; ROLNIK, 2010.

<sup>20</sup> DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 50.

<sup>21</sup> Idem, 2008, p. 53.



“Imprime-se uma velocidade externa na administração do tempo, uma velocidade totalmente alheia às singularidades de ritmo”.<sup>22</sup> De modo que matérias de expressão são forjadas deliberadamente, e assim, deliberadamente, consumidas: para bancar o mal-estar atribuído a pulverização das identidades características desse movimento, busca-se estabilidade em modelos identificatórios que criam a ilusão de consistência e equilíbrio;

Identidades prêt-à-porter, figuras glamurizadas imunes aos estremecimentos das forças. Mas quando estas são consumidas como próteses de identidade, seu efeito dura pouco, pois os indivíduos clones que então se produzem, com seus falsos-self estereotipados, são vulneráveis a qualquer ventania de forças um pouco mais intensa.<sup>23</sup>

*O cansaço prepondera.* Subjetividades mimetizadas ganham vigor. Se, por um lado, há o risco em sucumbir às linhas de dissolução, por outro, em contrapartida, ao enrijecimento do corpo, da vida. “O deserto se estende a volta de um pequeno vilarejo, ou melhor, o pequeno vilarejo estende suas casas e arruelas pelo deserto. O tom pastel predomina.”<sup>24</sup>

Nosso tecido anda esgarçado, sovado e remendado **por demais**, o que *há-com-tecido*? Remendar-se, às vezes, é tudo o que pode um corpo. Nem sempre apresentamos um corpo disposto aos processos revolucionários, uma reforma pode ser demasiado oportuna. Arriscamo-nos com tal afirmação. Afinal, da mesma maneira em que se podem pensar os processos revolucionários como postura de enfrentamento às mazelas e morrinhas nossas de cada dia, também é possível que estes possam ser encarados como um paradigma contemporâneo que opere como via de captura e reprodução de veleidades metafísicas. *Subjetividades mimetizadas*. Assim, enquadrar movimentos de reforma à vida como possibilidade excepcional de produção de sentidos também pode ser destrutivo. Aniquilador.

Caminhamos no fio da navalha. *O tom pastel predomina*. A linha é tênue. Sutil. Percebemos que a sutileza tem sido abdicada no contemporâneo concomitante a toda delicadeza que lhe compõe. Para tanto, apostamos na produção de *sensibilidades delicadas* entre *subjetividades mimetizadas*, sensibilidades que se afetem com brilhos e

---

<sup>22</sup> ROLNIK, 2011, p. 92.

<sup>23</sup> ROLNIK, 1996, p. 3. Disponível em:

<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>>. Acesso em 5 de abril de 2015.

<sup>24</sup> DOMINGUES, 2010, p. 29.

poeiras: parece-nos que o brilho invade, lentamente, entra assim, pela janela da sala, lentamente. Ele contorna a poeira do vidro da janela. Podem sentir? Compõe-se com ela e brilha diferente. Ele passa pela janela... assim. A poeira já não é a mesma, bem como a janela, o chão e o vidro – pelo qual atravessa o fio de luz –, não são os mesmos. Podem sentir? Quiçá os senhores leitores não percebam absolutamente nada. Que seja... engraçado como o vão da sala se faz outro. Parece-nos que o céu tem barba, mas não tem rosto. Barba rubra, ou seria uma cascata em chamas? É a barba de Morpheus<sup>25</sup> beijando o mar!

O que importa é que esteja sendo possível fazer passar os afetos. E, para isso, cada um só pode usar, é óbvio, aquilo que estiver ao seu alcance, misturando tudo a que tiver direito. **Fazer passar os afetos: é isso que parece gerar brilho.**<sup>26</sup>

Morpheus beijando o mar faz com que peixes ou sereias ou humanos ou bichos de toda espécie possam sonhar. Morpheus é a *crise*. É o desamparo e o amparo presentes. Cabe a nós uivarmos para a lua. Morpheus não é benevolente.

\*\*\*

*O tom pastel predomina àqueles que desconhecem Morpheus...*

Alinhavando a vida, malgrado o desânimo, malgrado todo o *azul*. Alinhavando a vida, malgrado os insistentes *tons pastéis*. Malgrado o excesso. São tantas e fugidias as figuras que se apontam prontas para serem consumidas. *O meu corpo é uma fábrica de vida e de cortes*. As possibilidades parecem muitas, sabemos. Sabemos também, entretanto, que tais modelos pretensiosamente se anunciam para que existamos conformes. O que *há-com-tecido*?

Tem-se vivido no contemporâneo uma aposta em ideais de reforma como soluções revolucionárias. Linhas desgastadas por uma repetição desmedida que costuram uma roupagem aos farrapos. *Investem-se restos de estabilidade como único possível*. Desfilando posturas de negação frente às imprevisibilidades dos acontecimentos, corpos ressentidos e subjetividades conformadas são produzidos sob a égide de modelizações prontas para vestir.

---

<sup>25</sup> GAIMAN, 2011, p. 548. Sandman – às vezes chamado por outros nomes, tais como Morpheus ou O Oneiromanete – é uma personificação antropomórfica, como Destino e Morte. Ele não está vivo da forma como entendemos a vida, nem poderia morrer da forma como entendemos a morte. Ele existe porque, desde o primeiro ser humano no universo, existem sonhos e, por algum estranho motivo, alguém era necessário para representá-los, personificá-los e controlá-los.

<sup>26</sup> ROLNIK, 2011, p. 47, grifo do autor.

Um corpo composto por remendos é afirmado. Experimenta-se a reforma não como proposta poética, mas como movimento sem riscos, sem improvisos, sempre alinhados. Entre retalhos e trapos temos organizado nossos encontros, nossas escolhas, nossos caminhos. Por medo talvez. Medo do inesperado, do estranho, do feio, do belo; medo da imprevisibilidade, do atrevimento ao novo, do escancaramento ao não idealizável.

É no descompasso do improviso, entretanto, que se faz possível emaranhar novas linhas e dessa forma produzir tramas outras que se inventam

das mais variadas maneiras. Sempre inacabadas!

Lançamos aqui uma proposta, uma aposta que coloca em relação estreita e tensionada o que entendemos por Reforma e Revolução, bem como esses processos provocam o alinhar de *uma vida*. A reforma diz respeito à passagem de um modo já dado a outro modelo cujas sensibilidades não se permitem cambiar, sensibilidades mesmas, roupas remendadas para manter a aparência. Quando se pensa o movimento revolucionário não se trata, nesse sentido, de sustentar uma estrutura, de reestruturar o que já está posto, mas de oxigenar e reinventar o que, na vida, está em vias de seguir se refazendo. No sentido dos processos de criação, o que transporta é o próprio processo de produção, para posições outrora inesperadas.<sup>27</sup>

É preciso cuidado, no entanto, para não afirmar modelizações como se o revolucionário fosse uma postura a ser repetida e multiplicada em todas as instâncias da vida.

Pois revolução, por definição, não pode ser permanente: ela é um certo momento de transformação, que poderíamos caracterizar como um momento de irreversibilidade num processo (...) Então poderíamos chamar de revolucionário um processo que se lança numa via irreversível e que por isso, daria para acrescentar, escreve a História de maneira inédita.<sup>28</sup>

Os processos revolucionários não podem ser considerados propagáveis. A questão está em como fazer com que estes operem num modo de vida, na invenção de *uma vida* e de liberdade de criação, permitindo-se sensível à irreversibilidade característica deste movimento. Guattari e Rolnik nos alertam sobre esses impasses ao afirmarem que “Todos os sistemas de modelização que se pretendem revolucionários funcionam na verdade muito mais como algo que provoca a rejeição (...) algo que bloqueia os

---

<sup>27</sup> GUATTARI; ROLNIK, 2010.

<sup>28</sup> Idem, 2010, p. 213.

processos revolucionários”.<sup>29</sup>

Não é de hoje que se chamam revolucionários os diversos processos que se dão de modo a afirmar o *dejá-là*. À revolução não se confere permanências, mas o irromper de fendas no ordinário. Acionados como expressões coletivas do desejo, vários caminhos ascendem diante destes, alguns produtores de mortificação da vida: a linha é tênue e os fios se esgarçam. Sustentar esses processos, por vezes, pode vir a tornar-se demasiado denso e destrutivo:

O que estou dizendo não é tão absurdo assim: um poeta ou um músico envolvido em um processo produtivo – se não tiver inteiramente atarraxado numa universidade ou num conservatório – nunca saberá o que está produzindo antes de produzi-lo. É seu processo de produção que o transporta, e até para além daquilo que ele pensava ser. Poderíamos fazer uma lista incrível de todos os criadores que foram derrubados em sua produção, ao ponto de chegar ao suicídio ou à loucura.<sup>30</sup>

No contemporâneo, em que modos de subjetivação são forjados em meio a políticas de aceleração e desestabilização que beiram às raias do insustentável, como agitar forças revolucionárias sem se perder em linhas de dissolução? Urge pensar uma ética dos processos revolucionários nas nossas práticas. É preciso problematizar o quanto suporta um corpo frente aos afetos e paisagens que têm se desenhado cotidianamente. O que pode ser feito para promover reconfigurações dessas paisagens de modo que escapemos às amarras do ressentimento e que a consistência de *uma vida* se faça possível?

\*\*\*

Ando por aí, vou à padaria, compro meu café, meus cigarros. Frequento a universidade, o dermatologista – pois que a indecência aflora na cara. Vou ao dermatologista para acalantar minha indecência, que escapa às bordas da pele, enfim... dou passagem através das nuances do corpo, ao menos, rendo-me às sensibilidades que pedem ( entradas e saídas). Atravessam pernas, braços, peito, rosto. Perda de sentidos? Talvez, mas apenas se faz possível desenhar novos universos desnudando-se, rendendo-se ao intempestivo, devorando matérias de expressão que tão logo vão produzir novas simulações no turbilhão das intensidades. É preciso não ruminar, pois que a efemeridade desses corpos passageiros faz da vida uma obra de arte em incessante criação.

E assim escrevemos *uma vida*. E assim urdimos *uma vida*. E assim alinhavamos.

---

<sup>29</sup> Idem, 2010, p. 215.

<sup>30</sup> GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 213.

Escrevemos sobre o que sentimos, sobre o que nos toma. O que sacode. *A mala que transborda...* sobre caras, caras e pernas e braços. Sobre pele. Pele encravada. Escrevo sobre espinhas, obstruções que emergem não apenas na cara. Escrevo também sobre as úlceras que são incessantemente cultivadas. Sobre abscessos, dores e lágrimas. Escrevo como aposta. Aposta na vida. Aposta nas linhas revolucionárias que operam por meio das resistências da escrita. Vazam de mim palavras como afirmação sensível à vida.

Mas, em quais vidas têm-se investido? Quais modos de vida têm-se tecido cotidianamente? Linhas desgastadas por uma repetição desmedida que costuram uma roupagem aos farrapos? Sobras de estabilidade como único possível.

Na agitação das intensidades que à via dos encontros produzem afetos, contornos, como corpos se urdem? Como máscaras são utilizadas para simular esses afetos? Esses corpos dão passagem aos afetos? As capilares sensibilidades que nos atravessam nos meandros da existência produzem sentidos? Não? As máscaras utilizadas noutra momento já não mais servem. Tornaram-se inúteis! São provisórias. E por trás destas nada há! “(...) a máscara (o artifício) é a realidade nela mesma: não há nada que seja “o verdadeiro”, no sentido de autêntico, originário – nem em cima, nem embaixo, nem atrás, nem no fundo da máscara. Nem em lugar algum.”<sup>31</sup>

Nada além de intensidades, de possibilidades de criação, invenção de novas máscaras, novos modos de vida. “Isto nos coloca em estados de sensação desconhecidos que não conseguem expressar-se nas atuais figuras de nossa subjetividade, as quais perdem seu valor tornando-se inteiramente obsoletas.”<sup>32</sup>

As máscaras – gestos, jeitos e trejeitos, procedimentos, figuras, expressões de rosto, palavras... – tornam-se obsoletas com uma rapidez incrível. A consequência disso é, por um lado, as pessoas se darem conta de que a subjetividade é mutável, além de que é efeito de um processo que as ultrapassa: elas deixam de se conceber como unidades autônomas. Por outro lado, passam a ter que dedicar muito de seu tempo e de seu dinheiro a tentar administrar esse processo: mal conseguem se arrumar de um lado e, de outro, já se desarrumam inteiramente.<sup>33</sup>

Ouso dizer que, assim como eu, você também já sentiu o enrijecimento na cara. Quando se pára de ruborizar e a provisoriedade das máscaras dissipa-se. Com pesar, aos gemidos, sustenta-se um corpo aprisionado. Corpos apáticos que temem o desassossego.

---

<sup>31</sup> ROLNIK, 2011, p. 36.

<sup>32</sup> Idem, 2011, p. 55.

<sup>33</sup> Idem, 2011, p. 87-88.

“A irrupção de um acontecimento nos convoca a criar figuras que venham dar corpo e sentido para a arregimentação de diferenças que ele promove. Faz tremer nossos contornos e nos separa de nós mesmos, em proveito do outro que estamos em vias de nos tornar”.<sup>34</sup>

Posturas de negação frente ao intempestivo dos acontecimentos, corpos ressentidos, subjetividades conformadas são produzidas sob a égide de modelizações prontas para vestir. Mas, e se caso apenas conheça esta máscara? Se caso a tenha vestido aos farrapos por anos? De maneira que absolutamente não suportaria riscar-se, arriscar-se. Não suportaria sentir o mal-estar inerente à transformação dos corpos, uma vez que estes seriam encarados qual trauma e não como afirmação de *uma vida*.

---

<sup>34</sup> Idem, 2011, p. 61.

## Doses oníricas ou fragmentos inexplicáveis

Nós existimos porque eles sabem, no fundo de seus corações, de nossa existência.<sup>35</sup>

Uma página em branco nos espera.

Enquanto a observo em seu cálido estado de brancura, convoca-me à morte. Um cheiro de morte se abriga, um gosto de morte se abriga. Um pouso de morte: *brumas*.

Quer matar-me. Matar-nos integralmente. Dilacerar as palavras que trago, palavras que estragam *uma vida*. A branca página ainda zomba. Não esperemos posturas condescendentes vindas desse tecido. Não é compassivo, tampouco benévolo. Esse tecido que nos espera não aponta esperança. É cru. Prossigamos, então.

Serpenteando palavras ao vento, prossigamos. Hiatos que saltam a rasurar sentidos, prossigamos. Maculada página: Fajuta àqueles que tentam incessantemente significar essas linhas. Honestamente, não têm muito a dizer. As palavras me fogem, um corpo cansado teima em costurar algumas tralhas. Pois bem, que sejam lançadas. Às vezes, remendar-se é tudo que pode o corpo: procurar brechas em meio à lassidão da existência.

A existência, existir em pleno estado de graça. Quanta graça há na vida. Qual vida? Que graça? Quantos dentes à mostra dia após dia. Dentes à mostra. Quanta alegria. Gentes se aproximam, seus passos largos denunciam a pressa, logo seus dentes serão revelados. Elas precisam sorrir. Afinal, estamos vivos, um brinde à vida! Preciso devolver-lhes o sorriso, dou uma forçada. Meu humor lúgubre tem me tirado do sério. Com todas essas tecnologias chego a crer que realmente estou doente de alegria. Meu corpo remendado, minha escrita retalhada. Meu sorriso torto, meu humor lúgubre. Estão todos felizes. Um brinde à vida. Afinal, estamos vivos. Afinal, não é o que me parece, mas o que me parece pouco importa. O que lhes parece? E a página continua a me convocar à morte. Preciso morrer. Todos os dias morremos um pouco, muito do que há em nós precisa morrer. Essa certeza me esgota, *uma dobra*, sinto-me bem. Não posso estar doente. É genuíno. Quero sorrir agora. “O verdadeiro riso ganha a maior das apostas”.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> GAIMAN, 2010, p. 444.

<sup>36</sup> BUKOWSKI, 2013, p. 15.

O que é terrível não é a morte, mas as vidas que as pessoas levam até a sua morte. Não reverenciam suas próprias vidas, mijam em suas vidas. As pessoas as cagam (...) seus cérebros estão entupidos de algodão. São feios, falam feio, caminham feio. Toque para elas a maior música de todos os tempos e elas não conseguem ouvi-la. A maioria das mortes das pessoas é uma empulhação. Não sobra nada para morrer.<sup>37</sup>

À invenção desse texto dialogamos com alguns pensadores imprescindíveis para uma escritura suicida. Em muitos momentos, no decorrer de nossos encontros, desejei matá-los impiedosamente, de forma cruel, bem como *a vida como ela é*.<sup>38</sup> Matá-los, pois que me matavam. A condição de deformação frente às novas paisagens que se costumavam a cada encontro fora vertiginosa. *Perder-se do eu para encontrar o si mesmo*. E acho que foi Nietzsche quem me aplicou isso, não sei. Uma transmutação, uma perda. Um resto. O corpo se aquieta durante esse processo. Ele busca abafar os pensamentos agitados, o quente corpo precisa frio. Às vezes, cessar os sentidos é tudo o que pode o corpo. Um corpo forte em toda sua delicadeza. Há muitas vozes no entorno, onde foi parar o silêncio? “É difícil viver com os homens, porque é tão difícil o silêncio.”<sup>39</sup>

Em meio ao meu esgotamento, em meio ao meu cansaço, toda a vontade de nada, todo nada de vontade que se agregam e compõem a produção de subjetividade no contemporâneo. Uma figura se aponta como *uma ponte*. Uma possibilidade de traçar sentidos em meio a todo niilismo reativo,<sup>40</sup> contexto em que a existência é subtraída em razão da moral talhada a sangue e pó, em que a vida é investida em identidades, recolhida *em identidades*, tornando-se cimentada, cansada, fatigada e sempre às bordas de uma mediocridade que impera. “(...) o homem reativo, ‘o mais feio dos homens’, que, por não suportar aquele que via toda a vergonha e a fealdade ocultas no âmago de seu ser, vingou-se dessa testemunha”.<sup>41</sup>

Enrubescendo até a raiz dos cabelos brancos, afastou o olhar e moveu o pé, a fim de deixar aquele lugar ruim. Mas naquele instante o ermo sem vida produziu um som: algo gorgoleja e estertora ao passar, à noite, por canos obstruídos; e afinal aquilo se tornou voz humana e fala humana – que assim soou: “Zaratustra! Zaratustra! Advinha meu enigma! Fala! Fala! O que é a vingança contra a testemunha? Eu te

---

<sup>37</sup> Idem, 2013, p. 14-15.

<sup>38</sup> RODRIGUES, 2008. Alusão ao livro “*A vida como ela é... em 100 inéditos*”.

<sup>39</sup> MACHADO *apud* NIETZSCHE, 2001, p. 110.

<sup>40</sup> ROLNIK, 2011, p. 11. “Uma dificuldade que marca o modo de subjetivação que herdamos da modernidade, portadora da tradição utópica que tantos estragos já causou. O empreendimento tornava-se indispensável pelo desejo de superar os resquícios dessa herança que ainda hoje nos estrutura e que nos faz alucinar paraísos e perder o pé nos processos reais”

<sup>41</sup> MACHADO, 2011, p. 48.



chamo para trás, aqui há gelo escorregadio! Olha! Cuida para que teu orgulho não quebre as pernas aqui! Acredita ser sábio, ó orgulhoso Zaratustra? Então adivinha meu enigma, ó duro quebrador de nozes, – o enigma que eu sou! Diz, então: quem sou eu?” (...) “Eu bem te conheço”, disse ele com voz de ferro: és o assassino de Deus, deixa-me ir. Não suportaste aquele que te viu, que sempre te viu e te escrutou, ó homem feíssimo! Te vingaste daquela testemunha!”<sup>42</sup>

Abluídos nessas paisagens onde gentes sustentam identidades a todo custo, rijos corpos, vidas feias. As cabeças pesam! Consciências hipertrofiadas. Os pés não sustentam o chão, estes, instáveis, entretanto, nada deslizantes. Como deixar passar? Identidades sustentadas a custo da própria vida. Como deixar passar quando os rostos não sustentam mais os sorrisos. Dentes à mostra nem sempre é felicidade. Como deixar vazar? O importante é dar passagem e seu preço pode ser custoso. Caro. Às vezes não vibrar é tudo o que pode o corpo. Corpo em coma. É o que pode? É corpo?

Zaratustra chama a atenção para o perigo de que, depois do niilismo da morte de Deus, ou da substituição de Deus pelo homem reativo, o niilismo continue não apenas mudando de forma, mas atingindo sua etapa mais terrível: o desaparecimento de toda vontade, a ausência de todo valor, o fim do amor, da criação, do anseio. Pois o último homem não é o que, para usar uma ideia explicitada por Deleuze, prefere um nada de vontade, isto é, extinguir-se passivamente, a uma vontade de nada?<sup>43</sup>

Com essas vidas cheias de si e paradoxalmente cansadas que esses fragmentos-dissertativos se entrelaçam como estratégia, fazendo-as vazar. São esses modos de viver que se quer tomar; ora em goles rápidos, sôfregos, ora lentamente. Para isso, doses de literatura e pensadores malditos *ou* golpes no crânio<sup>44</sup>.

uma mulher se levanta  
sai  
bate a porta  
um poema sujo  
alguém me disse para não ler poemas sujos  
aqui  
tarde demais.<sup>45</sup>

---

<sup>42</sup> NIETZSCHE, 2011, p. 250.

<sup>43</sup> MACHADO *apud* DELEUZE, 2001, p. 56.

<sup>44</sup> Alusão à carta de Kafka a Pollak.

<sup>45</sup> BUKOWSKI, 2012, p. 115. Fragmento do poema ‘*O recital da poesia*’.

## Sobre os bons e maus homens Sobre os homens do bem e do mal

Esses psicólogos ingleses, aos quais até agora devemos as únicas tentativas de reconstituir a gênese da moral – em si mesmos eles representam um enigma nada pequeno; e é como enigmas em carne e osso, devo admitir, que eles têm uma vantagem essencial sobre seus livros – *eles são interessantes!* Esses psicólogos ingleses – que querem eles afinal? Voluntariamente ou não, estão sempre aplicados a mesma tarefa, ou seja, colocar em evidência a *partie honteuse* (o lado vergonhoso) de nosso mundo interior, e procurar o elemento operante, normativo, decisivo para o desenvolvimento, justamente ali onde o nosso orgulho intelectual menos *desejaria* encontrá-lo (por exemplo na *vis inertiae* (força da inércia) do hábito, na faculdade do esquecimento, numa cega e casual engrenagem ou trama de ideias, ou em algo puramente passivo, automático, reflexo, molecular e fundamentalmente estúpido) – o que impele esses psicólogos sempre *nesta direção?*<sup>46</sup>

Não é de hoje que os termos *bom, mau, bem, mal* são posicionados de maneira utilitarista e classificatória. Em *Genealogia da Moral*, Nietzsche nos convida a um perambular acerca da epistemologia dessas pequenas formidáveis palavras, as quais podem disparar – devido a um modo de consumo –, a expansão ou a depreciação da potência de vida. Muitos, ao respirarem tal literatura, ao se embrenharem em seus sombrios e arriscados trajetos, perdem-se em interpretações fajutas, maniqueísmos e veleidades metafísicas, de modo que as palavras, murmúrios e gagueiras teimosos do aludido autor não conseguem pousar e produzir a ansiada transmutação, subversão dos valores, das verdades. Isso porque seu passeio genealógico é um passeio histórico, diferente dos *historiadores da moral*, praticantes de uma historiografia, cujas práticas são fundadas em rasos registros de fatos históricos encontrados em arquivos, em versões geralmente conservadas e publicadas, uma vez consideradas interessantes às classes dominantes e ao Estado. Segundo Baremlitt,<sup>47</sup> “esses textos historiográficos são apresentados como descrições “objetivas”, neutras e preferenciais, quando não exclusivas, (...) mais importante pelo que omite ou disfarça do que pelo que afirma.”

À luz do *caro senhor de bigode*, estes incautos pesquisadores foram desamparados pelos bons espíritos da história, “Mas infelizmente é certo que lhes falta o próprio *espírito histórico*, que foram abandonados precisamente pelos bons espíritos da

---

<sup>46</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 15, grifo do autor.

<sup>47</sup> BAREMLITT, 2012, p. 147.

história!”<sup>48</sup> Que estes mímicos moralistas não passam, a meu ver, de falastrões verborrágicos, os quais atualizam cotidianamente as morninhas existenciais.

Os séculos mudaram, o filólogo alemão retrata uma caricatura comum ao século XIX, sendo esta demasiado cabível ao século que nos atravessa, hoje. Os moralistas prosseguem, em sua procissão nefasta, sacrificando-se a história à acre verdade. Negam-se os acontecimentos, as atividades afirmativas do acaso, ascensão da diferença e das singularidades<sup>49</sup> em nome da moral. Da alienação da história: padecimento da vida.

Todos eles pensam, como é velho costume entre filósofos, de maneira a-histórica; quanto a isso não há dúvida. O caráter tosco de sua genealogia da moral se evidencia já no início, quando se trata de investigar a origem do conceito e do juízo “bom”. “Originalmente” – assim eles decretam – “as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram “úteis”; mais tarde foi *esquecida* essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem sido *costumeiramente* tidas como boas, foram também sentidas como boas – como se em si fossem algo bom.”<sup>50</sup>

De modo oportuno e perspicaz, Nietzsche aponta críticas à literatura de Dostoiévski. Conforme o filólogo, a escrita do artista seria “um verdadeiro golpe de mestre da psicologia”.<sup>51</sup> Dostoiévski, em memórias do subsolo, *caminha no fio da navalha*, não apenas talha caricaturas comuns ao século em que viveu, tal como Nietzsche, XIX, como as convoca. Caricaturas que protagonizam a miséria, absolutamente não a representam. O miserável protagonista de Fiódor Dostoiévski entra em sutil contato com as nossas misérias. Os mesquinhos e soberbos humanos – *demasiado humanos*<sup>52</sup> – atravessam os séculos e gemem para além e aquém das linhas dos artistas em questão;

Vocês acham terrível ouvir meus infames gemidos? Pois que seja terrível; e agora, para vocês, vou emitir uns gargateios ainda mais terríveis...<sup>53</sup>

Pensamentos entalhados, peito farto, cobiça, avidez, cansaço, compadecimento, morbidez, tédio, culpa, piedade, condescendência: monólogo incessante – o temor

---

<sup>48</sup> NIETZSCHE, 2009, p. 16, grifo do autor.

<sup>49</sup> BAREMBLITT, 2012, p. 146.

<sup>50</sup> NIETZSCHE, 2013, p. 16, grifo do autor.

<sup>51</sup> Citação referida ao livro *Notas do Subsolo* de Fiódor Dostoiévski, encontrada na contracapa deste.

<sup>52</sup> “Se há continuidade entre os valores divinos tradicionais e os valores humanos, modernos, o que torna possível essa passagem e faz da modernidade um ‘cristianismo latente’ é certamente a moral” (MACHADO, 2001, p. 63).

<sup>53</sup> DOSTOIEVSKI, 2012, p. 24.

sobreleva. Anestesiado por respostas reativas, corpos reativos ou os chamados cientistas da alma, legisladores da moral, nós, os especialistas.

Eu lhes peço, senhores, que, quando tiverem oportunidade, ouçam com atenção os gemidos do Homem culto do século XIX sofrendo de dor de dente, lá pelo segundo ou terceiro dia do seu sofrimento, quando ele já começa a gemer de maneira diferente de quando gemia no primeiro dia, isto é, não geme apenas porque lhe doem os dentes, e sim como um Homem que foi atingido pelo desenvolvimento e pela civilização europeia, um Homem “que renegou seu solo e suas raízes populares”, como agora se diz. Seus gemidos tornam-se detestáveis, grosseiramente raivosos, e continuam por vários dias e noites. Mas ele mesmo sabe que os gemidos não terão utilidade alguma; sabe melhor do que ninguém que é em vão que ele tortura e irrita a si e aos demais; sabe que até a plateia que ele quer impressionar e toda a sua família já sentem repulsa ao ouvi-lo gemer, não acreditam nem um pouquinho na sua sinceridade estão convencidas de que ele poderia gemer de outra maneira, mais simples, sem tremer a voz e sem bancar o original, de que ele está fazendo palhaçada de raiva, por pura maldade. Pois bem, a volúpia está em todas essas tomadas de consciência e nessas indignidades.<sup>54</sup>

Os rudes homens do conhecimento desconsideram a vida ao traçarem ao processo do existir, duras linhas; à vida, mordaz verdade. Não se trata aqui de uma verdade construída eticamente, a verdade do que pode ou não o corpo. O que pode, afinal? As verdades sempre em vias de tornarem-se coisas outras e, portanto, mutáveis. Enviesada por peles rugosas dos asfaltos, das cidades (sempre em *vias* de), pelas avenidas, pelas sombras, cheiros, cores, sons, pelo chão de terra, com ou sem chuva. Pelos laços azuis que compõem os cabelos das meninas, ou pelos laços, cosidos, com laços outros, que atravessam os vestidos, as saias, os jeans. Pelos lábios das moças. Cicatriz em *via* de... *desenho qualquer*. Pelas doses de água, álcool ou café. *Uma criança saberia, melhor que nós, explicar essa prosa. Crianças sabem saltar. O praticam com força e delicadeza.*

Voltemos.

Os filósofos clássicos e suas tendências contemplativas. E não duvidem, caros, eles se *acham o máximo* perpetuando essa prática. Não queiramos julgar, como já bem o fazem tais delegados da moral, mas, atentemo-nos ao que tais práticas produzem, hoje, no contemporâneo. Atentemo-nos às conversas vazias, à frouxidão da urdidura. Aos encontros mesquinhos, às misérias.

---

<sup>54</sup> DOSTOIEVSKI, 2012, p. 24.

Certa vez uma moça questionou-me:

– O que é arte pra você?

– Bem, arte pra mim é aquilo em que há miséria.

Ela redarguiu:

– O que você entende por miséria, então?

Eu, confiante, *um bigodudo me contou, antes dele, tombei com as saias*, prossegui:

– É aquilo em que não há miséria.

A miséria existe, não precisa ser evidenciada, representada. Se meu exercício de pensamento foi certo ou errado, não vem ao caso. O que trago aqui, senhores, além de cigarros e poeira, é contágio. Esses homens do subsolo têm tara por terras profundas, por procurar – em si – as respostas para o mundo. Esses homens covardes temem o contágio, para tanto prosseguem reiterando falácias – seus castelos de areia – o caso (vil, hostil) com a solidão. O apego à forma, a náusea do ocaso, o medo. O medo de sentir medo: a moral! Platão e seu mundo de cópias e representação ou o medo da própria sombra. Edificam-se ideais para os quais a vida deve ser – ou não – concebida: produção de antibióticos contra o risco que é urdir *uma vida*. Antibióticos contra o riso, forjadores de ironias (o riso do incauto, o riso reativo). Um modelo de vida para sobreviver, um rosto, um corpo. Absolutamente incorruptíveis.

Para Platão Homem virtuoso (que o mundo moderno substituiu por Homem saudável e legislador e que encarna uma pura forma de lei) é aquele que purifica sua alma das misturas corpóreas e liga seu desejo, não a outros corpos, mas a Ideias eternas.<sup>55</sup>

Para Platão, o que rege a vida são as normas. Aos remendos, é claro, **muitos**: fios esgarçados, reformas enfadonhas em tecidos desgastados. Estas reformas contra as quais o caro *senhor de bigode* alinhavou crítica e produziu questionamentos que o levaram a cavar saídas. A literatura, então, torna-se aliada. A literatura, desviante aliada.

Tal qual Dostoiévski soube, astuciosamente, dobrar a língua, torcê-la, brincar com as palavras através de sua poesia – *a arte de criar desvios* –, outros tantos conseguiram com proeza coser *uma vida* por meio da arte dos murmurinhos: a língua gaga, torta, aquela que, com filosofia e estética trágica ascende no ocaso, à meia noite: sacode as

---

<sup>55</sup> FUGANTI, 2008, p. 33.

estruturas e convoca os ditirambos ao ensaio, à dança, à morte. A dança da morte, a poesia crepuscular.

A filosofia trágica de que falo vai ao encontro da tão aspirada – e alcançada – por Nietzsche. Mas, em que se basearia esta aposta? Afirmo, sem sofreguidão, apesar de entender claramente o risco em desembaraçar-me (*quicá embaraçando-me ainda mais a estes fios*) à filosofia em questão, o risco em trazê-la como sustentação para cadenciar esta cançãozinha (*meio sem pé nem cabeça, por vezes, sem chão*). O filólogo, em seu *Zarathustra*, faz um deslocamento estético bastante evidente e oportuno. Ateve-se, entendendo que, com humor e sensibilidade, aos processos necessários para possibilitar entradas à arte, a arte dionisiaca. É certo que a passagem há tempos se desenhara. Em seu primeiro livro, escrito em 1871 – *A Origem da tragédia* –, o autor disserta sobre o platonismo, dentre outros temas em que se embrenham os homens e, consoante Machado, este livro aponta para duas questões, “dois objetivos principais: a crítica da racionalidade conceitual instaurada na filosofia por Sócrates e Platão; a apresentação da arte dionisiaca e apolínea, como alternativa à racionalidade”.<sup>56</sup> O próprio autor tece apreciações sobre sua obra, fato demonstrado através de um ensaio de autocrítica, no qual Nietzsche revela sua inquietação, de modo que o cume de sua maturidade artístico/filosófica (ao que sempre esteve engajado – afirmação da arte trágica) é alcançada em seu *Zarathustra*:

Situemos a posição ímpar que o *Zarathustra* ocupa na obra de Nietzsche. Em primeiro lugar, quanto ao conteúdo. É indubitável que desde *humano, demasiado humano*, de 1878, e em seguida com *Aurora*, de 1881, Nietzsche cada vez mais se afasta da problemática da “metafísica de artista” que orientava *O nascimento da tragédia*, e, portanto de Wagner e Schopenhauer. No entanto, é com o *Zarathustra* que ele atinge a maturidade, no sentido em que aparece nesse livro pela primeira vez, ou são dessa época, os temas mais singulares, mais originais de sua filosofia. *Zarathustra*, “a mais livre de minhas produções”, inaugura o terceiro e último período da filosofia de Nietzsche.<sup>57</sup>

Nietzsche considera os meandros dos caminhos, as veias das avenidas, os cheiros da terra, o caminhar. Ele considera, não apenas considera, ele convoca das ruas, às margens, para fazer ruir a racionalidade conceitual platônica e socrática aplicada à filosofia clássica e esparzida às demais áreas do conhecimento, isso inclui a psicologia.

---

<sup>56</sup> MACHADO, 2001, p. 11.

<sup>57</sup> Idem, 2001, p. 19, grifo do autor.

Acerca do pensamento clássico, Fuganti versa que “Platão é um paranóico perseguido por fluxos, é um animal piedoso que pretende proibir as metamorfoses em nome de um obscuro bem.”<sup>58</sup> Os consumidores retóricos, abluídos em discursos medíocres de juízos de valor, reiteram, no contemporâneo, a negação presente nos tais estudiosos da alma, com os quais Nietzsche dialoga. Ao invés de refutarem tais conceitos e possibilitarem passagem às linhas revolucionárias, mantém o vicioso, néscio, ciclo da fadiga existencial. Estes homens da moral, que legitimam em suas ciências o bom Homem enquanto um Homem constrangido – *como as ondas do mar são pelos ventos* –, fraco, submisso, subserviente, complacente; nutrem-se em especialismos autocentrados.

Homens da moral que padecem aos gemidos: *deixem-nos em nosso subsolo, onde seguros estamos, distantes daqueles estúpidos. Deixem-nos, não queremos nos contagiar.*

A covardia! O que se afirma? Negação. Cansaço – néscio laço. Doses malditas de literatura, então, para que nas brumas encontre-se passagem e que seja possível superar; nos interstícios do ocaso, uma ponte, um desvio, um caminho. “Há definição da vida como vontade de potência no sentido de auto-superação: tendência a subir, vitória sobre si mesmo, domínio de si mesmo, esforço sempre por mais potência”.<sup>59</sup>

Mas uma violência mais forte cresce de vossos valores e uma nova superação: nela se quebram o ovo e a casca do ovo.  
E quem tem que ser um criador no bem e no mal: em verdade, tem de ser primeiramente, um destruidor e despedaçar valores.  
Assim, o mal supremo é parte do bem supremo: este, porém, é criador.  
Falemos disso, ó sábios entre todos, embora seja desagradável.  
Silenciar é pior; todas as verdades silenciadas tornam-se venenosas.  
E que se despedace tudo o que, de encontro as nossas verdades, possa – despedaçar-se! Ainda há muitas casas por construir.  
Assim falou Zaratustra.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> FUGANTI, 2008, p. 35.

<sup>59</sup> MACHADO, 2001, p. 101.

<sup>60</sup> NIETZSCHE, 2001, p. 111.

## Nos interstícios da pele: literatura menor ou esboços de *uma vida*

se não sai de ti a explodir  
apesar de tudo  
não o faças  
a menos que saia sem perguntar do teu  
coração, da tua cabeça, da tua boca  
das tuas entranhas  
não o faças

se dá trabalho só pensar em fazê-lo  
não o faças  
se tentas escrever como outros escreveram,  
não o faças

não sejas como muitos escritores  
não sejas como milhares de  
pessoas que se consideram escritores  
não sejas chato nem aborrecido e  
pedante  
não te consumas com auto-devoção

a menos que saia da  
tua alma como um míssil,  
a menos que o estar parado  
te leve à loucura ou  
ao suicídio ou homicídio,  
não o faças.  
a menos que o sol dentro de ti  
te queime as tripas,  
não o faças.

se tens que te sentar e  
reescrever uma e outra vez  
não o faças

se tens que esperar para que saia de ti  
a gritar  
então espera pacientemente  
se nunca sair de ti a gritar  
faz outra coisa

as bibliotecas de todo o mundo têm  
bocejado até  
adormecer  
com os da tua espécie  
não sejas mais um  
não o faças.

quando chegar mesmo a altura,  
e se foste escolhido,  
vai acontecer  
por si só e continuará a acontecer  
até que tu morras ou morra em ti.  
não há outra alternativa.  
e nunca houve.<sup>61</sup>

---

<sup>61</sup> BUKOWSKI, 2012, p. 95.



Esses fragmentos-dissertativos insistem em compor linhas com uma literatura, uma literatura menor.

Que linhas estamos a tecer, afinal? “Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. A literatura está do lado do informe, ou do inacabamento”.<sup>62</sup> Nesse inacabamento, escrever e partilhar a escrita operam como um modo de tornar-nos outros. “A escrita como encontro com a alteridade, como um desmanchar do Idêntico, a escrita como um ‘outramento’. Uma estranheza”.<sup>63</sup>

Literatura menor, informe e inacabada, literatura em devir. E se “os devires são geografias, são orientações, direções, entradas e saídas,”<sup>64</sup> a literatura torna-se passagem na produção de saúde. Na invenção de *uma vida*. Nas palavras de Deleuze, “fim último da literatura: pôr em evidência no delírio essa criação de uma saúde, ou essa invenção de um povo, isto é, de uma vida.”<sup>65</sup>

Um Atletismo que não é orgânico ou muscular, mas "um atletismo afetivo", que seria o duplo inorgânico do outro, um atletismo do devir que revela somente forças que não são as suas, "espectro plástico". Desse ponto de vista, os artistas são como os filósofos, têm frequentemente uma saudezinha frágil, mas não por causa de suas doenças nem de suas neuroses, e porque eles viram na vida algo de grande demais para qualquer um, de grande demais para eles, e que pôs neles a marca discreta da morte. Mas esse algo é também a fonte ou o fôlego que os fazem viver através das doenças do vivido (o que Nietzsche chama de saúde).<sup>66</sup>

Corrijo-me, antes de dar continuidade a esse insano texto que se teima consistente. Asseguramos sua insanidade, pois que assim corroboramos a flexibilidade de suas linhas para ousarem outras costuras. Outras costuras como um viver na vida algo que se faz no desvio, na produção de uma vida outra, nos interstícios da pele os poros dilatam-se, contraem-se, pulsam ao passo que um corpo se contorna, se estende, se arrasta, se faz corpo outro. Vida outra. Existência máxima e mínima. Transmutação. Um inseto? Um rato? Um moribundo? Um qualquer? Um? “Só a vida cria tais zonas, em que

---

<sup>62</sup> DELEUZE, 1997, p. 11.

<sup>63</sup> DOMINGUES, 2004, p. 4 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n1/v16n1a12.pdf>>. Acesso em 7 de abril de 2015.

<sup>64</sup> DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10.

<sup>65</sup> DELEUZE, 1997, p. 15.

<sup>66</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 71. Disponível em: <[http://www.casadosino.com.br/divulgacao/biblioteca/deleuze\\_guattari\\_q\\_ah\\_a\\_filosofia.pdf](http://www.casadosino.com.br/divulgacao/biblioteca/deleuze_guattari_q_ah_a_filosofia.pdf)>. Acesso em 10 de maio de 2015.

turbilhonam os vivos, e só a arte pode atingi-la e penetrá-la, em sua empresa de cocriação. É que a própria arte vive dessas zonas de indeterminação”.<sup>67</sup>

Pouco sei, como pouco sabem aqueles tomam em mãos esses rabiscos. Se for para estar no recato, à espera de inspirações, ideias, formas prontas, textos e discursos “úteis” no intento de parafraseá-los, prefiro, tal qual o sujeito que desenhou o aludido poema, sequer tentar. Costuro no risco. Em doses que se arriscam nos tênues fios revolucionários. Não dispomos nossos corpos, ferramenta primor dessa dissertação, para interpretar veleidades. Que falácia, que ledó engano, seria. Há corpos em questão! Tenhamos algum cuidado com esses corpos tortos, que pouco se deitam. Mantêm-se, quase sempre, sentados. Cuidado, é de que precisamos, a linha, reitero, é tênue, e é nela que afirmamos um caminhar, um passar, um deslizar, para ser possível alinhar *uma vida*. Portanto, *don't try*<sup>68</sup>! Caso pretenda tentar, não o faça. Apenas faça! Caso escreva, escorra! Caso pretenda uma escrita truncada, não o faça. *Se não sai de ti a explodir apesar de tudo, não o faça*.

Vivemos em meio a relações demasiado enrijecidas por um modo de operar pautado em maniqueísmos e automatismos. Subjetividades conformadas, mimetizadas, corpos constrangidos que consigo carregam a dureza da condescendência. Corpos que negam uma vida. Como disparar linhas que possibilitem afirmar novas suavidades nesses corpos conformados? Corpos estes, desgastados por repetições desmedidas. Nossa escrita aposta na literatura como fio revolucionário: a potência do sutil! Ainda que sejam necessários cortes mais profundos à destreza que é o viver. Ninguém disse que seria fácil. O que dispomos? Doses! Fios da navalha! Um caminho, uma ponte: *uma vida*.

Um corpo vibra. Costuras e remendos oportunos para deslocar? Produzir obras de arte. Danças, vida! Libertar-se das amarras do niilismo. Das práticas, discursos e estéticas reativas?

O que é belo, afinal?

O que é belo, para você?

---

<sup>67</sup> Idem, p. 72.

<sup>68</sup> ‘Nem tente’, epitáfio de Bukowski.

Como produzir fissuras no ordinário? Deixar vaziar, correr, passar. Dar passagem. Produzir pausas. Usar a literatura como ferramenta para lentificar os processos vividos, tornando-os vívidos.

Kafka, Melville, Burgess, Dostoievski, Kane, Rodrigues. Bukowski, Duras, Nietzsche – autores malditos que nestes tecidos aparecem outros. São os marginais que desenharam, a legião que carregam. E sim, os conheci um bocadinho e vocês não imaginariam como. Aqui, nessa tessitura vulgar, eles ascendem permeando *uma vida*. Corpos quaisquer que vos falam. Peles quaisquer cheias de rabiscos. São vários, várias. Fortes criaturas, estas que permeiam corpos, convocam-nos a olhar o contemporâneo sob lentes dessacralizadas. Convocam-nos a um caldeirão sinestésico, abluído em música, poesia, pele, desgraças, dor, vida. Elas existem, pois que escrevem sobre o que existe.

A literatura menor nos convoca ao exercício do pensamento trágico. Ela gagueja, salta, tropeça no hegemônico: língua maior, discurso moral. Ela joga por terra os ideais ascéticos, o ressentimento, a má consciência ao responsabilizar-se como artista. Como aquele que tem em punho pincéis para traçar, pintar, desenhar sua obra. Em punho tesouras, agulhas e linhas. Pois que ela é quem permeia nossos corpos para produzir existências outras. *Nossos corpos são máquinas de cortes, talhados nas amarras da vida, da sorte.*

Tomar o trágico como ação, afirmação estética e filosófica para urdir uma vida é ir absolutamente de encontro às amarras do niilismo que ainda prepondera no contemporâneo. O trágico é a possibilidade, a aposta numa vida outra. O trágico é o deslocamento. É o pouso de um pássaro sobre um tênue fio. O trágico é o romper das cortinas, o clarear das retinas, um tênue fio.

Ou pra dizer com a linguagem daquele trasgo dionisíaco, o que se chama Zaratrusta: [...] “Zaratrusta, o dançarino; Zaratrusta, o leve, que acena com as asas, pronto a voar, acenando a todos os pássaros, preparado e pronto, um bem-aventurado leviano”.<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> NIETZSCHE, 2007, p. 21.

## Então, tu te pretendes leitor? Tu queres as ruas? Tu ousas escrever?

“A rua é a transformadora das línguas (...) A rua nasce, como o Homem, do soluço, do espasmo.”<sup>70</sup>

A literatura menor arrasta-nos. Convoca-nos o corpo a uma maquinaria de vida. E com esses pensadores malditos, os livros, as palavras, as letras, os cheiros das páginas ganham ruas. Literaturas menores lançam-nos às ruas, em um perambular incessante. E as ruas inscrevem-se, escrevem-se em nós. Tu podes su-portar?

\*\*\*

Invente um qualquer. Soluce! Sussurre...

A este qualquer há algumas reservas. É qualquer, sim, mas carece algumas observações para que se desdobre. Serei mais coesa e explícita. Trabalho árduo, de fato. Descarrilamentos, agitações e letargias saltam essa escrita, bem como *alguma* tara por prolixidades, devaneios e confusões. Taquicardia também se apresenta, em dias de sol, dias de chuva. Isso não é muito gentil conosco, mas é o que dispomos, neste momento. Como ser mais gentil se um qualquer – ao qual o convoco – não se trata *apenas* de qualquer suave?

À maneira como preciso vestir uma roupagem para conversar com os equilibristas (e tirar outras tantas), para com eles, equilibrar-me nos fios da navalha, linhas da vida, dispor meu corpo para talhar esse texto – pequena tessitura, *quase* ordinária – Ah, Meu corpo-ferramenta! Careço leitor, de sua generosidade. Sua astúcia, sagacidade. Preciso de seu corpo. Seu corpo entregue, disposto. Seu, nossos corpos – *flâneur*. Às *quase* ordinárias redes dessa tessitura. Nossa transmutação. Mas, reitero: Nem tente! Faça ou as deixe. As tome noutra momento, quiçá momento algum.

Se juntos não nos dispormos, cada uma dessas palavras será, decerto, obsoleta.

Aos marginais: transformadores de línguas, os profanadores de palavras, os miseráveis, bocas de calha! Questionadores de povos, legiões: *flâneur*. Uma frase, sequer, uma frase, poderia ser rasurada sem que seus corpos estivessem interessados, envolvidos, dispostos. Não, não seria absolutamente possível costurar hiatos sem que as rugosas

---

<sup>70</sup> JOÃO DO RIO, 2012, p. 20.

peles desses artistas se entrecruzassem às rugosas peles das ruas. É dos sulcos abissais das ruas que os cenários se constroem. Nesse avesso enviesado fervilham os artistas menores... os pequenos travessos e suas grandes saúdes – frágeis. Sua desfeituza, inutilidades, suas artes!

“Toda arte é demasiado inútil.”<sup>71</sup>

Corpos flinando, peles – contágio. “O flâneur é ingênuo, quase sempre.”<sup>72</sup> Um bobo? Sim. Creio ser esse o segredo de sua astúcia. Existindo abobalhado, resistindo, com humor e audácia. O *flâneur* é o anônimo, em seus ensaios preocupa-se com os povos, as legiões que consigo carrega. Ele não tem nome, não tem identidade. É feito de nós, pequenos artistas – veios na palma da mão – pequenos equilibristas e suas doses de vida, suas doses de morte. “O artista é o criador de coisas maravilhosas. Revelar a arte, esconder o artista é a meta.”<sup>73</sup>

Abobalhar-se nos meandros da vida, nos vincos das avenidas, nas fissuras dos caminhos, nos descaminhos dos trajetos. “E, de tanto ver o que os outros não podem entrever, o flâneur reflete.”<sup>74</sup> O bobo *flâneur* em suas perambulações, lança-se. Alcança os sopros, as fumaças, os bocejos, as lágrimas, o tédio, o cansaço, os olhos. Alcança o brilho nas brumas dos olhos do transeunte. Os passos da moça, os grampos, as risadas... a moça.

Penso nas músicas que devem sussurrar a pele do *flâneur*... a cada paragem, uma melodia, uma cantoria, um passarinho. Uma conversa. Palavras inscritas em sonoridades vibrantes. Tu podes portá-las?

Queremo-nos leitores? Queremos escorrer literaturas menores? Queremo-nos escritores de *uma vida* que corre.

E nossos protagonistas correm! Como ninguém, como jamais correriam os atletas de rijos corpos, bem definidos, organizados – corpos/soldados – que vejo marchando pelas ruas. Absolutamente sem estilo. Com seus fones de ouvidos, seus celulares, suas roupas coloridas. Seus corpos cheios de tintas caras! Seus corpos falácia! Não. Essas pernocas não sustentariam as maratonas de nossos malditos, nossos equilibristas. Aos quais dedico cada uma destas estúpidas linhas!

---

<sup>71</sup> WILDE, 2014, p. 6.

<sup>72</sup> JOÃO DO RIO, 2012, p. 23.

<sup>73</sup> WILDE, 2014, p. 5.

<sup>74</sup> JOAO DO RIO, 2012, p. 23.

Meus equilibristas e suas saúdes. Meus equilibristas malditos e suas literaturas insanas, vis. Meus equilibristas e seus corpos finos, frágeis. Meus equilibristas e suas doses! Doses: álcool, ópio, heroína, cocaína, maconha, benzodiazepínicos, cigarros, cigarros e água. Muita água! Meus equilibristas e suas doses de rua, suas mãos em fissuras, pernas tortas e torneadas – cabeças quentes, corpos quentes! Meus equilibristas e seus fios da navalha, sempre à iminência de... por vezes navalham-se, impiedosamente, cortando o que se pede rosto. Que rosto!? Que cara!? Meus equilibristas e seus corpos, silhuetas e suas espinhas e suas marcas e suas ternuras e gentilezas. Meus equilibristas e seus trapos. Meus equilibristas e seus pés, calejados! Meus equilibristas e seus cheiros de ruas.

Tu podes torná-los teus?

\*\*\*

### **Você quer participar de uma experiência literária?**

Torná-los teus...

Como produzir uma escrita como um modo de acompanhar nossos equilibristas? Essa pergunta, esse problema, acompanha esse tempo dissertativo.

Como instrumento, como ferramenta de precisão e de corte, usar escrita para acompanhar modos de subjetivação contemporâneos, e quiçá, alinhar-se com seus desvios. Tratam disso esses fragmentos-dissertativos. Ler, acompanhar as trêmulas linhas de literatura, colocar-se em composição, escriturar, alinhar fios de uma vida e e...

Afirma-se aqui a literatura como fio, como tecido que escande, que urde. Literatura menor, trágica. Tropeçar nos fios do ressentimento. Isso escancara esses fragmentos-dissertativos.

Bem disse que esse texto era por vezes pouco generoso. Feito em tropeços e de sinuosidades do equilibrar, no sentido de manter-se, sustentar-se, aguentar-se em seus balanceios. Para produzir esses fragmentos-dissertativos foi preciso exercitar esses verbos. Foi preciso exercitar verbos, colocar-se em ação. Na contramão dos ressentimentos, dos homens de más consciências que teimam em prender os tecidos. Virar ao avesso, trazer, esgarçar o homem do conhecimento, e junto dele, o medo.

Sim! Exercitar, colocar-se em ato, é vazar o tecido do medo, que para Nietzsche, é um afeto deprimente.<sup>75</sup>

Esses fragmentos-dissertativos produziram-se tortos, em desconcertos. Dias, paisagens, livros folheados e engolidos, pedidos insistentes por um texto *com-sentido*. Tantas orientações em torno de um problema de pesquisa e de um método para praticá-la. E no avesso, na contramão, tecia um fragmento literário. Fui tomada por Rodrigues, Bukowski, Kafka, Melville e solidão e povo e rua e pele e e e... Saí com livros, tirei-os das estantes, sujei-os. Li-os em mesas, varandas, calçadas. Falei dele com as pessoas, com os passantes, com os amigos, e os nem tanto. E lia Deleuze, Nietzsche e e e. Na orientação, pedidos, quase suplicados, escreva, escreva *com-sentido*. E lá vinha um fragmento, vinha torto, vazando medo, afagando coragem.

Quase ouvia uma voz dedilhando as teclas: e.s.c.r.e.v.a s.o.b.r.e o.s c.o.n.c.e.i.t.o.s. q.u.e. s.a.b.e. Eu sabia, quem não? E as páginas em branco sendo preenchidas por um fragmento literário: poeira, espinha, pernas, tralhas, trecos... E quando tomada por um compromisso acadêmico de fazer dizer os conceitos, sentava-me empertigada, e? Um passeio de personagens: Teresa, Telma, bobo, um jogador de bocha, moças sussurravam ao meu ouvido. Murmurinhos incomuns. Como não alçá-los, se eles são a consistência, a linha, a crise, a literatura e a vida?

Problema de pesquisa e um caminho se tecendo com fios por vezes invisíveis. Feitos, literalmente, ao fazer-se (ao fazer-me/ao fazer-nos). E doses de ruas, de calçadas, de varandas, de livros, de amigos, e de nem tanto. De paredes, de tetos, de vidros, poeiras, poeiras e mais poeiras. O que se quer? Problema disposto em cada entrelinha lida e escrita. Quer-se roçar modos de viver. Quer-se trágico. Quer-se bordar (isso! Fazer borda) o ressentimento, a culpa, a má consciência. Quer-se deixar de escondê-los, para fazê-los transmutar.

C.o.m.o? C.o.m.o? Insiste, a pergunta, a dedilhar. Suspiro. Sei escrever – digo miúdo –. E ler, e levar os livros por aí, para a padaria, para a esquina, para a cama. Esse é um jeito para tatear uma linguagem para meus pensamentos. Sorriso longo me toma. Nietzsche escreve que a “existência do mundo só se *justifica* como fenômeno estético.”<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> NIETZSCHE, 2007, p. 35

<sup>76</sup> Idem, 2007, p. 16.

Estética. Não desejo uma denúncia, persigo uma estética. Um modo de expressão do que se passa. Embebida de Nietzsche e dos literatos malditos, foi um encontro deparar-me, novamente, com MACHADO:

Nietzsche está mais uma vez, e agora no último período de sua criação filosófica, salientando o antagonismo entre discurso racional e arte trágica. Mas, ao mesmo tempo, e, sobretudo, está apontando uma dificuldade para toda filosofia, que como a sua, reivindica uma postura trágica, e portanto, precisa se expressar em uma linguagem adequada a essa visão do mundo: uma linguagem artística e não científica, figurada e não conceitual.<sup>77</sup>

Perseguir uma justificativa estética do mundo, dos modos de vida, requer vazar o medo, a “*hostilidade à vida, a rancorosa vingativa aversão contra a própria vida*: pois toda a vida repousa sobre a aparência, a arte, a ilusão, a ótica, a necessidade do perspectivístico e do erro.”<sup>78</sup>

Então, arrisco produzir e dar consistência para esses fragmentos-dissertativos com uma linguagem figurada, artística, bordando a ilusão, tecendo-se na errância.

Sorriso estampou-se. Há uma leveza em cezir um caminhar estético, experimental, com o que *há-com-tecido*.

\*\*\*

C.o.m.o? C.o.m.o?

Como esses fragmentos operam na produção de pesquisa?

O homem de conhecimento, da má consciência e da moral ronda-me (a quem não?). Há cheiro de medo. Podem fragmentos literários constituir-se como um método?

\*\*\*

Hiato. Gagueira.

Não desejo uma denúncia, persigo uma estética – repito.

A frase ressoa. Como poeira, ela suspende-se no ar, preenche-o de uma estranha opacidade. Há uma atenção. Um volume. E. a.g.o.r.a? C.o.m.o? Acompanho no ar a dança: persigo uma estética...

---

<sup>77</sup> MACHADO, 2001, p.18-19. Nietzsche faz essa análise no Prefácio em O Nascimento da Tragédia, anteriormente citado. Nietzsche traz que, em seu Zarastusa, ele, como filósofo, canta. Faz com que sua filosofia, seu conteúdo, tome a dimensão expressiva, torne-se uma obra de arte.

<sup>78</sup> NIETZSCHE, 2007, p. 17. Essa hostilidade foi longamente demarcada pelo cristianismo e pelo homem do conhecimento.



Para isso, urge inventar métodos, modos de caminhar, também estéticos.

É preciso convocar os outros. Convocar a arriscar-se com. O que tem tomado os corpos?

Muitos outros também perseguem... também convocam outros à conviver com seus “objetos-problemas”. Não se trata disso, afinal, uma pesquisa?

É isso! Lembro-me de uma pergunta-convite, com a qual tive contato por uma caixa amarela recheada de uma pesquisa<sup>79</sup> encorpada de vida: “Você quer participar de uma experiência artística?” Interroga Basbaum,<sup>80</sup> artista plástico brasileiro, em seu projeto NBP (Novas Bases para a Personalidade).

O projeto se inicia com o oferecimento de um objeto de aço pintado (125 x 80 x 18 cm) para ser levado para casa pelo participante (indivíduo, grupo ou coletivo), que terá um certo período de tempo (em torno de um mês) para realizar com ele uma experiência artística (concebida de modo amplo, em torno da noção de experiência como “hibridização dialógica imersiva” e arte enquanto “agregado sensível e conceitual voltado para o lado de fora”). As decisões acerca do tipo de experiência a ser realizada, locais onde será desenvolvida e como o objeto será utilizado, dependem diretamente dos participantes. Todos os que participarem de Você gostaria de participar de uma experiência artística? – indivíduo ou grupo –, desenvolverão experiências de livre proposição e escolha, tocando em questões em torno da arte e da vida e abordando o relacionamento entre o sujeito e o outro (tópicos implicados no projeto), que conduzem diretamente a processos de transformação.

Ao deter-se no “objeto”, produzindo junto a ele uma nova relação, não antevista no objeto, o participante é convocado a atuar, não como coadjuvante, mas como coprodutor da obra. Em execução desde 1994, o projeto hoje com a tiragem de vinte objetos que se encontram circulando em três continentes. O compromisso que os participantes assumem ao aceitarem o convite: “Você quer participar de uma experiência artística?”, é registrar os usos feitos com ele. E como aponta Basbaum, não é um objeto leve, dobrável, em que se pode guardar facilmente; conviver com ele no tempo proposto é lidar com os efeitos de sua presença e compartilhar os registros, tornando-os públicos.<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> Referência a Dissertação de Mestrado em Artes, da Universidade Federal do Espírito Santo, de Edson Arcanjo, defendida em 2013, que traz o projeto NBP.

<sup>80</sup> BASBAUM, R. Você gostaria de participar de uma experiência artística? (+ NBP). Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2008.

<sup>81</sup> As experiências dos participantes encontram-se disponíveis em <<http://www.nbp.pro.br/>>.

Acalme-se leitor. Trazemos Basbaum e seu convite, feito – e aceito – há mais de 20 anos a diferentes interlocutores, pois ele foi disparador de um acalento na produção desse caminho dissertativo.

Instigou-nos, deixou-nos em alerta: a pergunta “Você quer participar de uma experiência artística?; as poucas coordenadas aos participantes; a insistência em corroborar com co-produção da obra entre propositor-participante; o registro público; e de que algo sempre se faz em relação.

Ah! Senhores! Isso encheu-nos de ar. E o nosso como seguir, com pernas tortas, desenhou-se: fragmentos literários foram tecidos ao longo desses dois anos de tempo dissertativo. Em março de 2015, ousaram sair de uma maquinaria-pessoal-em-que-só-há-sentido-para-aquele-que-escreve, e foram antecidos pela pergunta: “você quer participar de uma experiência literária?”

Convocou-se diferentes agentes para essa coletivização dos inicialmente tímidos fragmentos. Alguns aceitaram de prontidão, outros, recusaram-se atarefados. A todos, foi pedido: leia, e me retorne sua leitura, do modo como ela lhe tocar.

Proposição simples, pequenos textos, pequenos retornos. Simplicidade e delicadeza de uma vida que deixa de ser enclausurada na produção de racionalidade e arrisca-se a costurar em meio à produção de tecidos cozidos juntos aos outros.

Olho para a janela, e na entreluz, na fresta, a frase – não desejo a denúncia, persigo uma estética –, pousa no parapeito de mármore branco, amarelado com o tempo. Novamente, uma atenção, daquelas que suspendem qualquer movimento, e a velocidade adensa-se. Um ímpeto: pegar a frase e guardá-la na gaveta do medo... já é tarde. Com uma leve brisa, ela, tão não minha, despenca do seu breve pouso, ganhando as ruas.

É, senhores! Traremos nas páginas seguintes, os desatinos dessa frase lançada aos outros. Não há simetria entre os fragmentos por mim escritos e os retornos feitos por aqueles que responderam sim ao convite: “você quer participar de uma experiência literária?, nem mesmo concordância. Há o convite, seu aceite, e seu registro.

Há polifonia de vozes, de temporalidades de escritas. Há uma co-produção entre propositor e participante. Assim, os retornos dos participantes também ocupam folhas numeradas dessa dissertação. A eles, o mesmo lugar de produção.

Entre março e abril de 2015, os fragmentos foram distribuídos e retornaram em abril. A seguir, serão trazidos os fragmentos literários e seus respectivos retornos. Afirmamos,

em proximidade com a obra produzida por Basbaum, que nossa obra é aberta e inacabada. Afinal, quando estaremos a salvo do cansaço, do tédio, da luta contra o desassossego? Quando os homens de má consciência, e seus desencantos, estarão encastelados a ponto de não mais roubar da vida uma transmutação? Ora, essas são perguntas mal feitas, mal tecidas. Não se trata de um salvo conduto que um dia virá, trata-se de instigar sensíveis em nossos modos de existir, trata-se de trazer a luz do dia, os nossos niilismos desencantados de mundo sensíveis, e fazê-los, a contragosto de seus humores, dançar.

Assim, aos fragmentos senhores! Que venham suas doses niilistas, e quiçá, suas transmutações.





## **R**uídos de um corpo indócil

corpo indócil a iminência do fim certeza desassossego desassossegar-se desobediência  
obstinação birra quero ir pra casa quero ir para onde as ondas não possam me assolar  
quero apenas que tudo passe seria isso pedir demais peito farto dói garganta seca cerra  
peito quente coração arisco risco risco iminente risco néscio laço corpo indócil ignóbil  
chora sem cessar lagrimas nos olhos não há-com-tecido das secas lágrimas sequer o sal  
ruídos de um corpo indócil corpo indócil seus sentidos corpo indócil olfato corpo  
indócil visão corpo indócil paladar corpo indócil tato.

\*\*\*

Há na vida uma espécie de falta de jeito, de fragilidade da saúde, de  
constituição fraca, da gagueira vital que é o charme de alguém. O  
charme, fonte de vida, como o estilo, fonte de escrever.<sup>82</sup>

\*\*\*

nardrenardrenardrenardrenardrenardre

drenar

miúdos

drenar miúdos

drenar

miúdos

drenar

miúdos

drenar

miúdos

trecos e tralhas

mi ú d o s

---

<sup>82</sup> DELEUZE; PARNET, 1998, p. 13.

– onde dói?

tropeça a moça

– dói tudo.

um corpo gago... fanho, este corpinho.

*Silêncio*

antes de pensar, murmura a moça

– dói tudo porque com tudo você existe. é com tudo que existe!

– eu, e..eu..e...nã..nã não consigo sus..susten..sustentar!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

com lágrimas no farto peito

– meu bem, de algumas coisas precisamos abrir mão.

há bichinhos em seu peito, eles insistem. são teimosos. acompanham-na há décadas.

há bichinhos na cabeça

bichinhos no pescoço e nas pernas – tortas.

– tortas, decerto, tortas. como não?!

como não?

decerto tortas, as pernas, os braços. o peito, farto. sempre! ausência de explicação. uma ciência descreve, prescreve, crente, certa, certa. uma ciência certa rubrica malhas mornas num corpo, à tal ciência, fraco. num corpo, à tal ciência, pouco. num corpo, à tal ciência, tolo. num corpo, à tal ciência, morto.

um corpo morto. morrinhas diárias. um gago contou:

– não quero, em absoluto, ser um autômato!

seu corpo turvo denunciava a falha.

– acho que alucinei, foi delírio! um bicho lançado no oceano quando foi mergulhar, mas creio ter sido coisa de minha cabeça. não quero, em absoluto, ser um autômato, mas esse bicho, esse bicho é coisa da minha cabeça? esse monstro? esse bicho aconteceu!? uma arraia, um tubarão? UM?... bicho!



ele é doce feito mel.

ele é doce feito açúcar.

ele gosta de chuva.

ele gosta de você

ainda que...

– não quero ser um autômato!

seus olhos quase verdes. seus olhos verdes!

– um dia você disse que havia verde nos meus olhos...

há verde em seus olhos. eles não comportam outro tom, a meu ver. não agora. são verdes, imensamente... fez sentido o tubarão em seu braço. um acontecimento. um fio de azeite, nos olhos. um fio de ternura. um fio. *confiar*.

\*\*\*

olhou os olhos da transeunte qualquer. fitou-a, de perto. de peito aberto.

à princípio, a pequena desacreditada desviou o olhar, quiçá, envergonhada por existir àquela maneira. os olhos fitaram-na novamente como um oceano sem fim. os olhos fitaram-na novamente sequestrando-a, desejando-a. eu a quero. eu confio em você. sentiu-se segura em meio à vastidão oceânica, sentiu-se segura. o tom pastel pouco a pouco deu passagem à tantas cores que a moça nem sequer pudera nomear. não era coisa pra nomes. não, não era. era coisa pra olhos, coisa pra peito aberto, coisa para lábios, em sorriso. coisa para *confiar*.

**B**rumas

Escrevia e rasgava. Não ia deixar rasto. Nem livro, nem filho. De vez em vespa, pra ter que limpar ou se sentir viva, sabe Deus, dormia com os tipos mais desprezíveis. Cuspiam nas mãos e a reviravam até a última prega. Voltava arrasada. Três banhos por dia. Podiam ser três pais-nossos, mas não acreditava em homem. Acreditava numa só trindade, sabão, bucha e brio, e saía limpando, a casa e a cara, até quase sair sangue. Morreu branquinha, branquinha, só vendo, pequenina que era, e não há na família quem não jure não foi a reencarnação da Santa. Maria também de nome.<sup>83</sup>

À pressa

Passam dias, meses e horas

O espelho

Sobriedade?

Esperam!

Cumplicidade?

Espero!

Sobre idades

Não mais sobre, nunca

Parece que foi...

Ontem?

Dizem ser dia de lobo, de lua

Das cheias!

Aluada

Alinhados, planetas!

Ó

Oportuno dia

Signos? Quanto tantos!

Dizem, dizem...

4 bichos num!

Dizem!

Como dizem...

Sobre idade, dizem oceanos

Sobriedade

---

<sup>83</sup> PASCHOA, 2014, p. 34.

Esperam.  
Sentem-se, então  
Não quero.  
Aprendi com um aluado que deixar vazar é preciso.

\*\*\*

Lembro-me bem do dia em que visitei um neurologista  
Neuro o quê?  
Gista.  
Fiquei espantada, não sabia o que era. Mas, certeza tinha de que poderia cessar meus descontroles, desconfortos. A família apostava na sagacidade daquele senhor de muitos estudos.  
Lembro-me bem do dia em que a família achou necessária a visita.  
Era noite.  
Um ocaso qualquer, um acaso qualquer. Acordara, de súbito, espasmo, espanto. Boca, peito, pernas e braços. Não havia. Não havia.  
Gritei aos pais, socorro. Eu não havia. Como não haver? Como não existir?  
Não. Eu não havia.  
Os cabelos ondulavam a face pálida. O peito, cálido, denunciava o emaranhado de paixões... queria exortá-las de mim. Não podia, aquele corpo inacabado, sustentar o ocaso. Nada podia tal corpo. Tremendo em descompasso.  
O espelho revelava a moça de pouca idade o suplício. A iminência do fim. A morte. Contava com a sorte para recompor o que não havia. Como recompor se nada havia?  
A doença da morte se instalara pouco a pouco no pueril corpo. As notas cadenciavam uma cantiga outrora inexistente. Os batimentos, disritmia, um susto, um salto.  
Ansiava por socorro.  
Trêmulas e gegas, murmurinhos hostis. Miado de gato no cio, um cio empedernido. Um cio raso e morno. Com beiradas em chamas. Apenas as bordas chamavam. Convocavam.  
E se for pra cabeça?  
Não havia? Nada havia!  
O corpo pueril experimentava o adeus.

As brumas confundiam o azul do quarto com os mares conhecidos pela garota. Abria os braços na certeza de que nadar seria preciso. Navegar é preciso. As ondas despontavam e anunciavam o alvorecer. Brumas.

O que fazer?

Gritos abafados.

Orava, sem cessar, na certeza de que as primeiras lâminas de luz constrangeriam os demônios aprisionados. Os abortariam, sem: piedade, compaixão ou vaidade.

Os cabelos ondulavam como ondas do mar que afogavam a moça, abluída em sal puro.

Abluída em puro. Puro sal.

Um banho de sal grosso para afastar a fadiga, afastar os trabalhos, a negra magia.

Obscura como os lânguidos fios que a face cobriam. Fios, fios, fios...

O rosto

Não havia

Nada havia além de...

Correu para um quarto, ao lado, onde os heróis estavam. Os heróis cuidariam de tudo, fariam com que as fitas de luz se desprendessem, os heróis anunciavam a vida. A vida à pequena.

Há mais cabelos em sua face... que face!? Superfície abissal.

Não posso ouvi-los! Gemia baixinho...

Contem: 1, 2, 3... cálculos medíocres para legitimar a razão. Não estou maluca. Sei que 2 com 2 dá 4.

Dá 4?

Os heróis concordavam ainda entorpecidos. A pequena, então, sentia-se protegida...

Precisamos de algo. Precisa de algo?

De que?

Preciso calar... a negra magia.

Tantas instituições para sanar a doença da morte. De santo a aspirina. De tudo um pouco ela provou. Envenenou-se de tudo, reclamando baixinho.

Quando envenenada o reclamar malmente era percebido, virava o rosto na tentativa de negar o procedimento – diário. Preferiria não, dizia, ainda em estado onírico.

Permaneceu assim, quase sempre deitada. Sentindo o peito vazio, ainda que farto. De santo a aspirina. De tudo um pouco, ou muito, provou.

Meu corpo é um depósito de lixo  
Meu corpo é um depósito de lixo  
Meu corpo é um depósito de lixo  
Meu corpo é um depósito

Sentia-se invadida. Sempre. Sensação de violação.

Para suavizar o abuso, oferecia o corpo ao estupro. Queria sua carne mastigada, dilacerada. Queria sentir sua carne envenenada em outros corpos. Queria vislumbrar o encontro. Queria que todos se envenenassem um pouquinho de seu suor maculado. Que todos bebessem daquele veneno!

De santo a aspirina. De tudo, um pouco. Ou muito.

Seu corpo ferramenta. Seu corpo é uma arma, letal.

Em doses altas pode levar ao óbito. Mal sabiam dos excessos que estavam consumindo ao esgotar aquele corpo alvo, delgado, pueril.

Consumam-me. Quiçá assim possam sugar um pouco da morte que há em mim.

Consumam-me, quem sabe assim, torno-me menos morte.

Meu corpo tarja.

Seu corpo tarja.

O corpo tarja, dela.

Deveria andar por aí com uma bula. Tal corpo.

Consumam com parcimônia. A maioria de vocês não suportaria uma semana.

Quem sabe apontariam, para si, uma faca – de dois gumes.

Após ser consumida, a espera. Um certo receio de que sua vítima padeça intoxicada.

Um certo receio, com um fio de graça.

Um corpo talhado nas amarras da vida, do ocaso, da sorte.

Um corpo morte

Um corpo morto

Um corpo tarja

Corpo tralha

Corpo

Corpo

Um corpo

Corte-me

Uma vez mais, não posso senti-lo.

Corte-me

Uma vez mais

Não quero senti-lo

Podes crer?

Há um corpo em jogo

Jogue-o, então

Por que esperas?

Aperte-me

Sem pressa

Preciso senti-lo

Agora.

Minhas costas

Magras

Carecem

Ser

Beijadas

Cuspa

Cuspa

Somos frágeis e unos

Somos um

Podes ver?

Todos sabem

Todos sabem

Somos um

Apenas.

\*\*\*

Pode ser que desenhem

posso dormir, assim... sem saber que é sono, sem saber que é pausa

que é intervalo

apenas goticular

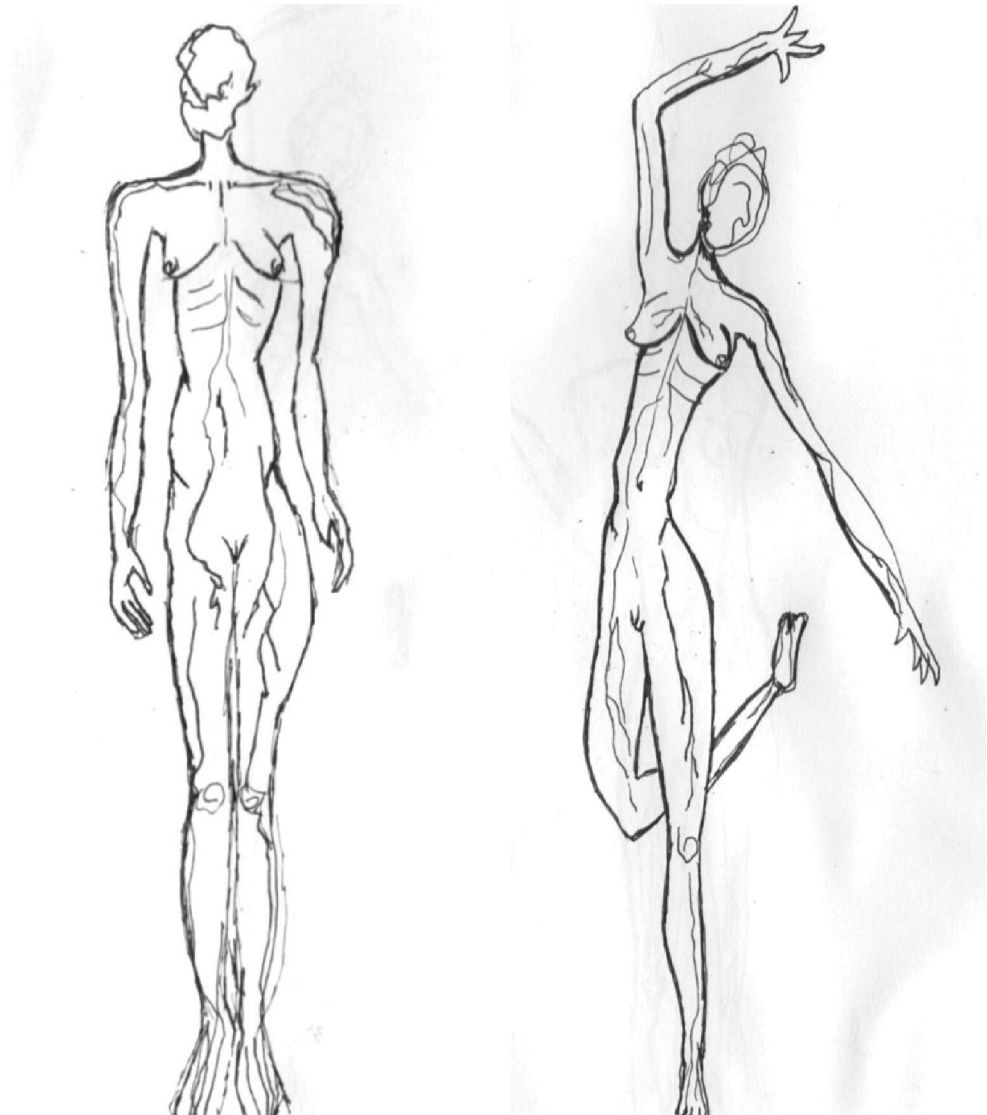
goticular?

gotinhas!  
assim  
sem saber que é  
assí...  
as...  
a...  
a  
a  
a  
a  
a  
a  
a  
a  
enfim  
pequenas, médias, grandes...  
fui  
um dia  
quem não foi?  
quem não?  
debuta...  
o quê?  
ela trouxe flores de vidro  
daquelas com dizeres  
com dize...  
quer dizer...



15 de abril de 2015

## Arrepio estético





Eu ouço vozes.  
Dessas biografemáticas  
que me fazem sentir em  
vida. Calada viva.  
Confortável por sentir.  
Doce melodia. Alguns  
corpos são  
De uma frágil saúde.  
Mas não menos vida.  
Calada viva.  
De coração aberto a todo  
e qualquer sentir.  
Taquicardia.  
Não posso nem olhar  
minhas veias que fico  
fraca. Pulso.  
Sou fraca. Tenho medo,  
de tudo.  
Também não existo. Não  
há mais corpo, não me  
sinto.  
Não amorteço. Nunca é  
anestesia.  
Inexistência, apenas.  
Desassossego.  
Ou Arrepio estético.

\*\*\*



### **Nossos heróis**

Ou melhor,  
nossos deuses  
brasileiros.  
Ah como são  
hábeis com o  
bisturi.  
Sinto cada corte.  
Me sinto órgão,  
Sou fatiada.  
Hoje sou  
estômago,  
amanhã sou  
pulmão.  
Preciso de  
omeprazol, mas  
hoje não tenho o  
que comer. Não  
importa.  
Foda-se se  
minha dor é  
emocional.  
Porque se não  
sangra não dói.  
E se a loucura  
grita, é pití.  
Dor não é o nó  
das tripas dos  
emotivo-  
enjoados, dor é  
de quem expurga  
comida  
estragada e não  
de quem vomita  
sofrimento.  
A dor vem do  
alimento mal  
lavado e não da

palavra oprimida.

Acho que dor pode ter cor de gris, cheiro de falta de ar e textura de quem sente.

Acho que a dor invisível grita por espaço.

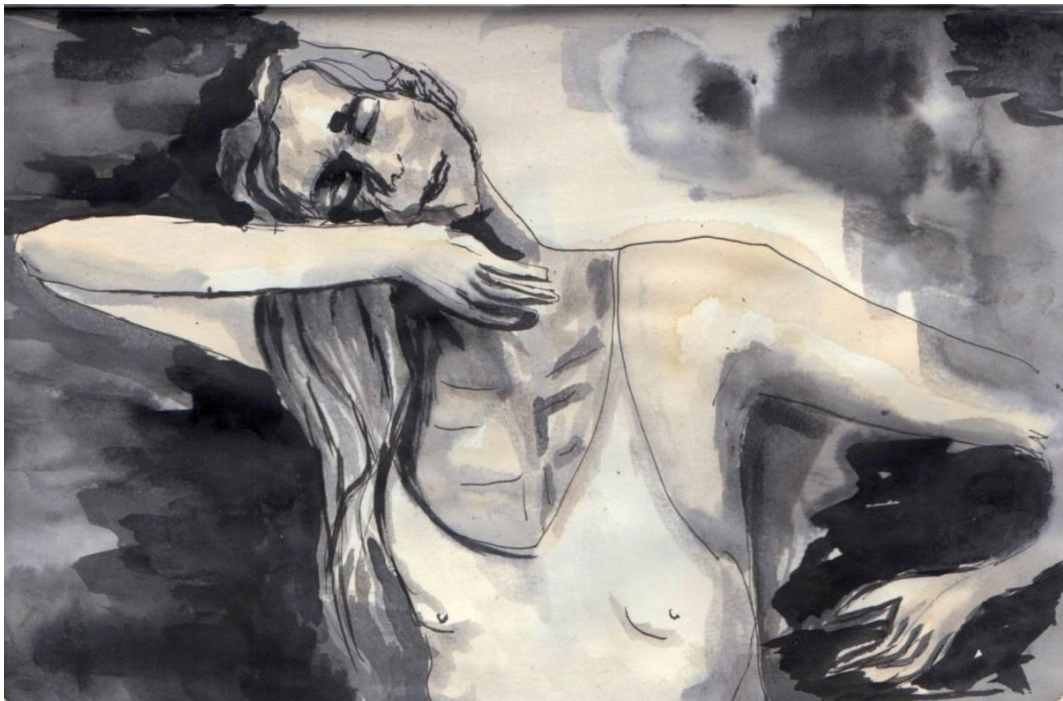
Loucura seria não gritar no ouvido de quem só percebe o sofrimento do corpo visível.

E a velha dor da guilhotina persiste, cabeças rolam em direção aos especialistas, enquanto tripas são tratadas com buscopan.

Ah, como eles não sabem cuidar de mim, de ti.

De santo a aspirina, sabemos nós.

\*\*\*\*



### **Transgressões**

*Todo mandato é minucioso  
e cruel*

*eu gosto  
das frugais transgressões  
por exemplo inventar o bom  
amor*

*aprender  
nos corpos e em seu corpo  
ouvir a noite e não dizer*

*amem*

*traçar*

*cada um o mapa de sua audácia  
mesmo que nos esqueçamos  
de esquecer*

*é certo  
que a recordação nos esquece  
obedecer cegamente deixa  
cego*

*crecemos  
somente na ousadia*

*só quando transgrido alguma  
ordem  
o futuro  
se torna respirável*

*todo mandato é minucioso  
e cruel*

*eu gosto das frugais transgressões<sup>84</sup>*

---

<sup>84</sup> Mário Benedetti. Disponível em:  
<<http://www.lusopoemas.net/modules/news/article.php?storyid=157861>>. Acesso em abril de 2015.

Nada de obediência. Digo eu.  
Deixa ser.  
Mesmo que meu corpo não seja assim tão obediente.  
Ele é autônomo. Sente demais.  
Em busca de um devir-anjo, tem um desejo de asas.  
Meu bem.

“Do que têm inveja os anjos? Da finitude dos mortais. Da sua fragilidade, da sua inscrição no tempo, do sentir frio, do sentir fome, do sentir doce, do esfregar as mãos uma na outra numa madrugada gelada, de sentir o calor de um copo de café esquentando o corpo, de ter saudades, incertezas, de morrer de amor e de ter medo da morte.”<sup>85</sup>

86

Eu escrevia e rasgava.  
Agora escrevo e, “ao que meu  
corpo não prestar”, pinto por  
cima.  
Sou apaixonada por rasuras.  
Manchas e essa boa sujeira  
dos rastros em papel.  
Falamos na mesma língua.  
Corpo. Pano. Tinta. Agulha.  
Papel.  
Da carne e pela carne.  
O que passa e o que não  
passa...

(segue)



*helô*

<sup>85</sup> PELBART, 1993, p. 20.

<sup>86</sup> Todas as imagens contidas neste fragmento foram inventadas por Helô Germany, bortoleta furta-cor.

**B**obo

*“Conseguistes encontrar a dissertação?”* Questiona o sagaz.

Já ruborizada perante a invalidez:

*“Procurei, mas não achei”.*

*“Acerca da dissertação”, equivoquei-me. “Tratava-se de uma abordagem da tragédia em Hegel, moça.”*

Atônita, esboça um leve sorriso em canto de boca enquanto a sensação de invalidez se esvai. Recuou-se, todavia, quase que instantaneamente. Sentiu-se abestalhada, como de costume, resolveu pitar mais uns cigarros e deixar a conversa rolar. Pensa no que dizer ao jovem intelectual enquanto espanta uma **abelha** audaciosa: sedenta pelo doce do fresco que consome naquela tarde ardente,

*“Assim, por acaso, você entende alguma coisa sobre o trágico? Sei lá, coisa pouca, coisa qualquer...?”*

Mordaz:

*“O trágico em Nietzsche?! Não!”*

A ignorante esmoreceu, mas prosseguiu desavergonhada:

*“Valeu, cara! Conto com você em Espinosa?”*

A moça era de fato boba, portanto, ousada.

Impetuosamente prossegue o sagaz: *“Ah! Em Espinosa eu brinco! A imanência em Espinosa é o uso da razão ao encontro do conhecimento e da razão adequada que está em consonância com a essência da natureza. Coincide-se assim o reflexo do indivíduo na natureza, no intelecto divino. Enfim, Espinosa é muito truncado! ‘Me gusta’!”*

A abelhinha continuava a firular, e a moça bem gostou de sua presença, *abelha engraçada*, pensou. Neste momento quisera ter asas como do inseto e sair por aí estabanando os transeuntes! *Que hilário seria...* sorriu e o sagaz não entendeu! Ele não entende nada de abelha.

Trejeitos, caras e bocas. Com as vestes de **Apolo**, naquele momento, o sublime sagaz habitava um lugar de “Imperiosa Intelectualidade”. À boba, era esta sua suprema certeza! Já sem saber os motivos que levaram-na à conversa, apenas escorreu, ainda atenta à abelha...

*“Irmão, não estou a fim de me embrenhar no subterrâneo desses filósofos, estou a fim de encontrar-me com esses camaradas, dar passagem aos afetos que irromperão nesses encontros.”*

A boba não quer, em absoluto, tornar-se uma discípula de Nietzsche, Espinosa ou seja lá quem for. A moça quer falar de gente, de gente que possui dentes, mas muitas vezes sente-se banguela nas oscilações da vida. De gente, como nós, que truncam, gemem, por vezes, preferem abelhas.

O sagaz reconhece a leitura de Espinosa como truncada, honestamente, creio que não seja tal literato com quem nossa garota pretende dialogar.

Intervalo.

O sagaz retoma a conversa:

*“Ah, moça, faça como quiser! Chame-me quando bem entender. Estarei à disposição. Sempre!”*

*“Obrigada, muito obrigada. Disse a moça, Sabe, rapaz, passeio pela superfície, você pode me ajudar a mergulhar um pouquinho, vez ou outra, mas... É nos meandros da superfície que consigo respirar, ando meio claustrofóbica!”*

*“Ah! Bonita frase, garota: caminhar pela superfície! Você de fato é uma elegância. Arguta sabedoria!”*

Arguta Sabedoria: Cinismo ou não, “entre o cinismo e a hipocrisia, eu prefiro o cinismo.”<sup>87</sup> Sutileza, simplicidade, leveza e astúcia necessárias para seus ensaios. Creio que o sagaz em sua erudição intelectual e a miúda em sua arteira peripécia experimentavam uma tênue comunhão.

Continue, Mahler! Você fez com que esta fosse uma noite maravilhosa. Não pare, filho da puta! Não pare!<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> RODRIGUES, 2012, p. 136.

<sup>88</sup> BUKOWSKI, 2013, p. 11.



O bobo anda, tropeça, em troços e trecos.

O bobo se arrasta arrastando as coisas que pelo caminho lhe arranham a pele. Pele dele, pele da cidade, pele dobrada ao sabor dos encontros.

O bobo dá passagem. O bobo vai. Afirmção sensível, levemente desinteressada. Em seus meandros, ora respira os ares da superficialidade ora se lança ao obscuro do subsolo.

Pessoas de consciência hipertrofiada estão sempre no subterrâneo, e não conseguem sair de sua pesarosa sina, nos aconselha Dostoiévski.

O bobo sabe Sartre. Sabe Deleuze. Mais do que os intelectuais? O bobo não sabe de nada. O bobo sabe o nada.

Um bobo esquivo, um bobo esquivo? Um bobo qualquer.

O bobo dá de cara no muro para ver, para sentir o que o muro faz ao rachar sua brancura.

Pergunte ao bobo... o que acha disso? O que acha daquilo? Isto ou aquilo? O bobo não acha nada. Achar não tem jeito, não tem receita. O bobo pode achar isto e aquilo e aquilo outro e aquilo mais e aquilo menos e... e... e...

O bobo nada faz, nada útil, nada importante. Nada como o inútil para ser poético, daí a ser um grande inventor de des-feituras. Comedor de desimportâncias, cagador de inutilidades.

O bobo passa, despercebido, desmoralizado, transgressor e devastador de retidões. Usa tudo, inventa tudo, sai sem nada.

A sacola do bobo tem buraco no fundo. Vaza. É uma sacola provisória. Catando tralhas, deixando trecos e troços de toda sorte a cair por aí.

O bobo sabota. Investe incertezas. Nada espera, o bobo. Talvez por isso não se frustra, ao menos não como o “expert”, que sempre espera, espera, espera, espera...

Cansa-se, este sujeito, aos gemidos continua a esperar, pois que na espera, espera que tudo aconteça. O espertalhão não se permite ao intempestivo, em suas métricas a priori rigorosamente elaboradas, perde-se sem se perder. Ressentido, sem titubear retorna ao projeto com muito esforço construído numa busca incessante àquilo que precisa ser reformado.

O errante bobo, em sua sagacidade abobalhada, desfaz suas próprias vestes. Tal qual um Teseu desajeitado, mistura os fios que lhe guiariam, desorientando saídas, desprendendo linhas num emaranhado que só podem levá-lo ao inesperado.

Dançante, o bobo busca potência nessa profana jornada.

O bobo sempre olha o buraco das fechaduras, mas de pé na porta, abre as passagens que encontra.

Diabos, precisamos de humor, precisamos rir.<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> BUKOWSKI, 2013, p. 9.

- Bobo! Bobo? Me responde, eu quero falar com você! Por que você passa reto assim, por que não fala comigo? Um gesto qualquer, um tropeção, uma risada... Só queria alguma coisa de você... Não funciona pedir por favor, não é? Muito menos fazer drama... Como me aproximo de você? Não vou te fazer mal, pode acreditar! Na verdade, você pode me fazer mais mal que eu a você. É sim, bobo. Sempre tive medo de você. Sempre temi você em mim. Imagina, tropeçando, caindo, batendo de cara na parede, o que seria de mim? O que sobraria de mim? ... Você é frágil assim o tempo todo? Como aguenta? Como pode receber tamanhas bofetadas e não sucumbir, bobo? Você pode me ensinar? Eu queria ser assim. É coisa de nascença, então? Mas, me conta, como você sobreviveu? A gente tem que fazer tanta coisa, ficar trabalhando e sendo sagaz ou fingindo que é sagaz, e se impondo e sendo cínico e organizando um monte de outras coisas o tempo todo! E segurando o riso, bobo, segurando-o-ri-so! Você não se dá a isso, né? Então quer dizer que você não precisa de nós? Você sequer me vê? Ah! Eu aqui toda preocupada com a sua existência, com a permanência da sua existência e você nem sequer faz qualquer esforço pra entender que eu existo!!!???

- A senhorita poderia me ajudar a tirar esse ferrão dos meus flancos?

*Anônimo*

**C**ass

Uma luz fraca do tipo amarelada invade a sala, isenta de móveis. Abarrotada de sombras. Apenas a opaca luz se propaga pelo salão antigo de perceptível pouco cuidado. Alguns poderiam afirmar que fora decerto abandonado, outros, porém, com olhinhos vorazes identificariam que lá no fundo há uma pequena e ousada máquina de escrever.

Olhinhos seguem até alcançá-la. Assíduas sombras embaraçam o passear dos olhos, que resistem.

A máquina, tal como a sala, sopra um abandono. Um descuidado.

Dedos ousados, ousadamente, pesaram suas teclas. Outro dia?

Quais dedos pousaram sobre este instrumento de diálogos? Esta ferramenta de fabulações? Este passarinho.

Olhinhos continuam. Prosseguem em seu fitar curioso.

Em cada canto do salão habita multidões. Mas não se encontra vazio?

O impossível prepondera, ri, a pequena e ousada máquina de diálogos. O impossível prepondera! Ri sorrateira.

*Poeira. Espirro.*

Olhinhos vorazes e vermelhos denunciam o movimento. Os olhos se colorem rubros, colorem-se rubros. Os olhos. Tais como...

Barulho!

Alguém chegou, ouçam! Podem ouvir? Pequeninos passos... os olhos experimentam o barulho. Contraem-se. Parecem empedernidos. Tornaram-se pedras – de medo. Esses afetos produzem cada coisa... Olhos, por hora, blindados.

A porta – vagorosamente – abre-se;

Olhinhos sorrateiros, agora, brilhantes, inventam história... afinal, quem está por vir? Um gigante inseto? Um monstro? Um demônio? Um senhor de meia idade! Uma moça, uma criança!

Henry! Charles! Buk! Uma moça, uma criança.

Entra, então, confiantemente. Dirige-se à ferramenta de diálogos. Quanta intimidade entre essas duas criaturas.

A luz permanece baixa. Os olhos acalmam-se perante a afinidade de ambos (homem e máquina). Os dedos dedilham as teclas espantando a poeira que habitava o lugar. Poeirinha ligeira. Poeirinha inoportuna. *Nem sempre.*

Os dedos dedilham as teclas convocando a poeira que habita o lugar!

Tem cara de gente, essa poeira. De gente que espirra sem parar. De gente que impregna... tem cara de gente, essa poeira. De gente que vive, de gente que delira! Que se atreve. De gente que tem estilo e charme.

Essa poeira pode ter muitas caras! Essa poeira tem cara de gente que se arrisca, mas há poeiras que têm cara de gente que produz abscesso, prisão de ventre e enxaqueca. Azia. Poeirinha infame. Cara de gente que tem cara que não muda.

Há poeiras ou poeiras.

Dedilhou, dedilhou, dedilhou... murmúrios e assobios. Tocava as teclas do instrumento como um músico sente a partitura. Como um maestro rege uma orquestra. Como um agrado, um afago. Poeirinha oportuna.

Afeto alegre.

Ao passo que os grosseiros dedos suavemente massageiam as teclas, a soturna neblina dá passagem a coisas tantas que seria insensatez ( ou sensatez em excesso) nomeá-las. *Bruma furta-cor.* Essa coisa de dar nomes deprecia. E então, da neblina aparece, faceira, uma luzinha... turva luz, não mais amarelada, não apenas. Os dedos inquietos e a luz. Um senhor de *meia* idade e a luz. Um quarto de poeiras e a luz. Um inseto e a luz. Um prato raso de alimento e a luz. Um gosto de luz. Um gostar de luz.

Gatos.

Cortinas se abrem. Janelas. Telhado. Medianeiras.

Não fora falado ainda sobre as janelas. Não fora falado. Adiantemos, então: Salientes janelas, madeira maciça, antiga, secular. Vidros quebrados e a luz que os atravessa produzindo paisagens outrora não vistas.

O homem se levanta, com jeito de preguiça. Esgotado. Com jeito de sono. Jeito de dengue. De dengo. Olhos *quase* cerrados. Este olhar fora sempre assim? Movimentos delicados – nem tanto. Grosseiras e peludas pernas. Meias. Barba mal feita. Dentes surrados de café e cigarros. Surrados de *uma vida*. Sob a barba, lábios esgotados. Vincos, fissuras, cicatrizes.

Moça faceira e a luz. Óculos redondos para clarear idade avançada? Olhos vermelhos, estes, do senhor ou moça ou criança. Curiosos – os olhos – corrompem o silêncio ao abrir as persianas, ao deslocar as poeiras. Estava tudo tão quieto. Tudo tão parado.

Nada estava quieto. O nada estava recheado de vozes

Janelas seculares.

Existem corpos e corpos.

Dizem que a saúde desse senhor é frágil. Dizem que não dura. Dizem que seus hábitos são hostis. Dizem ser homem de pouca educação. Dizem ser debilitado. Dizem ser louco. Dizem que não dura.

Há dias tossidas secas. Seriam pigarros? Já não há mais poeira. Não como havia noutro dia. A poeira se fez outra.

Dizem que se levam dias, porventura meses, para desintoxicar um corpo.

Sentou-se. Contava 1,2,3... não necessariamente nessa ordem. Contava e a única razão de manter o pincel em punho era para passar pelo inferno com um pouco de sobriedade. A caneta em punho. Sua arma. Sua novela. Dedos descarrilam papel afora. Descarrilam teclas. Então ele, um rapaz cheio de morte, de realizações, cria, cria e cria! E não pára de morrer.

Bem como Mahler não parou na 9ª sinfonia.

Experimente pôr Mahler, a 9ª. Se não morrer aos poucos, legitimará sua hipocrisia. Caso queira, claro.

Cria! Dando passagem, cria. Tira poeira, desintoxica. Dando passagem aos afetos que pedem entradas e saídas. Caras e bocas e cortes. Oportunamente, corta-se.

Sempre preferi fazer costuras acompanhadas de música. Costurar é inventar canções. Uma bela composição.

As pessoas reparavam o humor lúgubre do *inventador* de histórias. As pessoas não entendem a gentileza. Nem sempre é estar com as gengivas à mostra. Isso realmente entedia na maioria das vezes.

charles bukowski, henry chinaski: ninguém. Ele gostava de música clássica. Para ele era a única coisa que fazia sentido. Jazz também tinha seu lugar, não esse monte poluição sonora que há por aí. Gosto de algumas poluições. Alguns dias preciso de muita

poluição para não ficar na cama. Talvez esteja mentindo. Sou hipócrita, como você. Disso já sabemos.

bukowski, um solitário maldito que fabulava narrativas cotidianas, criava em suas linhas, com linguagem coloquial e preferência por períodos curtos, uma escrita em que o tom confessional e a verossimilhança sempre estiveram presentes, uma vez que o autor se utilizava de eventos cotidianos e experiências pessoais para ilustrar suas tramas. Nestas, ele convoca e enfoca seus personagens. “os excluídos, os outsiders, e diversos outros marginalizados, frequentemente transformando escritores, pintores e artistas em geral em personagens”<sup>90</sup>.

À minha direita, o rádio trabalha duro me trazendo mais excelente música clássica. Escuto isso por três a quatro horas por noite enquanto estou fazendo outras coisas, ou nada. É minha droga, lava a sujeira do dia de dentro de mim. Os compositores clássicos conseguem fazer isso por mim. Os poetas, os romancistas, os escritores de contos, não. Uma gangue de fajutos. Existe alguma coisa em escrever que atrai os fajutos. O que é? Os escritores são os mais difíceis de aguentar, nos livros ou ao vivo. E são piores ao vivo do que nos livros e isso é muito ruim. E nós adoramos falar mal uns dos outros. Como eu. Quanto a escrever, hoje escrevo basicamente da mesma forma que fazia há 50 anos, talvez um pouco melhor, mas não muito. Por que tenho que chegar aos 51 para poder pagar o aluguel com os meus livros? Quero dizer, se estou certo e escrevo igual, por que demorou tanto? Tive que esperar que o mundo me entendesse? E, se ele me entende, como estou agora? Mal, é isso. Mas não acho que não fiquei burro por acaso. Será que um cara burro se dá conta que é? Mas estou longe de estar satisfeito. Há alguma coisa em mim que não consigo controlar. Nunca dirijo meu carro por cima de uma ponte sem pensar em suicídio. Quero dizer, não fico pensando nisso. Mas passa pela minha cabeça: SUICÍDIO. Como uma luz que pisca. No escuro. Alguma coisa que faz você continuar. Saca? De outra forma, seria apenas loucura. E não é engraçado, colega. E cada vez que escrevo um bom poema, é mais uma muleta que me faz seguir em frente<sup>91</sup>.

Adoro falsear a vida. Péssimo hábito este que temos de falsear vidas. Há dias, no entanto, que tenho bancado bem as costuras, ah!... nossa pele que diga! Diagramas tão distintos rasurados, sinto como se fossem um mapa de lugar nenhum, irmãos!

Revoluções. Reforminhas, não! Revoluções.

A vida ganha vigor. Até falsear fica bonito, fica quase valsar. O que não deixa de ser, decerto. Mas,

onde estávamos?

---

<sup>90</sup> BUKOWSKI, 2012, p. 12.

<sup>91</sup> BUKOWSKI, 2013, p. 26.



Perdoem-me, ando fraca com palavras. Ando esgotada mesmo e talvez não consiga cadenciá-las como gostaria. Afinal, como gostaria? Sei não. Estão rolando. Deixo rolar e então as afirmo: tortas, turvas, gaguejantes. Zumbidos de um corpo indócil.

Que seja.

As afirmo como vêm. Comovem? Sem comoções! Vamos rir, ao menos não se trata de verborragias, apesar de tratar-se delas também. Um pouco de inutilidade para ser artístico.

Os dedos fortes, a grande saúde de bukowski insiste em atormentar-me. Em conversa qualquer ele nos conta, nos encanta, nos perturba com seus delírios cotidianos, seus devaneios, suas loucuras roubadas. Com seus dedos frágeis e grande saúde – vísceras que lhe saltam aos dedos torneados de *uma vida* –, conta-nos sobre seus amores transversos, travessos, subversivos... seus amores. Engraçadinha<sup>92</sup> entenderia, antes dos 30, deveras. Depois disso, irmãos, apenas na Santa Trindade acreditara.

Os Homens de sua vida.

Engraçadinha ou Teresa, diferem-se de Cass. Apesar de serem as mesmas.

Um desenho de mulher, de moça. Um desenho de Cass. Sinto como e estivesse dando voltas infundáveis para trazê-la à trama. Ela é arteira. É artista! Convoco nomes, forças, povos. Ela está em tudo. Para além e aquém dos robustos dedos de um senhor de meia idade. De um senhor. O conheci senhor, o conheci criança e moça. O conheci assim.

São muitas as linhas, sugerem-me. Sim, eu sei. Demasiadas. Quais apanhar para entrelaçar à urdidura? Esta, essencialmente revolucionária, já que imprevisível é a paisagem que desvelada será. Sabem como é: os fios estão dispostos, contudo a trama se faz *sendo*. É no *tramando* que os fios se encontram e se fazem outros. Ela está em tudo, um fio, um fiapo, um traçado menor. Faceiro, ligeiro... em tudo. Neste momento tenho a certeza de que voltas, passeios, são indispensáveis para trançar estas linhas. Nos passeios o *flâneur* desloca contornos, contornando outros mundos, transborda as margens. Transborda às margens. Arranha-se, arrasta-se. Arranha suas pernas ligeiras ao admirar o pôr do sol. Em sua solidão povoada brinca de corte e costura. Sedento por meia-noite passeia um qualquer de *meia* idade.

---

<sup>92</sup> Protagonista do livro '*Asfalto Selvagem*' de Nelson Rodrigues (e nossa também). Aparecerá posteriormente num outro fragmento.

Cass tem sede, tem fome, mas não é uma fome ordinária. Cass alimenta-se de meia-noite. Tem sede de crepúsculo. Dos rostos, rugas, fissuras, vincos, dobras, embaraços, imprecisões crepusculares. Brumas. Poeiras. Meandros que ascendem no acaso do ocaso.

Cass, caso possuísse cor, arriscaria azul. Como Karen Dalton<sup>93</sup>, ela também é feita de cor. Karen é azul, azul safira, podem ver? Cass é azul, azul meia-noite. Sim, ela é. Sustenta com estilo o azul, com graça e beleza, sutileza e violência. Ela brinca de azul em todo vermelho que dela emana. Todo rubor da pele. Há montes de tralhas para descrevê-la. Cass afirma!

*E então o verbo se fez carne...*

Ouvimos o sussurrar de seu nome pelos ventos. Direções contrárias movimentam um nome qualquer. Ventos de todas as partes, ventos velozes e serenos. Os ventos silenciam o nome Cass. Cass não tem nome. Este nome não se refere a uma identidade, não ousemos reduzi-la a uma marca, um rótulo, um quadro. Cass é uma pintura incomum e no comum da existência apresenta sua força. Ela é comum porque existe não como uma representação, um modelo. Cass é comum porque Cass somos nós. Está em nós, em nossos devaneios e modos de vida. Cass é comum porque Cass rompe, produz fissuras no ordinário e assim mostra sua força. A existência Cass resiste ao hegemônico. A existência Cass protagoniza. Ela se inventa e reinventa. Cass não tem forma e se incomodaria um bocado com isso. Seu(s) corpo(s) é (são) dobrável (eis) às sensibilidades que clamam passagem. Como Cass, Mahler-feiticeiro compõe sinfonias imprevisíveis em seu caldeirão sinestésico e Modigliani cria rostos – sem formas. Como Cass, Karen rompe os laços e Syd<sup>94</sup>-vulcão distorce os sons cadenciando o impossível. Rostos em devir. Rostos que aos afetos possibilitam pouso. Rostos que se sensibilizam.

---

<sup>93</sup> Karen Dalton aparecerá em fragmento posterior. Para ser mais precisa, no último fragmento. Caso prefiram conhecê-la tão logo, sigam ao seu encontro, mas sugiro que a deixem por agora.

<sup>94</sup> Roger Keith Barrett ou Syd Barrett (apelido recebido ainda na adolescência), fora um exímio artista inglês. Compositor, guitarrista e pintor, conhecido como um dos fundadores da banda Pink Floyd. O peculiar *crazy diamond*, nas palavras de Daniel Lins ‘Syd Barrett Vesúvio’ (2013, p. 142), é bastante lembrado pela sensibilidade sublime, estética musical crua e demasiado singular. Mais informações acerca do artista podem ser encontradas em <<http://www.sydbarrett.com/>>.



\*\*\*

"Das 5 irmãs, Cass era a mais moça e a mais bela. E a mais linda mulher da cidade. Mestiça de índia, de corpo flexível, estranho, sinuoso que nem cobra e fofoso como os olhos: um fogaréu vivo ambulante. Espírito impaciente para romper o molde incapaz de retê-lo. Os cabelos pretos, longos e sedosos, ondulavam e balançavam ao andar. Sempre muito animada ou então deprimida, com Cass não havia esse negócio de meio termo. Segundo alguns, era louca. Opinião de apáticos. Que jamais poderiam compreendê-la. Para os homens, parecia apenas uma máquina de fazer sexo e pouco estavam ligando para a possibilidade de que fosse maluca. E passava a vida a dançar, a namorar e beijar. Mas, salvo raras exceções, na hora agá sempre encontrava forma de sumir e deixar todo mundo na mão.

As irmãs a acusavam de desperdiçar sua beleza, de falta de tino; só que Cass não era boba e sabia muito bem o que queria: pintava, dançava, cantava, dedicava-se a trabalhos de argila e, quando alguém se feria, na carne ou no espírito, a pena que sentia era uma coisa vinda do fundo da alma. A mentalidade é que simplesmente destoava das demais: nada tinha de prática. Quando seus namorados ficavam atraídos por ela, as irmãs se enciumavam e se enfureciam, achando que não sabia aproveitá-los como mereciam. Costumava mostrar-se boazinha com os feios e revoltava-se contra os considerados bonitos – "uns frouxos", dizia, "sem graça nenhuma. Pensam que basta ter orelhinhas perfeitas e nariz bem modelado... Tudo por fora e nada por dentro..." Quando perdia a paciência, chegava às raias da loucura; tinha um gênio que alguns qualificavam de insanidade mental.

O pai havia morrido alcoólatra e a mãe fugira de casa, abandonando as filhas. As meninas procuraram um parente, que resolveu interná-las num convento. Experiência nada interessante, sobretudo para Cass. As colegas eram muito ciumentas e teve que brigar com a maioria. Trazia marcas de lâmina de gilete por todo o braço esquerdo, de tanto se defender durante suas brigas. Guardava, inclusive, uma cicatriz indelével na face esquerda, que em vez de empanar-lhe a beleza, só servia para realçá-la.

Conheci Cass uma noite no West End Bar, Fazia vários dias que tinha saído do convento. Por ser a caçula entre as irmãs, fora a última a sair. Simplesmente entrou e sentou do meu lado. Eu era provavelmente o homem mais feio da cidade – o que bem pode ter contribuído.

– Quer um drinque? – perguntei.

– Claro, por que não?

Não creio que houvesse nada de especial na conversa que tivemos essa noite. Foi mais a impressão que causava. Tinha me escolhido e ponto final. Sem a menor coação. Gostou da bebida e tomou várias doses. Não parecia ser de maior idade, mas, não sei como, ninguém se recusava a servi-la. Talvez tivesse carteira de identidade falsa, sei lá. O certo é que toda vez que voltava do toalete para sentar do meu lado, me dava uma pontada de orgulho. Não só era a mais linda mulher da cidade como também das mais belas que vi em toda minha vida. Passei-lhe o braço pela cintura e dei-lhe um beijo.

– Me acha bonita? – perguntou.

– Lógico que acho, mas não é só isso... é mais que uma simples questão de beleza...

– As pessoas sempre me acusam de ser bonita. Acha mesmo que eu sou?

– Bonita não é bem o termo, e nem te faz justiça.

Cass meteu a mão na bolsa. Julguei que estivesse procurando um lenço. Mas tirou um longo grampo de chapéu. Antes que pudesse impedir, já tinha espetado o tal grampo, de lado, na ponta do nariz. Senti asco e horror.

Ela me olhou e riu.

– E agora, ainda me acha bonita? O que é que você acha agora, cara?

Puxei o grampo, estancando o sangue com o lenço que trazia no bolso. Diversas pessoas, inclusive o sujeito que atendia no balcão, tinham assistido a cena. Ele veio até a mesa:

– Olha – disse para Cass, – se fizer isso de novo, vai ter que dar o fora. Aqui ninguém gosta de drama.

– Ah, vai te foder, cara!

– É melhor não dar mais bebida pra ela – aconselhou o sujeito.

– Não tem perigo – prometi.

– O nariz é meu – protestou Cass, – faço dele o que bem entendo.

– Não faz, não – retruquei, – porque isso me dói.

– Quer dizer que eu cravo o grampo no nariz e você é que sente dor?

– Sinto, sim. Palavra.

– Está bem, pode deixar que eu não cravo mais. Fica sossegado.

Me beijou, ainda sorrindo e com o lenço encostado no nariz. Na hora de fechar o bar, fomos para onde eu morava. Tinha um pouco de cerveja na geladeira e ficamos lá sentados, conversando. E só então percebi que estava diante de uma criatura cheia de delicadeza e carinho. Que se traía sem se dar conta. Ao mesmo tempo que se encolhia numa mistura de insensatez e incoerência. Uma verdadeira preciosidade. Uma jóia, linda e espiritual. Talvez algum homem, uma coisa qualquer, um dia a destruísse para sempre. Fiquei torcendo para que não fosse eu.

Deitamos na cama e, depois que apaguei a luz, Cass perguntou:

– Quando é que você quer transar? Agora ou amanhã de manhã?

– Amanhã de manhã – respondi, – virando de costas pra ela.

No dia seguinte me levantei e fiz dois cafés. Levei o dela na cama.

Deu uma risada.

– Você é o primeiro homem que conheço que não quis transar de noite.

– Deixa pra lá – retruquei, – a gente nem precisa disso.

– Não, pára aí, agora me deu vontade. Espera um pouco que não demoro.

Foi até o banheiro e voltou em seguida, com uma aparência simplesmente sensacional – os longos cabelos pretos brilhando, os olhos e a boca brilhando, aquilo brilhando... Mostrava o corpo com calma, como a coisa boa que era. Meteu-se em baixo do lençol.

– Vem de uma vez, gostosão.

Deitei na cama.

Beijava com entrega, mas sem se afobar. Passei-lhe as mãos pelo corpo todo, por entre os cabelos. Fui por cima. Era quente e apertada. Comecei a meter devagar, compassadamente, não querendo acabar logo. Os olhos dela encaravam, fixos, os meus.

– Qual é o teu nome? – perguntei.

– Porra, que diferença faz? – replicou.

Ri e continuei metendo. Mais tarde se vestiu e levei-a de carro de novo para o bar. Mas não foi nada fácil esquecê-la. Eu não andava trabalhando e dormi até às 2 da tarde. Depois levantei e li o jornal. Estava na banheira quando ela entrou com uma folhagem grande na mão – uma folha de inhame.

– Sabia que ia te encontrar no banho – disse, – por isso trouxe isto aqui pra cobrir esse teu troço aí, seu nudista.

E atirou a folha de inhame dentro da banheira.

– Como adivinhou que eu estava aqui?

– Adivinhando, ora.

Chegava quase sempre quando eu estava tomando banho. O horário podia variar, mas Cass raramente se enganava. E tinha todos os dias a folha de inhame. Depois a gente trepava.

Houve uma ou duas noites em que telefonou e tive que ir pagar a fiança para livrá-la da detenção por embriaguez ou desordem.

– Esses filhos da puta – disse ela, – só porque pagam umas biritas pensam que são donos da gente.

– Quem topa o convite já está comprando barulho.

– Imaginei que estivessem interessados em mim e não apenas no meu corpo.

– Eu estou interessado em você e também no seu corpo. Mas duvido muito que a maioria não se contente com o corpo.

Me ausentei seis meses da cidade, vagabundeei um pouco e acabei voltando. Não esqueci Cass, mas a gente havia discutido por algum motivo qualquer e me deu vontade de zanzar por aí. Quando cheguei, supus que tivesse sumido, mas nem fazia meia hora que estava sentado no West End Bar quando entrou e veio sentar do meu lado.

– Como é, seu sacana, pelo que vejo já voltou.

Pedi bebida para ela. Depois olhei. Estava com um vestido de gola fechada. Cass jamais tinha andado com um traje desses. E logo abaixo de cada olheira, espetados, havia dois grampos com ponta de vidro. Só dava para ver as pontas, mas os grampos, virados para baixo, estavam enterrados na carne do rosto.

– Porra, ainda não desistiu de estragar sua beleza?

– Que nada, seu bobo, agora é moda.

– Pirou de vez.

– Sabe que sinto saudade – comentou.

– Não tem mais ninguém no pedaço?

– Não, só você. Mas agora resolvi dar uma de puta. Cobro dez pratas. Pra você, porém, é de graça.

– Tira esses grampos daí.

– Negativo. É moda.

– Estão me deixando chateado.

– Tem certeza?

– Claro que tenho, pô.

Cass tirou os grampos devagar e guardou na bolsa.

– Por que é que faz tanta questão de esculhambar o teu rosto? – perguntei. – Quando vai se conformar com a ideia de ser bonita?

– Quando as pessoas pararem de pensar que é a única coisa que eu sou. Beleza não vale nada e depois não dura. Você nem sabe a sorte que tem de ser feio. Assim, quando alguém simpatiza contigo, já sabe que é por outra razão.

– Então tá. Sorte minha, né?

– Não que você seja feio. Os outros é que acham. Até que a tua cara é bacana.

– Muito obrigado.

Tomamos outro drinque.

– O que anda fazendo? – perguntou.

– Nada. Não há jeito de me interessar por coisa alguma. Falta de ânimo.

– Eu também. Se fosse mulher, podia ser puta.

– Acho que não ia gostar de um contato tão íntimo com tantos caras desconhecidos. Acaba enchendo.

– Puro fato, acaba enchendo mesmo. Tudo acaba enchendo.

Saimos juntos do bar. Na rua as pessoas ainda se espantavam com Cass. Continuava linda, talvez mais do que antes.

Fomos para o meu endereço. Abri uma garrafa de vinho e ficamos batendo papo. Entre nós dois a conversa sempre fluía espontânea. Ela falava um pouco, eu prestava atenção, e depois chegava a minha vez. Nosso diálogo era sempre assim, simples, sem esforço nenhum. Parecia que tínhamos segredos em comum. Quando se descobria um que valesse a pena, Cass dava aquela risada – da maneira que só ela sabia dar. Era como a alegria provocada por uma fogueira. Enquanto conversávamos, fomos nos beijando e aproximando cada vez mais. Ficamos com tesão e resolvemos ir para a cama. Foi então que Cass tirou o vestido de gola fechada e vi a horrenda cicatriz irregular no pescoço – grande e saliente.

– Puta que pariu, criatura – exclamei, já deitado. – Puta que pariu. Como é que você foi me fazer uma coisa dessas?

– Experimentei uma noite, com um caco de garrafa. Não gosta mais de mim? Deixei de ser bonita?

Puxei-a para a cama e dei-lhe um beijo na boca. Me empurrou para trás e riu.

– Tem homens que me pagam as dez pratas, aí tiro a roupa e desistem de transar. E eu guardo o dinheiro pra mim. É engraçadíssimo.

– Se é – retruquei, – estou quase morrendo de tanto rir... Cass, sua cretina, eu amo você... mas pára com esse negócio de querer se destruir. Você é a mulher mais cheia de vida que já encontrei.

Beijamos de novo. Começou a chorar baixinho. Sentia-lhe as lágrimas no rosto. Aqueles longos cabelos pretos me cobriam as costas feito mortalha. Colamos os corpos e começamos a trepar, lenta, sombria e maravilhosamente bem.

Na manhã seguinte acordei com Cass já em pé, preparando o café. Dava a impressão de estar perfeitamente calma e feliz. Até cantarolava. Fiquei ali deitado, contente com a felicidade dela. Por fim veio até a cama e me sacudiu.

– Levanta, cafajeste! Joga um pouco de água fria nessa cara e nessa pica e vem participar da festa!

Naquele dia convidamos-a para ir à praia de carro. Como estávamos na metade da semana e o verão ainda não tinha chegado, encontramos tudo

maravilhosamente deserto. Ratos de praia, com a roupa em farrapos, dormiam espalhados pelo gramado longe da areia. Outros, sentados em bancos de pedra, dividiam uma garrafa de bebida tristonha. Gaivotas esvoaçavam no ar, descuidadas e no entanto aturdidadas.

Velhinhas de seus 70 ou 80 anos, lado a lado nos bancos, comentavam a venda de imóveis herdados de maridos mortos há muito tempo, vitimados pelo ritmo e estupidez da sobrevivência. Por causa de tudo isso, respirava-se uma atmosfera de paz e ficamos andando, para cima e para baixo, deitando e espreguiçando-nos na relva, sem falar quase nada. Com aquela sensação simplesmente gostosa de estar juntos. Comprei sanduíches, batata frita e uns copos de bebida e nos deixamos ficar sentados, comendo na areia. Depois me abracei a Cass e dormimos encostados um no outro durante quase uma hora. Não sei por quê, mas foi melhor do que se tivéssemos transado. Quando acordamos, voltamos de carro para onde eu morava e fiz o jantar. Jantamos e sugeri que fossemos para a cama. Cass hesitou um bocadinho de tempo, me olhando, e ao responder, pensativa:

– Não.

Levei-a outra vez até o bar, paguei-lhe um drinque e vim-me embora. No dia seguinte encontrei serviço como empacotador numa fábrica e passei o resto da semana trabalhando. Andava cansado demais para cogitar de sair à noite, mas naquela sexta-feira acabei indo ao West End Bar. Sentei e esperei por Cass. Passaram-se horas. Depois que já estava bastante bêbado, o sujeito que atendia no balcão me disse:

– Uma pena o que houve com sua amiga.

– Pena por quê? – estranhei.

– Desculpe. Pensei que soubesse.

– Não.

– Se suicidou. Foi enterrada ontem.

– Enterrada? – repeti.

Estava com a sensação de que ela ia entrar a qualquer momento pela porta da rua. Como poderia estar morta?

– Sim, pelas irmãs.

– Se suicidou? Pode-se saber de que modo?

– Cortou a garganta.

– Ah. Me dá outra dose.

Bebi até a hora de fechar. Cass, a mais bela das 5 irmãs, a mais linda mulher da cidade. Consegui ir dirigindo até onde morava. Não parava de pensar. Deveria ter insistido para que ficasse comigo em vez de aceitar aquele “não”. Todo o seu jeito era de quem gostava de mim. Eu é que simplesmente tinha bancado o durão, decerto por preguiça, por ser desligado demais. Merecia a minha morte e a dela. Era um cão. Não, para que pôr a culpa nos cães? Levantei, encontrei uma garrafa de vinho e bebi quase inteira. Cass, a garota mais linda da cidade, morta aos vinte anos.

Lá fora, na rua, alguém buzinou dentro de um carro. Uma buzina fortíssima, insistente. Bati a garrafa com força e gritei:

– MERDA! PÁRA COM ISSO, SEU FILHO DA PUTA!

A noite foi ficando cada vez mais escura e eu não podia fazer mais nada.”



Vitória, 13 de Abril de 2015.

Cara autora,

De imediato te digo: pela primeira vez vejo alguém descer do salto para se tornar mulher. Tocar o chão com os pés firmes, e ver na dor e nos calos, a própria vida. Tu não te finges de morta nem te esconde atrás de máscaras, de vestes ou saltos.

Mas não foi para isso que vim, e o teu convite me lança num abismo. Falaremos dele a partir de agora. Coragem abrir a porta de casa para que estranhos invadam. Mas entendo, esse território já não é mais seu, tornou-se impessoal.

Quero me meter, agora que fui convocado. Não mexerei na máquina de escrever, mas falarei das inquietações que a organicidade deste corpo me traz.

A primeira cena que salta à memória é de um texto chamado 'Amor', de Clarice Lispector. Apesar de não haver semelhança alguma entre vocês.

*“Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia.”*

Ana madura e dura. Ana que Ama sopra a vela para não ver. Haveria desamor em acender a vela, só para ver o que se passa?

Ah, quanta bravura, minha amiga. Tu és inimiga das mais profundas mazelas humanas. Vejo-te acendendo a vela.

Isso, enfia o dedo na ferida, tem sangue rubro e quente pulsando saída. Tu és inimiga e jamais serás amada. Todos aqueles que falam verdades são cruelmente odiados. Sábios são os loucos que não sofrem de palavras não ditas.

Revelastes a face humana. Abriu a pele, alargou os poros e mostrou a ferida. Lançou uma lente de aumento sobre nós. Tal ato queima e dói. Ah, como ler-te e devorar-te dói. Seu texto requer coragem. Não tô acostumado com a nudez do corpo. Envergonho-me. Avermelho-me com esse meu sangue coalhado.

Nesse fragmento vejo as labaredas! Tu ateias fogo sobre nós. A vida é chama que não se apaga. Vejo o atear fogo. Diferente de Ana – representante da maioria de nós - que apaga chamas.

Não julgarei Ana!

Apagar a chama do dia, ou aquele fato que mobiliza para a vida, não é, em hipótese alguma, um ato de covardia, pois requer coragem também.

Mas acender a chama para ver-se queimar me parece um grito, nada sutil! Acende essa chama. Lança luz sobre a vida. Fechar os olhos para esquecer é

por demais humano. Mas querer a claridade e a tudo enxergar é algo sobre o qual não saberia dizer.

Vivia tão bem até aqui! Mas tu me torturas com suas palavras laminosas. Mas faz isso, corta! Corta-me. Sou sádico (mas não sadio) como a ti.

Cass não fura somente a ela mesma, como também a nós, leitores.

Fura as certezas, os maus hábitos, as verdades que insistimos em sustentar. Ilusões, talvez.

Cass chega em boa hora! Já ando por demais desacreditado da humanidade. O suicídio torna-se um ato natural e previsível.

Ensimesmado como uma ostra, o homem dessa nossa época tem figurado de um modo estranho! Proferem palavras bonitas, quase sensíveis, mas pouco sabe sobre o outro.

Nada vê, nada sabe. Um certo delírio social. Sonha com um mundo mais gentil, mais suave, de menos obrigações, e, sem perceber, apaga a vela com o próprio dedo. Sente-se queimar, mas prefere tal dor a enxergar.

Seu texto é vulgar, querida autora! É nu, é cru. Não precisastes de enfeites. Vê beleza nas rugas, nas dobras, nos arranhões da pele, nos pelos encravados, nas espinhas.

Quer beleza maior que a da autenticidade?

Temos carecido de autenticidade! De honestidade.

Ando saturado de fabulações!

Tu és parceira da humanidade.

Com carinho,  
*Madalena!*

**T**eresa anda cansada

Teresa, um copo de café, borrado de batom. As marcas do copo, borrado de café, pintam a mesa num tom tabaco.

Teresa se senta e fica. Teresa prefere sentar-se. Seu batom se esvai com a espera. As tortas pernas, *outrora engraçadas à Telma...*

... o batom vermelho de Teresa, sustenta-se às margens dos lábios. Firme! Ele está lá e Teresa pode vê-lo, pode senti-lo. O batom habita os contornos de Teresa. Apenas os contornos de Teresa. Ludibria o vazio que cresce a cada instante de espera. Mas a culpa não é do batom. Há culpa? O que *há-com-tecido*?

A pequena faceira Cass se rabisca de batom, risca-se de vermelho – vermelho por todo o azul do corpo. Teresa prefere mantê-lo às margens. Questão de escolha? À meia luz, no reflexo do espelho, ele habita em sua pele. Questão de corpo?

Crendo na existência máxima do vermelho ela se senta. Afinal, um batom tão caro, tão caro à Telma... deixe que o tempo o desmanche de modo que nem mesmo a própria perceba, já percebendo, porém, que não é, em absoluto, o tom viçoso de outrora. Jaz do vermelho, o pálido.

Teresa não consegue rir de suas mazelas, *Telma achava a graça*. Sustentar o vermelho desbotado é para Teresa a existência de Telma. Há Telma em Teresa, enquanto houver as marcas deixadas por ela.

O corpo organizado de Teresa conhece bem a função dos lábios. Os lábios estão lábios para comportar o vermelho de Telma. E se esboçam sorrisos, os conhecidos lábios de Teresa... sorrisos cansados de esperar. Boca cansada de existir boca para os vermelhos de Telma-fantasma.

O fantasma de Teresa se relaciona com o fantasma de Telma. Apenas assim é possível viver. Boca, nariz, olhos rasos. Um rosto manequim, intocável, empedernido. A última quimera?

Teresa é moça comportada. Comporta bem tal palavra. Toda *cheiura* dela. Toda feiúra também. Os passos disciplinados de Teresa-fantasma legitimam o fardo de *viver sem*. A falta. Viver sem é sua sina e não há para ela o que possa ser feito. O que *há-com-tecido*. Estaria fadada. Atada. Corpo amputado de Teresa! Desmanchando-se apenas pelo tempo que lhe arranha os pêlos e desbota o vermelho do batom ou desbota o vermelho dos olhos ou desbota o branco dos dentes ou encarde a pele. Faz ruir Teresa. Mas Teresa não pode ruir. Teresa é um território bem definido, alinhado, inviolável. Ruir seria

perder-se de si. Teresa teme a perda. E se seus olhos esboçam algum sorriso... *julga não poder ser tão feliz.*

Teresa brinca de juiz. Distancia-se do fogo, da água e do ar. Mas nunca das fotografias, dos sorrisos nelas estampados. Olhos, bocas, orelhas, pernas, *abraços*, posturas. Prossegue tentando. E tentando performa coreografias obsoletas. Remenda linhas desgastadas por um mimetizar desmedido. O concerto de Teresa difere-se do de Mahler. As sinfonias regadas em cinismos e humores, isentas de ironias ressentidas, fez Bukowski gargalhar ao ouvi-las. Fez com que ele pedisse por mais! Mahler-feiticeiro faz o ritmo gaguejar. Brinca com os sentidos e inventa narrativas imprevisíveis em seu caldeirão sinestésico. O concerto de Teresa é o concerto da reforma. Um concerto abluído de benevolência, condescendência e mentiras. Teresa mente quando sorri e quando expõe sua sinfonia. Teresa maestrina cansada, em sua analgesia, rege um réquiem bem organizado.

Vitória, 29 de abril a 01 de maio de 2015

Caro autor/narrador/relator da história de Teresa, ou melhor, de um fragmento de história de uma Teresa,

Li e reli este fragmento umas muitas vezes. Ele me foi tão visceral que, a princípio, não pude comentá-lo no computador. Pois, para mim essa conversa deveria de ser tecida de forma mais íntima, mais aproximada. Precisei pegar papel e caneta na mão, tocar e contornar as folhas em branco de papel em forma de carta. Esta carta, que quando passada para o computador pode ganhar novos sentidos e não sentidos.

Sabe, eu entendo Teresa. Entendo quando ela sente que não pode se mexer para não apagar lembranças, as quais podem parecer para ela, mesmo que não seja verdade, o resto que há dela mesma. Afinal, o que haverá se essas lembranças que são de outro que “a preencha” se esvaírem? Entendo-a nesse esforço cotidiano de tentar não se mexer. E, olhe, meu caro, dá muito trabalho ficar parado! Os músculos são forçados à contração contínua. Não me parece natural para o nosso corpo forçar para parar. Na verdade, tudo no corpo vivo circula: o sangue, os nutrientes, o ar... circula interna e externamente. O corpo recebe e expelle e isso vai movimentando... e o nós é, para mim, um resto disso tudo. Um resto que sempre se renova, já que esse movimento vai se dando – ou deveria se dar? O negócio é que a gente as vezes fica demasiado íntimo de certos restos e fixamo-nos a eles... bom, sabe-se lá o que há por vir nessa renovação? Talvez Teresa se coloque esta questão e sinta medo dela. Talvez.

Mas, será questão de escolha? Será que Teresa prefira isso tudo? Bom, preferência é quando a gente conhece várias opções. Eu fico na suspeita se Teresa conheça outras... quando vislumbro a imagem de Teresa sentada sobre a mesa – porque fico achando que Teresa é o copo de café marcado de batom e que marca a mesa – fico vendo alguém sem muitas preferências. Uma parada no tempo. Corte no movimento. Ela não vê a superfície do chão... ela vê abismo. Como se a superfície estreita da mesa fosse tudo o que ela tivesse para caminhar. Se eu acho que Teresa é uma vítima? Claro que não... Eu vejo potência em Teresa. Parece pouco, mas ela marca a mesa em tom tabaco. Ela marca e está marcada e a vida tá passando ali, malgrado a teimosia dela de gastar tanta energia para ficar parada. E o que ela vai fazer com isso? Não sei. Teresa me parece solitária.

O que terá ocorrido com ela que parece que se mortificou quando perdera Telma? Parece que Telma era tudo o que ela tinha. Como se fizesse toda sua existência em Telma. E o resto? Isso também me indigna! Fico pensando... parece que perdendo Telma, ela perdeu a teima... ou, se fixara nela. A Teima pode ser daquelas desassossegadoras ou pode ser daquelas que fincam o pé e não se arredam. Enfim, neste fragmento de vida, acho que há as duas. Bom, não sei... talvez Teresa não fique desassossegada com esta circunstância. Talvez a teima dela seja a do pé fincado. Mas, eu... eu fiquei. Enfim... eu acredito que nela também haja as duas. Nada é pacífico quanto se parece.

A história de Teresa faz-me recordar da história de uma menina que via uma tempestade achegando-se e resolvera segurá-la com os olhos bem fechados. Com o tempo, os olhos congelaram, a pele dela foi ficando mais e mais branca, o sorriso quadrado de tartaruga. Tudo isso pelo pavor do encontro com a tempestade e com o que ela traria, com o que ela faria com ela. A dúvida da

menina era acerca da destruição, da dissolução. Ela temia o encontro com o infinito.

*Está no meio de um pasto com muitas pedras e o céu começa a se movimentar. Cada agitação trazia consigo um assombramento do lugar. Até que tudo ficou cinza e turvo. Ela olha para os lados e não vê nada. Não há lugar para onde ir e não é possível permanecer onde está. O vento, não podia senti-lo, pois até ele havia parado para prestar atenção. Seu peito então, fecha-se com ajuda de seus músculos bem contraídos: é o prenúncio do fim. Ela se desespera e corre por todas as direções em busca de um lugar, um lugar que a protegeria daquilo, um lugar onde ela pudesse ficar e permanecer sem risco de catástrofe.*

*Vendo que não há nada a fazer, senta bem no meio de uma das grandes pedras e nesse mesmo momento os raios começam a cortar o céu e também seu sossego, os trovões soam forte e ressoam vibrantes em seu corpo. Só há duas possibilidades em seu pensamento: ou me afogo no dilúvio, ou um raio me parte em pedaços. Tudo isso seria minha aniquilação. Mas, já não estou eu nesse estado? O que há de mim?*

*E... mesmo com questões ela resolve fechar seus olhos, aperta-os bem forte para segurar a eclosão da tormenta. E lá ela permanece sentada na pedra, sozinha e segurando a tempestade de seu mundo.*

Vai ver a partida de Telma anunciou uma tempestade para Teresa. Eu entendo Teresa. Acredita/acreditou numa verdade que a coisa só está presente quando está presentificada. Eu acho que sei... Teresa talvez ache que não saiba... Telma pode não mais renovar as marcas de batom na boca de Teresa, mas as marcas já constituem um resto que consiste Teresa... que podem ser força para novos encontros e ousadias... Tipo Cass quando ousa rabiscar de vermelho o triste azul, que, por vezes, faz seu corpo.

Ah! Se eu pudesse cochichar com Teresa, seria assim, ó:

*“Olhe Teresa,*

*Por que você tá retesando a vida? As coisas terminam... é verdade... as pessoas partem e nos deixam partidas... é verdade... dói isso tudo... é, para mim também dói. Mas, sabe... ficar partido é também uma possibilidade de estar aberto para outras partidas. Os términos podem possibilitar novos começos. Eu sei... maior clichê isso que estou falando. Mas, não quero que você entenda como clichê só... não é da boca para fora que estou dizendo isso. É com minha carne. Eu compreendo isso... e te entendo quando prende o movimentar.*

*No entanto, isso vai enferrujando a gente... matando... matando no mal sentido. Pois para mim nem a morte significa ausência de movimento. Isso complexo de explicar... mas, acho que a melhor palavra para mim é palidez... tipo zumbi. Enfim, você tem consistência... de memórias... encontros que fazem sua carne... Você já respirou hoje? Deixa o ar circular. Dá medo? Eu sei... se sentir vivo pode assustar! Aliás... o que vamos fazer com isso? Vida? Coisa esquisita! Você já deixou chover nos teus olhos hoje? Fez cocô?*

*Essa coisa de durar por esticamento fode com a gente! Ficamos com tudo esguirçado! A gente tem limite! É... a gente tem limite! Não dá para esticar*

*sempre... tem hora que a gente precisa deslocar. Ter limite pode parecer uma merda. Ter fim pode parecer uma merda! Mas, merda mesmo é ter que ficar forçando-nos a mesmice!*

*Querida Tersa, desculpe a exaltação! Eu entendo você... Talvez você esteja tendo prudência... Afinal, me parece sozinha. E, bom, sozinha é mais difícil sustentar uma transformação dessa ordem. Eu entendo. Mas, hein... por que não liga para Cass?? Cass... aquela doidinha que se rabisca. Ela talvez possa te ajudar... emprestar alguns riscos dela. Ela se coloca em risco... e... bom... ainda está lá. Sim, sim... há de se ter prudência! Mas, não demasiada! Nem demasiada prudência... nem demasiado risco. Vai... liga... despreziosa! As vezes ampliar os laços nos ajuda a embarcar na trip da perda... Sabe... o laço ajuda a trazer a gente de volta (não à mesmice). Vou explicar melhor... ah... nem sei... confia!*

*Está vendo, Teresa?? Você, um copo de café borrado de batom, marca a mesa num tom tabaco. Está vendo? Você também marca. É marcada e marca. Que tal habitar também outras superfícies?*

Bom, essa seria minha carta convite à Teresa! É importante se aproximar de Teresa. Ela precisa de cuidado. É importante Teresa aproximar-se de si. Ela precisa de cuidado. Cuidado para criar condições para ela embarcar no imprevisível...

Teresa me parece solitária... vendo a solidão dela, fico pensando que o mundo tem sido habitado por solitários, que, por estarem nesta condição, ficam ainda mais *crazy* com essa mania de definir lugares e fixar a vida. Isso é efeito do processo de individualização que a gente tem vivido. Ficamos em meio a modos de subjetividade muito enfraquecidos... pouco consistentes... medrosos... Isso também tem a ver com o racionalismo...

Quem veio primeiro o ovo ou a galinha? O racionalismo ou a fobia ao diferir? Sei lá... só sei que isso está deixando a vida sem cor. Bom... por fim, a história de Teresa me faz ter vontade de fazer coletivo, de me aproximar, de me apaixonar, mesmo isso sendo um risco. Mesmo eu me perdendo de mim... eu quero afirmar à confiança, mas, tem risco, imprevisto, perda, ganho, alegria, calor, frio... Tudo bem, eu arrisco! Isso para mim é potência...

Vem Teresa... você está cansada, mas eu te ajudo a descer da mesa!

*Drica*



**E**ntre retalhos, trapos e remendos

Isso funciona, e como é que funciona? Como isso funciona para você? Se não funciona, se nada passa, pegue outro livro. Essa leitura é uma leitura em intensidade: algo passa ou não passa. Não há nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar.<sup>96</sup>

Vou contar uma história. Peço a vocês que não tentem significar as palavras, produzam sentidos através daquilo que passa, de como cada palavra passa pelo seu corpo. Que seu corpo sinta as palavras. Que possam dizer coisas diversas, possam dizer qualquer coisa, são apenas palavras, são ferramentas mediadoras.

P.a.l.a.v.r.a.s...

Caso não faça sentido algum ou caso o encontro com as palavras provoque um efeito nocivo ao seu corpo, largue essa leitura. Leia apenas se lhe servir! Caso contrário, lance esse texto e todas as palavras que o desenham para longe. Ao seu corpo apenas o que presta. O que não prestar, jogue fora sem pestanejar. Talvez nada disso valha, é bem possível que não. A mim mesma, dia ou outro isso não funciona absolutamente para nada, bem como uma porção de tralhas que tenho rabiscadas por aí. Devo confessar que todas essas tralhas foram imprescindíveis no momento em que escorreram do meu corpo. Sabe, meu corpo carece escorrer palavras. Prisão de ventre é coisa triste, espinhas também são.

A moça busca, mas não encontra. A moça, a mulher de trinta e poucos, busca nas fotografias antigas alguma estabilidade, ela precisa estabilidade, teme o desassossego. No entanto, quanto mais se volta às relíquias mais inquieto seu corpo fica. Como se os pensamentos pensassem ancoradouros. Sempre os mesmos.

Tudo o que acontece o desestabiliza e o faz mergulhar em recordações. E uma nova imagem não se faz. E um novo som não se faz. Ele está entre antes e depois, está à flor da pele. A um só tempo anestesiado e excessivamente poroso.<sup>97</sup>

Os pensamentos não pensam novos pensamentos, apenas reproduzem um mesmo pensar. Marcas de marcas, repetições desmedidas. Apenas repetições que garantem um contorno já conhecido. Um corpo aos remendos.

Cuidadosamente move suas pernas, pernas frágeis, de poucos exercícios, torneadas pela genética premiada. *Sorte deus habitar as coincidências*, nos sugere Nelson Rodrigues em seu *Engraçadinha*. Decerto, deus conhecendo a triste sina da mulher, talvez por

---

<sup>96</sup> DELEUZE, 2008, p. 16.

<sup>97</sup> DOMINGUES, 2010, p. 53.

piedade presenteara a mesma com um corpo farto, forte. Um corpo forte para sustentar a fadiga, o tédio. Corpo forte para sustentar o frágil corpo? Como um corpo se faz forte para sustentar o tédio?

Um corpo fastio. Um corpo fatigado. Um corpo aos remendos. “Ele vive um estranhamento, um desassossego, não é mais o mesmo e ainda não é outro”<sup>98</sup>.

E as pernas continuam a dança. São lindas, longas, saudáveis e tortas. Os movimentos são lentos, *sedutores*.

Enquanto as pernas pincelam um *blues*, lancemos nossos olhos aos olhos da mulher. Estranhamente diferente das lânguidas pernas, os olhos estão agitados. Nem seduzem tanto quanto as pernas. Sinceramente... sei lá. “Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo nascesse.”<sup>99</sup>

### Uma novela ou o que se passou?

Fragmentos... tomada por eles, debruço-me em três novelas.<sup>100</sup> Folheio. Tomo notas.

Novela: Tudo está organizado em torno da questão *O que se passou? Que pode ter acontecido?*

Conto: diferente da novela anima o leitor frente à questão: *O que acontecerá?*

Romance: passível de abarcar elementos de ambos os gêneros literários, conto e novela. Escapa a compreensão de tempo<sup>101</sup> como linear. Trata-se de situações em que algo tenha acontecido e ainda será descoberto num presente que pulsa *sendo*. Algo que não meramente *será*, tampouco *foi*, desenha-se *sendo*. Este modo impreterivelmente inviabiliza deprender o tempo enquanto sequencial, estratificado, mas sim como um engendramento de forças que se atualizam num presente, coexistindo ao passado, bem como ao futuro. Coevos, permitem um vibrar, uma passagem, um instante que, configura-se em diferentes maneiras. Linhas que incessantemente desenhavam novos contornos, paisagens incompletas.

---

<sup>98</sup> DOMINGUES, 2010, p. 53

<sup>99</sup> Fragmento do poema ‘*Teresa*’, Manuel Bandeira.

<sup>100</sup> Alusão ao texto de Deleuze e Guattari ‘*Três Novelas ou ‘o que se passou?’*’ encontrado no livro Mil Platôs, v.3, 2012.

<sup>101</sup> Entende-se o Tempo enquanto conceito presente nas obras de Bergson, em conexão com Deleuze, como possibilidade infundável de sucessão, continuidade e mudança.

Novelas, romances e contos. É possível comportar um mesmo tema, no entanto, traçados de diferentes maneiras. A questão é como tal tema é disposto nestes três gêneros literários, por mais que se configurem de formas diversas, não excluem a possibilidade de serem atravessados entre si.

Um romance pode vir a ser uma novela, bem como um conto vir a ser um romance, ou mesmo uma novela vir a ser um conto. Diferentes velocidades que permitem delinear as linhas que tecem e vestem a trama em específicos gêneros literários.

Das Notas, prepondera-se Nelson Rodrigues.

Se trouxermos duas obras do aludido autor: *Asfalto Selvagem* e *A Dama do Lotação*; perceberemos suas diferentes superfícies: no primeiro caso a questão *O que pode ter acontecido? O que se passou?* E no segundo caso *O que ocorrerá?* Diferentes velocidades, posturas que elevam ou diminuem o grau de excitação do leitor.

Em *Asfalto Selvagem* a trama se desenrola vagarosamente, as diferentes conexões temporais sustentam a primeira questão há pouco colocada, que tão logo será abstraída por demais questões que ascenderão em linhas posteriores, neste caso, um posterior que não é em absoluto progressivo, trata-se de um presente que, por ser presente, pulsa um passado e um futuro demasiado próximo. O presente sempre *sendo*. Um aconteceu *acontecendo*. Nunca se saberá o que aconteceu. A rigor, nada aconteceu. Mas é justamente esse nada que permite evocar o que poderá ter acontecido. O nada é o possível e não a anulação é o segredo que se manterá secreto, impenetrável, portanto possível. Quanto ao conteúdo, tem-se o corpo em diferentes estados agenciados aos acontecimentos da trama, o corpo que permite corpo *ao que se passou*. Corpo que ganha corpo quando surpreendido, quando algo acaba de acontecer. Personagens, paisagens, imagens que corporificam acontecimentos. Excessos que contextualizam ações, momentos, situações. Corpos que não apenas corpos fixos, mas corpos criativos, que se inventam e re-inventam-se continuamente. Corpo poesia:

– Cansado?

Teve pudor da própria dispnéia. Seu sorriso foi um esgar miserável:

– Absolutamente.

O coração dava batidas furiosas. Por sua vez, a úlcera tinha palpitações desesperadas. Fez, para si mesmo, a reflexão de humor lúgubre: – “Vou chegar lá em cima de rabeção!” e sua vontade era desvencilhar-se de todos os escrúpulos e os pudores e sentar-se num degrau redentor. “Sou um velho”, pensava. No meio da escada apoiava-se no corrimão. O pior é que já sentia as pernas bambas e a

vista turva. Parecia-lhe meio desrespeitoso para o judiciário que uma escada fosse tão árdua para um juiz como para todo o mundo.<sup>102</sup>

No segundo caso, acerca do conto *A dama do Lotação*, percebe-se uma velocidade outra, diferente da primeira abordada: *O que aconteceu?* Trata-se de *O que acontecerá?* Esta questão que incessantemente é evocada está em relação com a descoberta, independentemente do que se possa descobrir, uma descoberta que não é factual, objetiva ou mesmo absoluta. Ela se movimenta imprevisivelmente, agita-se sempre para algo que virá, que está em vias de:

Carlinhos não disse mais uma palavra; lívido, foi no gabinete, apanhou o revólver e o embolsou. Solange mentira! Viu, no fato, um sintoma a mais de infidelidade. A adúltera precisa até mesmo das mentiras desnecessárias. Voltou para a sala; disse à mulher entrando no gabinete:

— Vem cá um instantinho, Solange.

— Vou já, meu filho.

Berrou:

— Agora!<sup>103</sup>

Ao ler esse trecho é possível perceber que a velocidade inebriante produz uma excitação. Afinal: *O que acontecerá?* Como será o desfecho dessa trama? O que Carlinhos fará com Solange? Irá matá-la? Irá subtrair sua própria vida? A convocará para matar o suposto amante? *O que ocorrerá?* As possibilidades são muitas, infundáveis. Somos lançados a um futuro que se atualiza em um presente intrinsecamente ligado a um passado. Algo se passará, *passando*, uma vez que passou. Já não há uma preocupação com o corpo enquanto postura, configuração de um contexto, mas sim com atitudes, posições que desenham desdobramentos por vezes inesperados. Há uma questão entre Solange e Carlinhos que carece ser resolvida tão logo. Atitudes e posicionamentos frente ao inesperado, intempestivo.

Não se trata de remeter a novela ao passado e o conto ao futuro, mas de dizer que a novela remete, no próprio presente, à dimensão formal de algo que aconteceu, mesmo se este algo não for nada ou permanecer incognoscível (...). A sequência da novela é: Que

---

<sup>102</sup> RODRIGUES, 2008, p. 392. Segue, nesse fragmento, um diálogo entre Engraçadinha e Dr. Odorico. Juiz de direito que há tempos conhece a família da protagonista e ao reencontrá-la, aproximados 20 anos depois, percebe-se demasiado envolvido pela mesma. Eventualmente, quando é surpreendido por alguma situação de maior proximidade, excitado, desencadeia uma série de sintomas específicos, descortinando sua vulnerabilidade frente aos sentimentos que tem pela protagonista.

<sup>103</sup> RODRIGUES, 1992, p. 219.

aconteceu? (modalidade ou expressão), Segredo (forma), Postura do corpo (conteúdo).<sup>104</sup>

Novela?

Romance?

O que aconteceu?

Asfalto Selvagem: Engraçadinha, seus amores, suas linhas de segmentaridade duras ou molares, seus fluxos moleculares, suas linhas de segmentação maleável, suas velocidades, seus pecados, suas transgressões, sua culpa, sua ternura, seus corpos e posturas.

O Segredo ou O que se passou?

– Amantes, nunca as teve!”

Mas...

– Matou-se por quê? (...)

Acontece que no caso de Dr. Arnaldo não havia motivos, nem conhecidos, nem desconhecidos. Diante de um fato brutal e sem explicação, o povo de Vitória e todo o Espírito Santo ficou, a princípio, estatelado.<sup>105</sup>

Uma família. Família tradicional burguesa em meados da década 50. Uma tríade bem estruturada: Filha e prima Engraçadinha, primo e sobrinho Silvio e pai e/ou tio Dr. Arnaldo. Apesar de pouca conversa com o pai, existe um vínculo de respeito e amor. O mesmo é sustentado entre tio e sobrinho. Entre os primos: amor. O desejo incestuoso da moça pelo rapaz. A recíproca: uma rede de afetos.

À priori, uma família tradicional burguesa, uma família qualquer. Uma linha de segmentaridade molar, dura, que garante o controle, a estabilidade, bem como a identidade pessoal. Linha dura que comporta até mesmo o amor. Que permite uma relação de ternura e cumplicidade. Linha de segmentaridade molar que admite territórios bem definidos, sentimentos, afetos nomeados: desejo minha prima, ainda que ela não saiba disso, não sofro por amá-la, amá-la me contenta. Amo meu primo, ainda que ele não saiba disso, não sofro por amá-lo, amá-lo é uma possibilidade. Amo minha filha, ainda que tenhamos pouco contato e que ela não saiba *o que aconteceu*. Amo meu sobrinho, ainda que ele absolutamente desconheça alguns *segredos*... sim, os rabiscos não são tão simples como parecem, mas...

---

<sup>104</sup> DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 72.

<sup>105</sup> RODRIGUES, 2008, p. 15.

A linha molar costura uma urdidura bem definida. Permite a existência de uma família, de uma ordem familiar constituída no âmago de um contexto moral vigente em meados da década de 50, que de modo algum pode ser considerada puramente ruim, ou mortificadora, inobstante, configure uma família.

Linhas molares sempre serão atravessadas por fluxos moleculares, segmentação maleável que promove rupturas, que levam a um fervilhar de partículas invisíveis subterrâneas, que não cessam de escapar às duras linhas. Os afetos reagem aos fluxos instituintes, a possibilidade de perder-se em uma desconfiguração dos territórios produz mal-estar. “As duas linhas não param de interferir, de reagir uma sobre a outra, e de introduzir cada uma na outra uma corrente de maleabilidade ou mesmo um ponto de rigidez.”<sup>106</sup>

Engraçadinha, Silvio e Dr. Arnaldo. Pai, filha e filho. Pai e irmãos.

Apaixonada, envolvida pelo até então primo (afeto feliz, ainda que incestuoso), o convida, durante o noivado deste com a prima Letícia para um encontro na biblioteca do pai, até então apenas *dela*. Silvio cede. Encontram-se. Incesto legitimado. O que plainava em bruma, institui-se. As moleculares linhas de afeto transgrediram a rigidez molar. Fios tênues mobilizaram a urdidura outrora alinhada, desenhando uma trama desconhecida. Novas cores a uma roupagem continuamente reformada. Processos sutis que fazem ruir a rigidez da vida. A questão é: como sustentar?

Agora, a trama é outra, os fios desordenados elaboram um novo cenário. Os “primos” legitimaram o incesto: gestação! Instabilidade! Medo! Culpa! Capilares linhas maleáveis desalinhando a roupagem. Triade em crise: desmoronamento de um modelo de família. Desmoronamento de *uma vida*.

Mas, *o que aconteceu? O que passou* para que seja tão intempestiva a ocasião incestuosa? Qual o segredo que envolve essa trama? Quais os segredos que provavelmente não serão desenrolados, desvelados.

*Amantes, nunca as teve!*

Se nunca as teve, se jurou fidelidade à mãe de sua filha *Engraçadinha*, o que houve para que o incesto entre sobrinho e filha desencadeasse insustentável angústia a ponto de subtrair a própria vida? Ou melhor: o que o levou a subtrair a própria vida? *O que passou?*

---

<sup>106</sup> DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 75.

A tradicional família burguesa em sua segmentaridade dura, onde tudo parecia previsível, alinhado e coerente, onde vínculos afetivos foram construídos, vínculos de amor e ternura, viu-se tomada por micromovimentos disruptivos. Oportunamente, Deleuze e Guattari nos atentam: “Essa história de intensidades é muito delicada: a mais bela intensidade devém nociva quando ultrapassa nossas forças, nesse momento, é preciso poder suportar, estar em boas condições.”<sup>107</sup>

O que *acontece*: suicídio do pai e/ou tio *aconteceu*: relação incestuosa entre Arnaldo e cunhada? *O que passou?* Como se estabeleceu essa relação?

Segredo, segredo, segredo, segredo...

Ao saber a respeito do filho concebido por meio da relação entre *protagonista já sem graça* e primo, Dr. Arnaldo, demasiado conturbado revela a filha o *segredo*, ou melhor, parte dele. Posto que o segredo nunca será plenamente violável. A prima, agora irmã, informa a novidade ao primo: Irmãos! O desejo resiste a segmentaridade dura, todavia, proibido, precisa ser plenamente rechaçado: caos, enlouquecimento, morte, autoflagelação. Sustentar as intensidades pode ter um custo muito caro.

Alguns suicídios jamais são registrados.<sup>108</sup>

Enfim,

A trama permeada por afetos tristes se reconfigura. A segmentaridade fixa é cortada por fios maleáveis. Insustentáveis àquela tríade familiar. Uma situação peculiar suscitou uma série de acontecimentos intempestivos que, absolutamente, escapam à vigência da segmentaridade fixa.

Silvio: amputação e morte

Arnaldo: suicídio

Engraçadinha: Engraçadinha, quando adulta, após os trinta, já casada, já cansada, já mãe, já cristã, já salva, já sem graça. Engraçadinha, devir dionisíaco em sua cálida adolescência, neste momento, personifica e representa a “pureza cristalina”. A renúncia à carne, ao corpo, à vida. Distancia-se de si, como se atirasse a um sótão abandonado a transgressão vivida, “entra-se em um cômodo e se percebe algo como já presente, tendo

---

<sup>107</sup> DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 75.

<sup>108</sup> BUKOWSKI, 2010, p. 136.



acabado de acontecer, mesmo se ainda não realizou.”<sup>109</sup> Engraçadinha é *culpada* pelo crime latente, o que está em *vias* de. Ela veste essa culpa. Seu corpo-culpa: O fio na navalha.

Acerca da cunhada, que morrera jovem e com a qual o pai/tio relacionou-se (aquele que nunca teve amantes), acerca do amor e do cansaço, acerca da rigidez de um modo de vida, acerca das preces e não apenas dos olhos, mas do olhar:

Dr. Arnaldo passara algumas horas fazendo a meditação diária sobre a “cunhada impossível”. Era, por assim dizer, uma saudade com hora marcada, uma saudade que ocorria, regularmente, após a última refeição. (...) Era tão intensa a evocação que, por momentos, a bem amada parecia tornar-se visível a tangível. E quando, finalmente, ele abandonava a biblioteca, vinha fisicamente exausto e pior: – seus olhos faiscavam dentro de um halo tão negro que parecia feito de rolha queimada.<sup>110</sup>

Deveras, amantes nunca possuiu, investiu *uma vida* apenas a esta mulher – a cunhada. *O segredo?*

---

<sup>109</sup> DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 72.

<sup>110</sup> RODRIGUES, 2008. p. 181.

O que mais tem me tomado no momento, é a relação dos nossos modos de vida, desses modos de vida *outsiders*, com os modos de vida imperativos da sociedade e como que eles vêm até nós por meio da família. Como que a família nos traz a imposição de modos exteriores e como que esse choque entre o nosso modo de vida e o modo vida que a família tenta fazer aparecer na nossa existência individual por meio do discurso, da piada e da culpa como recursos de constrangimento ao ato. Esse constrangimento ao (do) ato que se apraz à família nos contradiz.

Eu peço licença pra teorizar sobre o seu fragmento, não quero, com isso, dizer que ele não me atravessa, porque a teoria me atravessa o corpo. A teorização é, pra mim, uma forma de lidar publicamente com meus afetos e questões mais íntimas sem expor as condições concretas que me deixariam na mais frágil das nudezes. A teorização funciona pra mim como uma alienação desalienada, ou melhor, como uma desalienação que mantém alienadas as instâncias do sujeito que não são suficientemente gerais para gerar uma teoria ou que são demasiado pessoais, e que poderiam ser sentidas como carne viva exposta – sem pele ou gordura – ao vento.

Seu fragmento me atravessa na relação entre família e incesto. A família, como qualquer tipo de ordem, só se estrutura sobre algum tipo de proibição e só é mantida através de um sistema de vetos que faz conceber aquilo que é entendido como desordem. E a família se estrutura na proibição do incesto. A família que a gente conhece, a família burguesa, se estrutura na proibição do incesto, do relacionamento sexual entre familiares. E essa proibição cria nos familiares toda sorte de neuroses, porque o incesto acontece.

O incesto acontece nas brincadeiras sexuais entre as crianças da família (primos, irmãos etc.) nos toques (sexualizados ou não) dos adultos da família sobre os corpos infantis. Esses toques podem atravessar os corpos e serem eventualmente percebidos e rememorados como sexuais, como incestuosos. A prática da proibição atravessa a família, o incesto que a estrutura enquanto veto máximo atravessa o cotidiano da existência infantil na família.

Para sobreviver a essa prática constante daquilo que, enquanto interdição, mantém a família, a narrativa doméstica é capaz de criar toda uma sorte de estratégias. Alguns toques incestuosos são narrados como não-incestuosos “é só uma brincadeirinha” (o que por vezes pode ser realmente sentido como

uma brincadeira por quem prática o ato), são protegidos por construções como “a maldade está nos olhos de quem vê”. Mas, se esse proibido é justamente o proibido que estrutura a família, então o que está acontecendo é a estruturação da família pela prática do interdito estruturante.

Então, o discurso sobre a pedofilia, por exemplo, pode ser visto como uma prática que excede os limites, que excede a capacidade da família de se estruturar internamente diante da prática daquilo que é proibido. Quando prática do proibido excede a capacidade da família de se estruturar diante desse desvio da norma, a norma se rompe e o desvio se transforma em crime. É o transbordar da prática do proibido que é comum na família.

Eu me perguntava esses dias, antes da leitura do seu fragmento: Por que pode criar tantas marcas uma coisa que pode ser efetivamente vista como uma brincadeirinha pelas pessoas que estão praticando – e muitas vezes também pelos olhos de quem recebe? Por que isso pode criar marcas, traumas e tanto sofrimento, mesmo que venha a ser entendido como uma brincadeira? Por que o toque com conotação sexual de uma tia, tio, mãe ou um pai (mesmo que esse toque não seja percebido como sexual por nenhuma das duas partes) pode se transformar numa marca, pode atravessar essa criança na medida em que ela cresce, por que isso pode marcar tanto e atravessar tanto a forma como ela se relaciona (sexualmente ou não) com as outras pessoas do mundo? Mesmo que não exista “maldade” nesse ato?

E na medida em que lia o seu texto eu fui entendendo essa questão. Existe já a noção teórica de que a proibição estrutura a norma, que a periferia estrutura o centro, que a proibição da endogamia estrutura as formas de parentesco e, no nosso caso da família burguesa, é a proibição do incesto entre familiares que estrutura essa própria família. Mas essa compreensão que, no grau alienado da “pura teoria”, já me permeava antes, por meio do seu texto me atingiu no grau da carne. O seu fragmento passa no corpo o entendimento de que essa prática do proibido é algo que estrutura o trauma.

O texto me atravessou nesse sentido, essa compreensão que eu tinha em mim de um modo mais rígido foi possível de ser interiorizada e compreendida em outra dimensão. Eu acho que a forma do seu texto, que se contrapõe à forma acadêmica clássica, consegue transmitir o não-conceitual por trás do conceito. Transmite aquilo que não cessa de não se escrever, no espaço das entrelinhas e movido pela forma expressiva.

Você faz uma grande convocação no começo do fragmento, você convoca o leitor a abandonar a leitura que quer buscar os conceitos, alinhar tudo com as linhas duras do entendimento acadêmico que tenta fazer a exegese da vida, formatar tudo numa tabela, escrever num artigo e submeter para um congresso que vai servir para alimentar o Lattes. Você convoca para o abandonar-se no texto e para abandonar os pedaços do texto que passarem direto. Você conchama a deixar passar o texto por si e deixar passar fora aquilo que não quiser entrar. Acho que foi essa a convocação que permitiu entender com as vísceras isso que no entendimento parece fácil, mas que dificilmente consegue ultrapassar a barreira da pura ideia. É na medida em que deixamos passar, que a coisa passa em nós. Sem isso, a barreira intelectual de tentar alinhar mentalmente tudo o que está dito no texto iria impedir o entendimento no nível do real. Sem muitos anos de análise eu não teria conseguido pegar pelas vias do entendimento o que eu peguei no seu texto pelas vias da carne.

Ficou claro pra mim, em outro nível de clareza, como que a prática de uma proibição que estrutura a norma da família e, portanto, estrutura também algo de muito íntimo dentro da própria psique. Praticar o que, pela sua proibição, nos estrutura, estrutura os nossos traumas e os nossos desencaixes da norma e, também, alguns dos nossos sentimentos de inadequação.

Mesmo que todos digam na família que “a maldade está nos olhos de quem vê” e que “aquilo é só uma brincadeira”, essa proibição do incesto é tão forte na constituição da nossa forma de família que a sua prática vai estruturar um desvio, um trauma, mesmo que vista como inocente. O discurso superficial sobre a coisa dentro de uma família específica não tem o poder de contrariar todo poder opressivo (e constituinte da nossa psique) do que é a família na nossa sociedade. O discurso explícito não tem todo esse poder de afastar normas mais materiais e constituintes. Foi isso que me atravessou carnalmente, mas que, evidentemente, não consegue ser explícito nessa minha fala tão “acadêmica”.

Com carinho,

Quimera

# **P**oema para Telma

*I*

telma  
estive pensando  
passando tempo a pensar sobre nós  
sobre você, telma  
o que fazer agora?  
agora que telma foi embora não há mais o que fazer. há?

telma  
telma  
telma

continuo a sorrir de ...  
as minhas pernas permanecem tortas  
depois que telma foi embora elas parecem ter sucumbido  
as pernas perderam o fio do caminhar

telma  
telma  
telma

preciso falar mais baixo, minha voz está rouca  
ela sempre foi assim?  
bem...

depois que telma foi embora não as pernas apenas adormeceram, mas todo o resto do  
corpo desatinou

telma

a dormência reflete a demência de um corpo cru sem telma  
um corpo azul

depois que telma foi embora as tortas pernas, outrora engraçadas à telma  
perderam o viço  
não consigo rir de minhas mazelas

telma achava a graça

## II

*Eu não posso ser tão feliz<sup>111</sup>...*

*... Telma achava a Graça*

Uma conversa se inicia. De um tear insurge um novo fio. Apesar de novo, no tear disposto, trata-se um de fio há tempos guardado. Fio intocado, enfurnado, que com pesar aguardara o momento em que ‘oportunamente’ seria entrelaçado – a outros fios. O fio desconhecia fios outros. Para o fio, existir fio era estar entocado, à espera. O tempo passava e passava... Para o fio, o tempo pesava. A textura outrora veludínea revelara-se seca, bem como a calidez de sua cor agora opaca, tornara-se. O fio perdera o viço. Adoecera de isolamento. Sempre na expectativa de um dia ser alçado algum tear... o fio murchara, feito flor amputada.

O fio esfarrapado sustentará o vigor do tear quando enfim a este lançado for? Sustentará compor-se a outros fios e com os mesmos desenhar novas tramas na infindável urdidura? O fio está Frágil. As paisagens tramadas por esse fio estarão fadadas à falência? À reforma?

Não existem respostas a tais questões, existem suposições. Poderíamos arriscar ideias, apostas, a maioria de nós talvez estivesse convencida de que ao frágil fio resta a caixa, apenas a caixa em que fora por anos a fio entocado. Desaparecendo vagarosamente, sem que ninguém perceba, nenhum de nós, nem mesmo o próprio fio, para o qual a existência fora desde muito à espera.

Uma vez alçado ao tear é preciso senti-lo brincar de fio, percebê-lo em suas firulas, estar sensível aos novos cenários que se vislumbram. Aos encontros possíveis. Agora, fora da caixa, da toca, o fio se faz outro.

De um tear insurge um novo fio...

Ele quer brincar de fio, mas ainda desconhece o brincar. Acredita que é preciso esperar outro fio atravessá-lo para iniciar uma dança. Os fios sorrateiros se movimentam, a cada entrelaçada suas cores vibram novos tons... os fios contornam desenhos, obras de arte. O pulsar das cores, que certamente cadenciam sons, mas em frequências praticamente inaudíveis, é incessante. Incrível a imprescindibilidade das cores no tear, todas elas,

---

<sup>111</sup> RODRIGUES, 2008. Fala da personagem Engraçadinha no livro ‘Asfalto Selvagem’.

indiscriminadamente, excitam a trama, fazem dela fantástica, linda e mágica.

A incompletude da urdidura, sempre em vias de... o frágil fio, em meio aos demais fios, existe fio, em toda a sua diferença. Misturando cores, texturas, odores... entrelaçando histórias. Quanta riqueza habita este tear!

Uma conversa se inicia, de longe... os fios tecem contornos, personagens, o fio outrora fio ganha uma máscara, não apenas fio, nem apenas frágil, tampouco puro ou opaco; agora, o fio transmuta-se em *mulher de trinta e poucos*, ponto. Neste contexto, *sorte deus habitar as coincidências*, posto que por acaso o frágil fio foi levado ao tear, fato contrário, permaneceria numa caixa qualquer, desfalecendo de espera.

### *III*

Um dia ela me disse, murmurando baixinho, – *sua cara vai ser esbofeteada*. Eu, decerto, hesitei, proclamei nomes sujos e virei de costas. Dei-lhe minhas costas parcas e nada mais. Ela enlouqueceu, não sabia viver sem! Escangalhou-se, coitada. Às pressas, retirou o que disse, pediu perdão, ajoelhou-se. Virou-se de um lado para o outro feito suíno alarmado antes do abate.

Havia em meus olhos algum sorriso, algum sarcasmo. Vê-la assim, tilintilintilintando à minha frente, fora orgástico.

### *IV*

Um dia ele me disse, soprou sua voz rouca em meus ouvidos feito gaita, – *a natureza é sábia, o mundo dá voltas*. Eu não ignorei. Mas, orgulhosa, fui-me embora, embora certa de que ele tinha razão. Aqueles olhos não mentem. E para ser sincera não foi a rouca voz quem comigo falou, foram os olhos, negros como a noite, aqueles terríveis buracos que comigo conversaram.



## V

A entrega ao estupro, um pulsar indolente, incoerente, uma desrazão. Um luto. Um passarinho febril que pia em descompasso, lânguido fio... um tecer desajeitado. Moça engraçada, uma piada.

A carne rompida, a alma estilhaçada. Um não querer. Uma negação. Uma fadiga insistente, persistente, presente. Nesta moça há um vão negro, insólito. O gago corpo, agora farto, agora... constrangido.

O corpo nega à vida, nega ao espelho. Envergonha-se de si pelo golpe, pelo choque, pelo perdão precocemente cedido ao estuprador – aos estupradores. Quantos tantos?

Quem, afinal, seria o algoz?

## VI

Uma cena – o corpo, ao chão, emite um som feio. Ele implora ao estuprador que não se vá. Ele acredita ser o cansaço a forma única de existir. A mais bonita. Ele pega uma pequena agulha e perfura sua pele esgarçada – o maior de todos os órgãos –, rastejando feito besta manca prossegue em seus remendos. A agulha ferina *tenta*.

## VII

Falsetes corroem meus ouvidos. A priori, creio serem as músicas de Syd Barrett que em nosso quarto escuto para calá-los. São muitos, é provável que o leitor não entenda. Não o julgo por isso, não o julgaria por nada, tampouco, pelos delírios da autora. De maneira ou outra, porém, não renuncio. Provoco-o com minhas inquietações, afinal, aceitar tomar em mãos este texto é um risco, bem como me arrisco riscando essas linhas.

Percebo ao abrir os olhos que a melodia não era apenas de Barrett. Não apenas esses fiozinhos que urdiam meus sentidos. Neste momento, já se traduzem de maneira outra em nossas peles. Pois bem. As melodias da noite nos perseguem, os ruídos crepusculares, o infortúnio, o ocaso, esses espíritos mal criados. Syd e seus sussurros rastejantes, imundos, inundam nossos corpos, os sopros das moças, o vento a cantarolar

dissonâncias, o som da comida farta que costumava não comer. O brio da lua furta-cor, como algumas peles, alguns beijos, alguns lábios perdidos na inexistência. Os assovios das crianças que Teresa desconhece. As brumas.

A moça sente algo diferente, mas em sua austera presença, nega; nem tão moça assim ao negar. Mas também, não absolutamente austera para ser incorruptível. Por vezes dura, por vezes moça... são as linhas que diagramam *uma vida*

Teresa acredita. Acredita ser o vinho chileno que a provoca, aquele deixado à beira da janela... nós não estamos sozinhos. Teresa, Teresa e as cortinas de veludo sobre suas retinas.

Teresa anda míope.

Em sua janela, *tenta*. Há um som, diz assim:

*Lean out your window, golden hair  
I heard you singing in the midnight air  
my book is closed, I read no more  
watching the fire dance, on the floor  
I've left my book, I've left my room*

*For I heard you singing through the gloom  
singing and singing, a merry air  
lean out the window, golden hair...*<sup>112</sup>

Teresa acena *atenta*, em sua cama de casal com apenas um travesseiro. O quarto é frio, apesar de morar em quente cidade.

As paredes esculpidas em *tons pastéis*, o mármore impecável denuncia o cuidado, o apreço – sequer um fio de cabelo para desvelá-lo. O veludo predomina sobre as retinas. À esquerda de sua pomposa cama envolta por lençóis de linho macios e consistentes, uma prateleira, na qual, dispostos estão alguns de seus vários livros, bem como *souvenires* diversos denunciam a agitada vida de outrora. Quiçá, de agora. Fugir não cabe à necessariamente sair do lugar. Um lapso. Uma conversão temporal, uma fuga, um limiar. Uma linha.

O que nada tem a ver com fugir do mundo. Ao contrário, é o mundo que foge de si mesmo por essa linha, ele se desmancha e vai traçando

---

<sup>112</sup> Curve-se pela janela/cabelo dourado/ Eu ouvi você cantando no ar da aurora/Meu livro está cerrado, não o leio mais/ Observando o fogo dançar/no chão/ Eu abandonei meu livro/eu abandonei meu quarto/para ouvir você cantando através da escuridão/cantando e cantando/um adorável ar/ Curve-se pela janela/cabelo dourado. *Golden Hair*. Composição: Syd Barrett, James Joyce, 1970.

um devir – devir do campo social: processos que se desencadeiam; *variações infinitesimais* ; rupturas que se operam imperceptivelmente; mutações irremediáveis. *De repente é como se nada tivesse mudado e, no entanto, tudo mudou.* O plano que essa linha cria em seu movimento é feito de um *estado de fuga*.<sup>113</sup>

A incessante busca do corpo ao estagno nos aponta outro objeto comum, embora peculiar à cena. Uma pequena caixa passa quase imperceptível, mas às nossas retinas, saltam: pílulas dos mais variados tipos para sanar as diversas dores. *Apatia*. Teresa pouco sente (?). Uma questão se aponta. É que Teresa teme, pouco chora, pouco murmura. Havia um tempo em que, por dor ou prazer, zumbia baixinho. Desaprendera. Esquecera? Um lapso.

Um corpo blindado se anuncia. Teresa, apesar de lânguida saudade, quando sente, cala. Teresa *tenta*. Importando-se menos para o que passa, ela apenas *tenta*. Corpo blindado de Teresa.

Deita-se em sua cama que já fora mais movimentada – só. Espera, espera o sono vir. O sono não vem e sua insistência em não vir produz em Teresa mal estar. Desestabilização.

#### *Pausa*

Bela, já fora. Hoje, quiçá, bonita... parece ter olhos antigos, mais velhos que o resto do corpo...

Teresa  
A primeira vez que vi Teresa  
Achei que ela tinha pernas estúpidas  
Achei também que a cara parecia uma perna  
Quando vi Teresa de novo  
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo  
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo  
nascesse)  
Da terceira vez não vi mais nada  
Os céus se misturaram com a terra  
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.<sup>114</sup>

---

<sup>113</sup> ROLNIK, 2011, p. 49-50.

<sup>114</sup> BANDEIRA, *Libertinagem*, 1930.

Intimidade é a primeira sensação ao ler a sequência intitulada "fragmentos numéricos".

A sensação é de conhecer intimamente o sentimento da autora ao escrever cada verso e a sua significância.

Envolvimento afetivo e empatia. Sinto junto a ela cada sensação e tento imaginar a origem da imaginação e criação de versos ora tão saudosos, ora tão melancólicos, ora tão perdidos, ora tão precisos e vorazes. A única constância observada nesta sequência é a intensidade das emoções e a entrega de sua identidade na escolha de cada palavra escolhida para expressar-se.

Lendo, me deparo com a externalização, através da pulsante arte, de sentimentos e vivências que estavam, ali, contidas em um corpo tão pequeno e, equivocadamente, visto como de aparência frágil, desejando, desesperadamente, serem libertos.

Logo em seguida da intimidade vem a saudade. Uma saudade que eu nem mesmo sei bem explicar como vem e de onde chega, mas que é pura e sincera.

O terceiro sentimento é de identificação. Por quantas vezes em minha vida me senti como aquele fio. Isolado, sem vigor ou vontade/coragem de um entrelaço. Quantas vezes também tive saudade de Telma e adoeci sem a graça de sua presença. Reconheci a sensação da violação não apenas do corpo, mas da vontade. Quantos algozes tive e quantos fui? De Teresa entendo bem, certamente ela poderia curtir "Kozmic Blues" de Joplin enquanto remói sua solitude. Fugir sem sair do lugar, essa é minha especialidade. Às vezes é só fechar os olhos, mas na maioria delas nem preciso me esforçar, faz parte de mim. E quantas vezes, por fim, fui abatida por aquele olhar, humilhada por ter que engolir o orgulho exageradamente doentio e admitir a "fraqueza" de amar.

Junto de cada fase da leitura esteve presente a curiosidade, a qual foi acalentada pelas sensações já elencadas e geradora da motivação em continuar a leitura para novas sensações. Nem todas as sensações foram felizes, aliás, o principal sentimento foi melancolia. Não esperava encontrar somente flores. Está aí a beleza da vida. Experimentar uma infinidade de sensações é o que nos torna humanizados, e é o que nos traz conhecimento e amadurecimento emocional.

Obviamente e inconscientemente me projetei em cada verso buscando o momento de alguma de minhas vivências para encaixar o verso lido. Há uma busca inconsciente de identificação da mesma sensação produzida ao ler, em minha história pessoal de vida.

Consigo encontrar.

Finalizo com a reflexão de que as palavras escritas dizem muito sobre a autora, mas as emoções sentidas ao ler dizem de mim. A avaliação de toda a experiência é enriquecedora e provocadora de autoconhecimento.

**A**na ou Teresa

Você sofria de amor, quem não via? Casta e recatada como a ilha em face da pousada, você lia, você sofria, você amava. Ou quem sabe nem amava mais, tão exausta andava, mal caminhando até a praia. Com o mar a morrer-lhe aos pés, você não lia, não sofria, não amava. Você pousava.<sup>115</sup>

Maio, 86

Querida Teresa, minha doce Ana

Passa

A dor que tá no peito, passa

A dor que tá no peito, passa

A dor que tá no peito, passa

A dor que tá no peito, passa

A dor que tá no peito, passa

A dor que tá no peito, passa

A dor que tá no peito, passa

A dor que tá no peito, passa

A dor que tá no peito, passa

A dor que tá no peito, passa

A dor que tá no peito, passa

A dor que tá no peito, passa

Passa...

Passa...

Passa...

Vai

A dor que tá no peito, vai

A dor que tá no peito, vai

A dor que tá no peito, vai

A dor que tá no peito, vai

A dor que tá no peito, vai

A dor que tá no peito, vai

Arrasta

A dor que tá no peito, arrasta

A dor que tá...

---

<sup>115</sup> PASCHOA, 2014, p. 34.

A dor que tá, arrasta  
A dor que tá no peito, vaza  
A dor que tá no peito, vaza  
Vaza  
Dor que arrasta  
Dor que vaza  
Dor que passa  
Dor que vai

\*\*\*

O olho dela esconde  
O olho dela esconde o que escorre, mas...  
Não vai correr  
Apaga-se triste  
Se não correr se apaga triste  
Se não correr se apaga triste  
Se não correr se apaga  
Triste  
A dor que tá no olho dela que não escorre  
Fica  
Trava...  
Vira o quê?  
Vira pedra  
O olho dela fecha  
Cerra  
Olho que encerra  
Olho que encerra  
Triste  
O olho dela apaga triste quando a dor que tá no peito não passa  
Quando a dor que tá no peito não vaza  
Quando a dor que tá no peito não vaza  
Não vaza  
Não vaza

Não vaza

Não

Vaza.

\*\*\*

Sabe que sofro ao vê-la assim, tão troço?

Quantas tralhas, hein?

Fora sempre assim?

Não posso me lembrar! Não quero!

Os mesmos vestidos, as mesmas formas de ser. Passa, meu bem... deixe passar.

Senão trava!

Meu bem, sabemos que nos dias de chuva, quem corria para sentir as gotas inundarem cada abismo de pele, era você. Você quem nos levava para lavar o corpo dos tortuosos dias que nos cansavam a existência e consentiam às rugas de nossas faces uma rigidez mordaz. Dias em que nossos brancos fios deixavam o brio. Dias em que as linhas de nossas peles, nossos fiozinhos de luz, lindos, lindos de viver, tornavam-se exaustos.

Como marcas de um sofrer absoluto.

Você quem me ensinou a sentir dor sem sofrer...

Banhos de mar. Água de sal em corpos crus. Sempre presentes. Quando lassos, minha querida, seu humor pueril tornava tudo fantástico.

E assim cultivávamos nosso amor.

Teresa, com s!

Teresa, com s, por favor! (sorrisos em canto de boca)

Teresa, sem h.

Minha querida Ana...

Sua pele carece um novo tom. Deixe-o abraçá-la!

Carinhos,

*Telma.*



Eu sinto

Um corpo rijo, magoado e evasivo. É o corpo de Teresa. Um corpo cansado que foge, estático. Não sei... o que me angustia, na carta de Telma, é não poder ouvir, nem sentir as brechagens da outra. Fiquei pensando o que é que pode ter acontecido, sei lá.

Não me sinto no direito de apontá-la e chamá-la fraca, sabe como é. Queria poder conhecê-la... Mas agora pensei: talvez a conheça. Uma penca de Teresas, com "s", ou sem, com "h", ou sem... Ou sem "Terasas" mesmo. Pra que dar nomes aos bois? Desculpa, os pensamentos vão surgindo e eu escrevo sem parar de mudar de ideia.

"A dor que tá no peito passa", em um primeiro momento parece tão fácil. É claro, é preciso vazar. Arrastar-se e escorrer. Dar passagem aos afetos, não é? Telma se apresenta certa; Teresa, medrosa. Teresa que gostava da chuva e dos banhos de mar, agora precisa dar passagem às dores do peito. E quem não? A dor, porquanto sentir, pede passagem também.

Sem ressentir. Sem ressentir a alegria dos banhos de chuva e mar agora, que este corpo pede sentir-se de outra forma, e que talvez por nós – corpos dos quais o modo contemporâneo pede sempre pela otimização dos sentidos; fluidez das amarguras –, não faça muito sentido.

Trago a você, de Oscar Wilde, o seguinte excerto:

Cada véu de gaze rala, penumbrosa, é levantado e, em gradações, as formas e cores das coisas lhe são restituídas, e observamos o arvorecer refazer o mundo em seu padrão antiquado. Os espelhos exangues retomam a vida mímica. As candeias sem chamas lá estão onde as deixamos; ao lado delas, repousa o livro, marcado na metade, que estudávamos, ou a flor aramada que usamos no baile, ou a carta que recebemos ler ou que lemos com muita frequência. Nada nos parece alterado. Das sombras irreais da noite ressurgem a vida real que conhecemos. Temos que retomá-la onde saltamos e, sobre nós, paira, furtiva, a sensação terrível da necessidade de continuação da energia naquela mesma roda maçante dos hábitos estereotipados, ou um devaneio espontâneo, quem sabe, que nos abra as pálpebras, numa certa manhã, para um mundo remodelado na escuridão, todo novo, para nosso prazer, um mundo em que as coisas teriam novas formas e cores, que mudaria, que teria outros segredos, um mundo em que o passado teria apenas um lugarzinho, ou lugar nenhum, ou, de um modo ou de outro, não sobreviveria em qualquer forma consciente de obrigação ou remorso, já que a reminiscência,

até mesmo da alegria, contém amargura, e as lembranças do prazer, dor.<sup>116</sup>

A exigência de Telma, ao menos a mim, soa um tanto impertinente. As lembranças, pretensiosas, trazidas pela carta impõem a Teresa um estranhamento em seu próprio território: suas lembranças. As duas falam línguas distintas, neste momento. Telma, que se supõe possuir um corpo forte e disposto, fala a língua das lembranças, clandestina e avessa à dor de Teresa. A carta carrega consigo as pequenas reminiscências, esperançosas e, por isso, amarguradas, de um período que se foi sabe-se lá há quanto tempo. Pede por uma adequação de Teresa ao seu modo; pede que ela vague sob a sombra dos seus "hábitos estereotipados", seus caminhos e estradas óbvios - por vezes explorados -, que retiram de Teresa qualquer fio de espontaneidade.

Teresa, por outro lado, agora, precisa se pertencer. A si, sim. Território seu. Abrir caminhos, no levantar de suas pálpebras encarnadas de choro, quem sabe, para "um mundo remodelado na escuridão, todo novo": *O dia seguinte*, de Edvard Munch<sup>117</sup>. Não "à espera" do dia seguinte. Jamais. A espera da mudança, cômoda, eu acredito, também é ressentida. Como se pudesse pressupor a retomada de um estado ótimo seu, por excelência, sabe? E esta ideia não me agrada.

Assinado,

Calibã

---

<sup>116</sup>WILDE, 2014, p. 142.

<sup>117</sup> Edvard Munch foi um importante artista plástico norueguês. É considerado, por muitos estudiosos das artes plásticas, como um dos artistas que iniciaram o expressionismo na Alemanha. Disponível em <<http://biografiae curiosidade.blogspot.com.br/2014/08/biografia-de-edvard-munch.html>>. Acesso em 12 de maio de 2015.

## **T**recos e tralhas

E tudo isso por tédio, senhores, tudo por tédio; fui esmagado pela inércia. Pois o produto direto, imediato e legítimo da consciência é a inércia, isto é, o ficar-sentado-de-braços-cruzados conscientemente. Já mencionei isso antes. Repito, repito insistentemente: todos os indivíduos e homens de ação direitos são ativos precisamente porque são obtusos e limitados. Como isso se explica? Da seguinte maneira: em consequência de sua tacahez tomam os motivos mais próximos e secundários como se fossem os motivos originais e, assim, eles se convencem mais rápida e facilmente do que as outras pessoas de que encontraram um fundamento irrefutável para a sua causa, e então ficam tranquilos. Isso é o mais importante.<sup>118</sup>

Na minha cabeça isso é traição. E minha cabeça é o tema desses fragmentos desorientados. Nada pode extinguir meu ódio. E nada pode restaurar minha fé. Este não é um mundo em que eu deseje viver.<sup>119</sup>

Vocês conhecem Cass? Aquela cretina!?

Ela dá risada de tudo isso que escrevo! Dá risada de você, pascácio. Ela é ferina e fugaz! Cass se apropria de um monte de coisas, *inventadora* de modas, essa moça! Cass, a cretina, ri de mim em demasia. Ela não ri. Com a boca aberta gargalha, gargalha e gargalha escancarando aquelas gengivas! Sinto nojo, asco. Sinto horror! Como pode existir assim? Não tem modos, não tem postura. Cass, a cretina, perde a compostura. E ainda tem a audácia de *zombadear*!

Cass, a cretina. Agulhas precisas. Pele aos retalhos.

Brinca de renunciar, Cass. Sim, ela banca!

\*\*\*

Ando tropeçando em troços e trecos.

Troços sem nomes, trecos sem sentidos. Apenas trecos. Troços: Coisas. Apenas coisas.

Por exemplo, como quando se faz uso de “coisa” em frases, textos, bem como em falas quaisquer: “tem uma coisa apertando meu pé”, ou talvez: “um troço me beliscou”, ou quem sabe “Caramba, minha cabeça está estranha, deu um treco nela”.

Enfim. Se recorrermos ao dicionário, encontraremos uma avalanche de características e sinônimos, portanto, pincemos aqueles que mais aparecem e melhor sinalizam os trecos

---

<sup>118</sup> DOSTOIÉVSKI, 2012, p. 26.

<sup>119</sup> KANE, 1998, p. 5. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/46025569/Psicose-4-48-Sarah-Kane#scribd>>. Acesso em 2 de abril de 2015.

e troços de que vos falo. Treco seria, então, uma coisa a que não se quer ou não se sabe dar um nome; Troço, por sua vez, pode ser interpretado como coisa, algo, negócio. Pois bem, treco, coisa, troço: Possibilidades (?).

É, creio que tenha tropeçado em possibilidades que honestamente, não sustentaria nomeá-las.

Entender que as possibilidades são possíveis. Ou melhor, que os mediocres trecos e troços são de uma intensidade abissal. Sim, abissal.

Calma, “preferiria não”!<sup>120</sup> Creio que seja melhor retornar aos troços/trecos/coisas.

Tenho tropeçado em troços. Pois que produzir sentidos aos mesmos me entontece. O abismo das possibilidades me inebria e quiçá por isso, neste momento, preciso troço.

Troços e trecos deixam tudo mais pueril, quase bobo, ousou dizer. Familiar.

Ainda assim, como dito ao início deste texto, ando tropeçando. Tropeço andando. Não se tropeça parado, certo?

Bom, bom... Quer dizer que, estou andando e não parado enquanto tropeço. De qualquer maneira, por mais familiar e confortável que seja reduzir o infindável possível em treco e troço, são esses infames vocábulos que têm transgredindo minha estrada. E, de certo modo, forçando-me – sim – forçando-me v i o l e n t a m e n t e a inventar caminhos marginais.

Ando sonhado com trecos e troços.

Parece pilhérico, mas, caminhar é construir caminhos. Caminhos são produzidos em meio às andanças, em meio às danças da vida, considerando dançar não meramente como adestrar-se às coreografias estabelecidas por um “mestre”. A dança do caminho é um risco. É gingar. Jogar-se. A vida é um inevitável arriscar-se.

Certo. Falamos então de trecos, troços, coisas, danças, caminhos, gingas e jogos. Confesso meu apeteço pelo último. A meu ver, os demais enunciados são atravessados por ele. Jogar requer habilidade. Esse troço tem tirado meu sono. Por essas e outras tenho preferido troço a jogo.

Todavia, acho que é de jogo mesmo que quero falar.

Pronto. Falei!

---

<sup>120</sup> MELVILLE, 2014. Alusão ao conto ‘*Bartleby, o escrevente*’.

Estou a fim de jogar, mas sou covarde.

Acovardo-me quando me subtraio, quando me desqualifico. Acovardar-se também é uma forma de jogar, certo? Não deixa de ser. No entanto, é um jogo “sujo”. Um jogo previamente elaborado e com um objetivo traçado: permanecer entediado. Um jogo que se joga sozinho. É um jogo para se jogar sozinho. Para manter-se sempre no mesmo status prioritariamente harmônico de modo que não haja competidores. Todos são bons o bastante para jogar comigo, ou talvez, seja eu mesmo demasiado bom para tal peripécia. Então, jogo só. Não me arrisco. Tropeçar, contudo, é arriscar-se. Viver é arriscar-se é estar permanentemente à beira de um abismo. Por isso preciso trechos ou troços e não possibilidades.

Tudo isso de que falei há pouco é uma falácia!

Sim, jogar é um engano, um enganar-se. Por isso minto quando digo que preciso equilíbrio. Quando afirmo o imponderável, o desacerto, sustento a cobiça pelo *jogar-se*.

É, gosto de jogar.

Mas temo a perda, para não perder já me encaro como perdedor. Assim fazem os ressentidos, afirmando medíocres para que, de certa forma, mantenham-se intocáveis “cafés-com-leite”. – Nada pode nos deter, já somos perdedores!

Bradam!

Não nos preocupemos com isso, que, provavelmente, a priori, possa soar como cínico, irônico, bobo, estúpido, que seja. São várias as maneiras de perceber essas palavras, que, não me constanjo em dizer, transcendem as próprias palavras, uma vez que as mesmas, por serem palavras, imprescindíveis para elaboração de sentidos, territórios, contornos: umas cretinas limitadoras. Beiram à boçalidade. As palavras são boçais. Quiçá, por isso, majestosas. Majestosas, possíveis. Sim, as palavras possibilitam.

Treco e troço são vis palavras. De muito bom gosto. Treco é apenas treco, troço é apenas troço. Treco e troço são tudo e nada. Entendendo que no nada os possíveis se engendram e produzem possíveis e produzem possíveis e produzem possíveis. Ou, produzem nada. Sequer produzem. Nada como nada. Como ausência. Quietude. Tédio e indiferença.

Opa!

Estamos a um passo de cairmos numa cilada! A indiferença, em sua quase “divindade” é a precursora (ou não) da elaboração de sentidos. Uma forma outra de vivenciar o tédio. Fundamental para um processo inventivo. Talvez de encontro à ideia de ócio lançada no decorrer do texto. Aquele ócio é o ócio reativo, constrangido. Um ócio bem interessante, tratando-se do jogador solitário que vos escreve.

Bom, mas será possível, será possível que um homem possa ter um mínimo de respeito próprio depois de ter tentado buscar prazer até mesmo no sentimento da própria humilhação?<sup>121</sup>

Apesar de personificar-me dessa forma hostil e patética para lidar com as intensidades inomináveis (os tropeços, os troços, coisas e trecos), não sou de um todo imbecil, sou até bastante esperto, por mais contraditório que isso pareça. E, conto-lhes, com inveja e pesar, a nobreza que permeia o ócio artístico. Pois bem, é necessário, meus caros, esgotar-se, esvaziar-se. Caso contrário, haverá apenas a repetição desmedida. Como inventar sem diferenciar-se? Como criar? Produzir possíveis? Ou melhor, estar aberto aos possíveis, às virtualidades sem as pausas? As pausas fornecem pistas e às mesmas que os homens criativos se atentam. As pequenas pistas que estão para além e aquém do visível. Eu diria que estas capilares ferramentas permeiam o campo das sensibilidades. Para tanto, é fundamental a pausa. A indiferença ao costume, ao habitual, ao que se repete, de modo a produzir posturas novas de vida.

Aberto, que aperto!

O ressentido, em contrapartida, está sempre cheio. Nunca, jamais se esvazia.

Cheio de *cheiura* em sua má consciência o triste ser perambula. Sempre pesado. Parece que nada passa, nem o dia passa, nem o tempo, o tempo não passa. O tempo gruda, o tempo cola. O tempo é hostil. É disparador de mal estar. O tempo é feio. Não passa pelo ser sentido. Este não dá passagem ao tempo, personificado como inimigo: tempo hostil!

Pois bem, nessas horas – em que há apenas uma eterna hora – ao que recorrer?! Aprisionado, com absolutamente tudo preso, cronificado, enrijecido. Em cada poro grita calado o que não escorre. Manchas, marcas, dores. O grito abafado do poro infeccionado. Nada passa.

---

<sup>121</sup> DOSTOIEVSKI, 2012, p. 25.

Que Horas são? Preciso dormir. Precisamos. Há tempos os fundos olhos delatam as noites mal dormidas, os dias mal vividos. A vida que esgarça.

Não rio há três ou quatro semanas. Alguma coisa está me comento vivo. Me coço, me viro, olho em volta, tentando encontrá-la. O caçador é esperto. Não consigo vê-lo. Ou vê-la.<sup>122</sup>

Abscesso. Dor de cabeça. Dor de barriga. Dor no coração. Dor na alma, nos olhos, nas mãos, os dedos doem, sim, doem dedos e pés. As articulações doem como articulações de um ancião. Nada flui, tudo dói. Há vermes dentro de mim.

Ócio. Tédio.

O aprisionamento da vida. Vida embotada. Não há muros, não há portões.

– Estamos livres! Berra um pensamento,

– Basta caminhar...

No entanto, não são necessários muros para perder-se em si mesmo. Ouso dizer, meu caro, que os muros são um detalhe.

Consegue perceber em seu entorno, o tempo parado e contido? Ainda que não haja muros. Ainda que, vamos falar romanticamente, ainda que haja flores lindas, perfumosas de todas as cores, pássaros a cantarolar e gentes, sim, gentes brilhantes, cheias de vida! Tudo isso, em seu entorno. Nada, nada a princípio que possa atar nossos corpos. A profusão é o próprio presídio.

Preciso silêncio.

Eu em minha miudeza falo de tudo isso, mas desconheço. É tudo cinza. Sim, não sou cego, surdo, mudo. Digamos que biologicamente está tudo conformado. Sou rapaz saudável, os exames médicos evidenciam minha saúde primorosa! Mas vejo cinza e só vejo cinza e só escuto murmúrios e os pássaros não cantam pra mim: eles atrapalham minha concentração! Calo as janelas e as cortinas (com blackout, certamente). Animais desprezíveis, esses com asas!

E a garota de saia que passou ao meu lado, toda cheia de pernas e bundas e seios. Toda cheia de carnes. Quem ela pensa que é para ativar meus sentidos adormecidos? Com todas essas pernas e flores. Troços e trecos dissonando meu ritmo adestrado! Convidando-me a algo...

---

<sup>122</sup> BUKOWSKI, 2013, p. 15.



Jogos de forças. Afetos sem nome. Intensidades. Troços e trechos que me desmontam.  
Desmontam *uma vida*.

Profanas paisagens rompendo meu corpo prisão.

*Dia desses, recebi um telefonema.*

Era um rapaz, convidou-me à festa.

Festa de São João. Festa de Santo, no mais sacralizado dos espaços.

No espaço quase inviolável. De cheiro, cor e som. De ritmos im-previsíveis.

– Cerre os olhos, digo à moça ao meu lado, – O que você sente? Sente quais cheiros e cores e sons? Sente algo?

A moça, com olhos ainda cerrados responde, sem pestanejar: – Cinza, é cinza. É suor. É desbotado. É desbotado o que sinto.

A moça nunca havia entrado em um presídio.

Enfim,

Dia de Santo, dia de festa! Fui convidado!

Dançar quadrilha no presídio em dia de Santo. Quadrilha/Presídio/Santo. Que tríade interessante. Se eu fosse inteligente desenharia uma canção. Mas, minha cadência putrefata tem riscado a mesma nota.

Não tenho nome, eu sigo... caminho sempre muito preocupado, queria pensar pouco, ter pouco, muito menos do que tenho. O que tenho me enreda por caminhos e eu vou seguindo, sempre fui seguindo esses caminhos que enredei e aos que fui enredado. O que me resta? Caminhar, mas qual caminho? Ainda bem que não tenho ao certo, ainda bem que nem posso narrar meu desejo ou minha razão de caminho ou de caminhar, até queria, mas não posso.

Caminhando eu me lembro do Harry Haller<sup>123</sup>, solitário, mas não tão só, achava que nele habitavam duas naturezas, uma determinável e outra não. Uma selvagem e outra dócil, que ilusão! Precisou do outro para saber que ele é um milhão de “nós”. Caminhando eu me lembro de um francês, aquele que inventou a interioridade, que nos fez olhar para dentro de nós mesmos, que coisa terrível, como desperdiçamos vida com isso... nos isolamos e queremos saber se “somos” ou o que “somos”. Somos? Para quê “ser”? Quem inventou o si mesmo? Ser em si? Ser em si e no outro? Ser-consigo-mesmo-no-outro? Interioridade? Autenticidade? Isso me aprisiona!

Mudemos agora todos os discursos narrativos. Narrar a vida do outro é um exercício sobremaneira fácil, segue a receita: narrador: o crítico; localização: ponto arquimediano; conteúdo de crítica: dizer aquilo tudo que não se vive, mas que se deseja viver para o outro. Nesse último ponto, tenho que reconhecer um potencial, escrevemos - as coisas, troços e trecos - sobre aquilo que queremos ser, mas é tão impossível ser, pois o ser é sendo... Sendo é difícil, sendo é tácito, sendo é contingente, sendo é remendar-se, sendo é não ter certeza, sendo é aposta, a redenção está sempre sendo possível... Por isso que a teologia judaica inspira, o Messias está sempre vindo, não tem um ponto final na história, ponto de chegada, ele vem aos poucos e volta, reaparece. Se o Messias é a redenção da humanidade, ele sempre vem aos poucos, no possível e contingente, no conflito, nas rodas de amigos, na roda dos escarnecedores, na roda dos incultos, na roda dos simples (aqueles que não se embebedaram com a filosofia), ele vem a todos.

No urdir conflituoso de nossa vida está aquilo que alimenta o possível, pois não é uniforme, é dislexo. No urdir encontra-se a possibilidade da vida com o outro (sem reticências e nem ponto final: aberta)

...

---

<sup>123</sup> Protagonista do livro “*O lobo da estepe*”. HESSE, 1971.

## **E**ntre abelhas e crianças

Hoje são 31 de dezembro de 2014, 4 horas de uma madrugada morna.

Nelson Gonçalves<sup>124</sup> nos acompanha, ele tem algo a nos dizer. Uma nostalgia, uma risada, uma lágrima.

A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente. Os mapas dos trajetos são essenciais à atividade psíquica. (DELEUZE, 2011, p. 83).

O devir alcoólatra, como constelação das diferenças, circula preponderantemente num espaço ou numa esfera virtual que acolhe um novo alfabeto aberto e alimentado por inúmeras lógicas inventivas; uma espécie de antigramática cujas palavras são corpos que respiram. A ideia do alfabeto, pura virtualidade e pele cigana, artista de todas as artes, não nega a gramática, antes a contamina com sua vitalidade e seu excesso desmesurados. (LINS, 2013, p. 128).

Talvez eu morra. Sinto isso todos os dias e você perceberá um gosto de morte no decorrer da trama. Ela me acompanha, mas, há um gato negro ao meu lado. Dizem ter sete vidas. Sete? Quantas eu tenho? Sei lá. Bem... algumas? Morri, decerto, muitas vezes. Morro e vivo todos os dias. É, ressuscitei algumas dezenas. Sorte a minha, não? Dizem que quem se arrisca engole o doce e o amargo numa colherada só – *Spoonful* –, a uma só dose! Estamos juntos, somos vários! Uma legião de malditos que absorve fumaça, que tem, no farto peito, nuvem de fumaça, de afetos à flor da pele, de doce e amargo.

Agora pouco, no banho, minhas lembranças fervilharam enquanto reiterava a desrazão em acreditar estar morrendo, uma voz mansa sussurrou em minhas mãos. Eu, tão logo, lembrei-me daquela paisagem e aqui ela se desenha: rabiscos, quase pueris. Nunca fui boa em desenhos. Não sou boa em muita coisa, mas gosto de palavras.

Não sei o porquê, meus sentidos insistem em brincar comigo, sempre. Eles me deixam um bocado embaraçada por não conseguir me fazer explicar nada. Fico atônita, então, encontro – com esforço – palavrinhas para alguma coesão. Talvez aos leitores não seja assim tão coeso como o é, para mim. Pois bem. Em absoluto, minha intenção jamais fora ser desconexa, prolixa ou confusa. É que não aprendi a escrever com as mãos.

---

<sup>124</sup> Nelson Gonçalves ou Antônio Gonçalves Sobral foi um gracioso cantor e compositor brasileiro. Acho bonito ressaltar que Nelson era gago, portanto, quando novo foi apelidado de “metralha” pelos companheiros. Disponível em < <http://www.mpbnet.com.br/musicos/nelson.goncalves/>>. Acesso em 10 de maio de 2015.

Também não atribuo ao pensar tal labor. Atribuo às linhas, às nossas linhas. E este tecido, *este tecido*, no caso, é mais rugoso que os demais, disso estou certa. Esta pele cheia de fissuras me deixa abestalhada, boba, bobinha... sobre os órgãos? Inexistem. Neste momento sou toda coração, palpitação irritante que me acompanha, incessantemente. Eu deixo pousar, por isso escrevo, assim, sinto-me mais leve. E Mais cheia.

Doravante não sou mais dono de meu coração! Nos demais - eu sei, qualquer um o sabe - O coração tem domicílio no peito. Comigo a anatomia ficou louca. Sou todo coração - em todas as partes palpita. Oh! Quantas são as primaveras em vinte anos acesas nesta fornalha! Uma tal carga acumulada torna-se simplesmente insuportável. Insuportável não para o verso de veras.<sup>125</sup>

Todo esse trabalho inexistente.

As memórias inexistem. Elas existem tanto de modo que inexistem. Elas existem tanto a ponto de vazarem todas e transmutarem em coisas desconhecidas por todos nós. As memórias inexistem, o que existe, bem, o que existe não está na memória, irmãos, está em cada dobra da pele, está no olhar que perde ou não o brio, que empalidece, está nos fios de cabelos, está em cada fio de pelo. Está nos olhos, nos vincos, nas mãos, dedos, nos pés. Está nos pés, nos traços que pincelam os pés... cansados.

Não queiramos decifrar enigmas, garantir interpretações, posicionamentos certos. Juntos, apontaremos questões que, agora há pouco, muitas delas já se desfizeram para mim, assim, como num sopro. Linhas traiçoeiras que. Limiar. Com o coração na ponta do dedo transbordam em convulsão pequenos ensaios, prosas, canções.

Enquanto lavo minhas mãos, não são as minhas mãos que lavo, agora. Não apenas. São, decerto, as suas mãos, as nossas. Mãos dos malditos que convoco para saltarem essas linhas, rasgarem tal tecido. São as mãos das moças, dos estrangeiros, dos que vem de fora. São as cansadas mãos de um senhorzinho do interior do estado do *espírito santo*. Ou de estado algum.

Um homem qualquer, um imigrante. Um forasteiro, um homem de terras distantes, um homem pequeno. Um pequeno grande homem. De saúde frágil, sim, corpo frágil, um estrangeiro. Que, em desconhecidas terras forjou uma nova língua, práticas outros modos de se alinhar a vida. E assim, este senhor – que para nós sempre fora senhor – viveu. E assim, este senhor, morreu. Simples, terno, suave. Um homem suave que...

---

<sup>125</sup> Fragmento do poema '*Adultos*', Vladimir Maiakovski.

*pareço estar criando uma canção de amor e talvez esteja*, um homem suave, *voltemos*, de vestes simples, olhos simples, mãos fortes... simples. Mãos de trabalhador rural. Mãos de homem da terra. Mãos de jogador de bocha ou bola-de-pau. Conhecem? Aquele jogo de origem italiana em que as equipes se dividem na modalidade *trio* ou *dupla*, sendo que a cada equipe, no caso dupla, duas bochas (ou bolas) são concedidas para cada jogador; na modalidade trio são concedidas quatro bochas. Confesso nunca ter me interessado por esse jogo, mas acho incrível como eles se organizam. Sem falar dos intensos desentendimentos que surgem no decorrer da trama. O campo de bocha é bem interessante! Em chão de terra é contornado por um cercado comum, normalmente de madeira. Neste chão as bochas correm desvairadas. Algumas, inclusive, saltam o alambrado e brincam de correr rua a fora. Criançada se agita com esse desajeito, tão tão simpáticos às crianças! Pois bem, o objetivo do jogo é lançar as bolas o mais próximo possível da pequenina lançada de antemão, o *bolim*. O adversário, obviamente, vai fazer o máximo para distanciar a bocha do oponente e assim tentar manter a sua bocha mais próxima do bolim. São nesses desencontros em que a poeira, literalmente, sobe. E aí, meus irmãos, só estando num campo para entender o que se passa! De tudo se passa! Sorrisos, festa, fanfarra, parceria, malandragem e muitas doses de birita! Nestes campos, podemos encontrar nosso avô! Ele está lá, podem perceber?

Campeão de bocha, com direito a troféu e tudo! Suas mãos de quem segura a bocha, são as mesmas de quem segura confiante o filho num tal *Convento da Penha*<sup>126</sup> – agitando-o lado a lado num passeio pela cidade grande. Para o menino, nada maior existia. Aquelas estradas, aquele castelo. Àquela altura... que altura, hein! O menino queria mais e mais... essa aventura fora tão diversa daquelas em que vivia no interior, nem melhor, nem pior. Diferente. Pois as mãos de nosso avô, camaradas, são as mesmas. As mesmas mãos de produtor rural. Que sob quente sol de janeiro a janeiro mantivera, com seu chapéu de palha, um corpo exposto. Disposto. Corpo de jogador de bocha, de *cuidador* de terra, de pedreiro, de pai e de companheiro. De apreciador de umas boas biritas. Mãos, sublimes mãos de alcoolista – com aqueles desenhos que apenas alcoolistas têm. Aqueles belos desenhos, rabiscos, tatuagens de uma *dura* vida frágil. Forte.

Mãos de violeiro, sanfoneiro, compositor. Artista. Mãos de estrangeiro. Mãos de nosso avô. Nosso avô com seu chapéu. Nosso avô com sua viola, sua sanfona, seu coração.

---

<sup>126</sup> Ponto turístico situado no município de Vila Velha, ES.

Nosso avô e suas roupas sempre limpas, cheirosas. Cheiro de vida. De suor. De álcool. De nosso avô.

O forasteiro tomava a viola clássica, pitava um cigarro saboreando café preto. Colocava-a sobre nosso colo. Podem perceber? Dedilhava com o coração à ponta dedo cada uma daquelas cordas. Nós, curiosos, fazíamos o mesmo. Certo? Ele não apenas oferecia-nos a viola como também seu chapéu.

Para uma criança, esses objetos, ou melhor, *centelhas divinas*, promoveram momentos únicos. Nunca, uma criança, vira algo tão belo: as mãos, a viola, o chapéu.

Nosso pai sempre dissera que aquele homem fora criança desde sempre. À época, não fazia sentido algum, mas entendemos as crâncices do estrangeiro. Ser criança é deixar pousar. *É necessário deixar pousar*. Ser criança, distinto, em absoluto, do discurso hegemônico de criança tal que um ser inferior, dependente, mimoso, submisso. Isso, a meu ver, cabe aos Homens, aos Adultos. *Aos Homens de consciência hipertrofiada*, abluídos em medo, carecem, reativos, DISSEMINAR medo.

As crianças são livres, ouvem os sons, entendem as cores. Permitem que os afetos descansam em seus corpos livres, transmitem-se. “A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos e traçar o mapa correspondente”.<sup>127</sup> Os afetos pousam, não criam residência fixa, não enrijecem, mofam, apodrecem. “(...) Existem também mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtende o trajeto.”<sup>128</sup> As crianças uivam para a lua. Sentem o gosto salgado das águas do mar. Elas acreditam que podem sarar quando adoecidas, esse é o milagre! Ninguém, além delas, é responsável por sua própria cura. Sua morte, uma passagem, brumas e alvorecer. Sua morte é imanente, sua vida é imanente. Como fora a vida de nosso avô.

*Sertaneja/porque choras quando eu canto/se este canto é todo teu?/sertaneja/pra secar os teus  
olhinhos/ vais ouvir os passarinhos/ que cantam mais do que eu!*<sup>129</sup>

---

<sup>127</sup> DELEUZE, 2006, p. 73.

<sup>128</sup> Idem, 2006, p. 76.

<sup>129</sup> *Sertaneja*. Composição: Nélson Gonçalves, 2010.

02 de abril de 2015

Penso que seria uma pessoa dócil e carismática com imenso amor por sua família. Que lutou ao longo da vida em meio às dificuldades inerentes à época. Apesar do trabalho árduo encontrava tempo para alegrar a mente convivendo com amigos e familiares em encontros festivos ao som do violão, triângulo e concertina ou disputando uma partida de bola de pau. Para mim, viver é trabalho duro, é o caminho que percorremos até concretizarmos as metas. Acredito que o bem estar depende da realização de nossas tarefas. Assim vejo nosso avô, uma pessoa vitoriosa que passou por muitas dificuldades, mas que cumpriu o seu papel com louvor.

Valéria



**M**oças

À paisagem que se desenha, atenhamo-nos um pouco mais. Enquanto isso sugiro que  
ouçamos *Ribbon Bow*.<sup>130</sup>



131

---

<sup>130</sup> Música composta por Huey Prince e Lou Singer. Interpretada em 1969 por Karen Dalton em álbum intitulado *It's So Hard to Tell Who's Going to Love You the Best*.

<sup>131</sup> Fotografia de Karen Dalton. Descendência Cherokee. Conhecida por possuir uma voz melancólica, rouca, arrastada e singular. Karen construía versões próprias para as canções, prioritariamente blues e folk.

Seguindo, insisto.

Esta é uma escrita menor. Uma escrita que não se constrói, absolutamente, sozinha. Há um povo aqui que escreve. Escrevemos juntos. Há um povo que grita a cada linha, que gagueja, convoca. Que comigo traz seus devires, suas paisagens, suas mensagens, suas ilustrações, seus desenhos... incompletos. Sempre incompletos. E por isso afirmo uma escrita fragmentária. Uma escrita aos pedaços, pois que seria decerto demasiado incoerente bancar uma língua pequena caso pretendesse-se linear. Os diálogos soam pedaços, são cançõezinhas. Elas são teimosas, incompletas, portanto teimosas, portanto, inacabadas: fragmentárias. Corpos que se fazem a cada tropeço, a cada hiato que se desfaz tal qual uma dança maluca. Corpos que se desfazem e se montam, corpos outros. Corpos estranhos que se estranham, costurando-se outros. Fazem-se outros.

*Laços de fitas.*

São sílabas mágicas, caldeirão sinestésico. Nunca uma tentativa, sempre uma afirmação. Não tentemos produzir um cenário aqui. O ensaio afirma! É experimentação. Corpos disponíveis às intensidades. Tentar é reagir. Não queiramos aqui ser reativos. Somos povos menores. Para tanto, invoco Karen Dalton. Uma amiga aconselhou, uma amiga sugeriu: – Karen vai ajudar. Veja a letra.

Nossa pequena personagem, que se tece pouco a... carece melodias, e Karen, com seu *Ribbon Bow* auxilia nessa transmutação. Karen diz:

*If I had a ribbon bow  
To hide my hair  
If I had a fancy sash  
My own true love would find me fair  
My red shoes would go dancing  
Whe'er my fancy would  
My love would wish  
That he had taken me while he could  
If I were like city girls  
And fair with smile  
Not a man in all these parts  
Would know my heart  
My red shoes would go dancing  
Whe'er my fancy chose  
I'd lark about the sidewalk  
And wear them foreign clothes  
If I were like city girls  
If I had a fancy sash  
If I had a ribbon bow  
To hide my hair*

*If I had a fancy sash  
My own true love would find me fair*<sup>132</sup>

Karen e seus laços de fitas. Karen sente-se estranha com seus cabelos ondulando vento a fora. Karen entende que não pertence. Não pertence à massa cidadina. Karen sente, mas não poderia ser como as outras moças da cidade, com seus laços, com seus cabelos, com seus amores. Karen carece outros amores e sente. Sim, sente, mas precisa afirmar-se Karen. Karen sente, mas Karen existe. Karen existe insistindo numa existência menor. *Uma vida*. Karen sente por não possuir laços de fitas, mas Karen não poderia prender suas madeixas, seria como truncar sua melodia. Seu pequeno instrumento de invenção. Karen sente, mas nem por isso é reativa, nem por isso culpa a si mesma ou aos outros. Ela entende o comum. Entende que para existir Karen é preciso afirmar-se menor. É uma prática, um exercício e ela, belamente, o faz. Somos gratos a Karen. Aos seus cabelos que destoam, sua descendência Cherokee, sua pele amorenada, sua voz rouca e singular, seus olhos amendoados, seu *folk*. Somos gratos por na cidade, Karen não ser cidadina, tais quais as demais moças de seu bairro.

Por ser mulher e devir mulher. Devir moça. Criançinha. Devir Karen Dalton.

A moça certamente não se define por sua virgindade, mas por uma relação de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, por uma combinação de átomos, uma emissão de partículas: hecceidade. Ela não para de correr em um corpo sem órgãos. Ela é linha abstrata ou linha de fuga. Por isso as moças não pertencem a uma idade, a um sexo, a uma ordem, ou a um reino: elas antes deslizam entre as ordens, entre os atos, as idades, os sexos (...) A moça é como bloco de devir que permanece contemporâneo de cada termo oponível, homem, mulher, criança, adulto.<sup>133</sup>

Karen, moça, desliza. Karen é bela, como nossas moças. Pois que Karen foge. Arrisca. Cava saída. Ela foge inventando, costurando, tecendo, suavizando o sofrimento com suas revoluções moleculares. É bela porque é revolucionária, porque é índia e mulher, porque resiste, porque seu corpo é potência e não poder! Cass, qual Karen, traz em seu sangue a força indígena, a pele amorenada e se faz mulher a cada instante que pede

---

<sup>132</sup> Se eu tivesse um laço de fita/para esconder o meu cabelo/Se eu tivesse uma bela faixa/Meu amor verdadeiro me acharia bonita/Meus sapatos vermelhos sairiam dançando/Onde quer que minha imaginação fosse/Meu amor desejaria ter me levado consigo enquanto pôde/Se eu fosse como as garotas da cidade/E bela, com um sorriso/Nenhum homem por toda a parte conheceria o meu coração/Onde quer que minha imaginação escolhesse/Eu faria graça sobre a calçada/E os vestiria com roupas estrangeiras/Se eu fosse como as garotas da cidade/Se eu tivesse uma bela faixa/Se eu tivesse um laço de fita/Para esconder o meu cabelo/Se eu tivesse uma bela faixa/O meu amor verdadeiro me acharia bonita.

<sup>133</sup> DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 69.

caminho. A cada intensidade que grita desvios. Faz-se mulher devindo mulher. Moça. Criança. Abelha ou orquídea...

Uma moça me apresentou Karen, outra, auxiliou-me com sua língua, outra, com seus trejeitos, similares aos de Karen sem sequer conhecê-la. São os devires que alinhavam minhas/nossas moças, que fazem delas um povo menor. Suas singularidades urdem trama comum. Elas não se conhecem. Elas existem.

E cá estamos, então. Preciso de mais café para nossos protagonista. Sinta-se incluso, nisso, você que toma em mãos essas linhas. Mais café para você, com quem dialogo. Há um corpo aqui impreciso. Um corpo sem o qual seria impossível o rabiscar dessas linhas, essas ranhuras, esses cortes. Um corpo que se coloca aberto. Um corpo disposto. O nosso corpo. O corpo meu. Ó corpo meu. Sou grata.

Continuemos.

Agora, que já ouvimos Dalton, as ruas e suas forças. Há muitas forças nas ruas, os povos das ruas. Karen continua soando em nossas peles, agora, num tom púrpura. Sim, é blues.

Os guetos nos esperam, por eles caminhamos e conhecemos uma profusão de gentes, coisas, tralhas, corpos, gentes. Demasiadas ferramentas que conosco conversam, pausam e sobrevoam. Os escuros guetos. Prédios antigos, de poucos cuidados. Há pouco cuidado em deixá-los bonitos ao que demanda arquiteturas maiores, burocráticas e hegemônicas. Nossos cortiços são belos, eles escapam. Neles, tudo se faz possível. O impossível prepondera.

As vidas se misturam, conectam-se das mais variadas maneiras. E sim. Há muita dor por aqui. Há muita melancolia por aqui. Há muita solidão por aqui apesar de arregimentação de forças. Sim. Há cansaço também por aqui. Mas nossos corpos teimosos...um sopro; são corpos sensíveis.

Aguardando seu retorno,



## Por vias de seguir,

Teresa ou Cass ou Telma ou Syd ou Karen ou Mahler ou Pedro ou Ana ou Rosane ou Leila ou azul ou Bruno ou Priscila ou vermelho ou...

Por seguir, sigo. Teimando. Afirmando. Afirmando certos modos de vida num contemporâneo em que se preponderam modos gastos, esgarçados... em que *o tom pastel predomina*. Dobrando-me ao sabor das figuras que se desenham. Fortalecendo-me, enfraquecendo-me. Um copo de água, um copo – ou dois, de café. Alguns cigarros. Fumaça: BRUMAS (em proposital *caixa alta*). Sorrisos em canto de boca, lágrimas, ruídos, murmúrios... sal, banhos de mar, banhos de sol, banhos de chuva, banhos de rua, de cama. Resignar-me à cama, ao quarto, às poeiras que se compõem em desenhos incomuns sobre mesa branca (que outrora fora porta), em chão de taco, em interstícios de uma pele: portas fechadas propositalmente. Um desejo de silêncio, de poucas pessoas (o que se difere em absoluto de pessoas poucas). Um copo de água, outro de chá. Mensagens no celular. O sono que não chega. Saudades de casa, de colo, de cachorro e gato. Saudades do passarinho que me acordou dia outro num sussurro ao pé do ouvido. Passarinho amarelo, um pio de sol, um fio de luz, um gostar de luz. Um ritmo. Sorrisos em canto de boca. Uma vida se esboça, um percurso, um caminho, um corpo: – Você está tão diferente, já não é mais a mesma! Você está magra, hein! Seus cabelos estão estranhos. Por que faz isso?

Submersa em questões, lembro-me da prosa de Marília. Marília diz: – Por que fazemos isso?

Marília, eu não poderia ser precisa, mas Bukowski ancora:

Existe uma razão, mas eu não sei qual é. Se pensasse bem nisso, poderia encontrar a razão, mas pensar nisso não ajudaria em nada. Isto é, esse tempo poderia ser usado para novela ou poema. Ou para cortar unhas do pé.<sup>134</sup>

Quiçá, fios de cabelo.

O que sei Marília (que belo nome o seu), é que preciso disso. Será que você me entende? A escrita se faz em mim tal qual um pouso daquele mesmo passarinho amarelo que agora a pouco mencionei. Um pouso, um fio, à iminência do voo... coisas tantas,

---

<sup>134</sup> BUKOWSKI, 2013, p. 34.



Marília, “escrever é quando voo, escrever é quando começo incêndios. Escrever é quando tiro a morte do meu bolso esquerdo, atiro-a contra a parede e a pego de volta quando rebate.”<sup>135</sup> Eu sei que Marília me ouve. Falamos a mesma língua, a língua menor. Gaguejamos, possuímos corpos tortos, defeituras em trajetos que se inscrevem certos, olhos cegos, mas não blindados. Não há, em olhos nosso, as cortinas que revestem as retinas. Ao menos insistimos para mantê-las distante de nós. E assim desenhamos uma vida e assim alinhavamos uma vida e assim, escrevemos...

Os fragmentos, partidas e retornos, retornos e buracos, vazios, mortes e novas linhas, sempre inacabadas. Os fragmentos se enroscaram em fios outros e retornam ao nosso encontro. Empoeirados, sujos, remendados, rabiscados, urdidos, outros. Eles retornaram outros e sempre retornarão, outros. Há muita corda para ser entrelaçada, sabemos que não terminou. Que bom. *Um fio de azeite em nossos olhos.*

Todos os fragmentos conversam, todos tencionam questões que perpassam suas linhas. De todas elas, uma se aponta: *o cansaço*. Vidas cansadas, corpos fatigados. Expor, por meio da escrita, que se faz diferente ao entrar em contato com o dispositivo que a espera, já é fazê-la outra. Torná-la outra, *outrá-la*. Não apenas as palavras ganham novas roupagem, mas também o corpo em que ela pulsa.

Lágrimas, sorrisos, ligações em meio a uma madrugada morna.

Priscila, por que faz isso com você?

Priscila, por que fez isso comigo?

Priscila? Quem? Já me esqueço, como brisa que passa...

Sorrisos, lágrimas – também meus. Dialogar com esses parceiros sobre o que fazer quando *o tom pastel predomina*, tomar a literatura como disparadora (sim, arma letal), foi uma experiência ímpar. Os corpos dos livros, os corpos dos parceiros, os corpos meus, os corpos seus, urdidos, tramados. Provocados e provocadores. Corpos que provocam e assim produzem, inventam uma escrita, inventam *uma vida*. Vida que rabisca e que deixa a *ponta* quebrar; deixa-se quebrar, deixa-se refazer (para isso existem estiletes e apontadores, Cass preferia grampos). Uma ponta nova se aponta, como meta? Não! Como ponte!

---

<sup>135</sup> Idem, 2013, p. 15.

Folheio cadernos, diários e percebo que por mais diferente que sejam as questões apontadas ao longo desses anos, elas sempre conversaram: como escrever *uma vida*? Como, com a literatura, talhar modos outros de existir? Os cadernos rabiscados legitimam o desejo desta, que aqui escreve, em escrever.

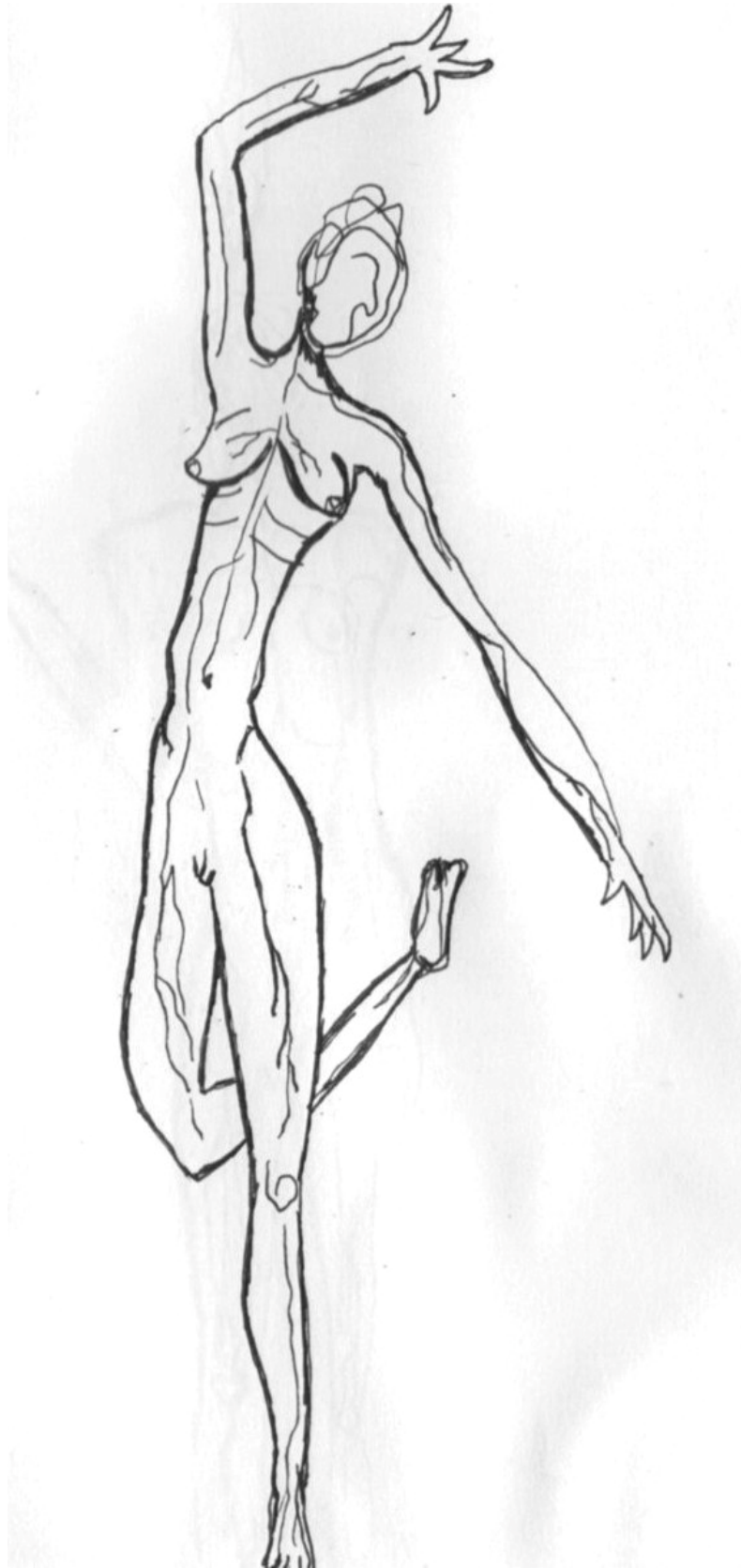
Não há muito que dizer, agora. As palavras estão um pouco gastas. O que esperamos? Que seja possível produzir um pouco mais de gentileza, nossos corpos estão cansados de remendos desmedidos... um pouco de espaço.

Desse ensaio me retiro,

*Por favor, abra as cortinas.*<sup>136</sup>

---

<sup>136</sup> KANE, 1998, p. 27. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/46025569/Psicose-4-48-Sarah-Kane#scribd>>. Acesso em 2 de abril de 2015.



## Referências bibliográficas

- BAREMBLITT, Gregório, F. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Belo Horizonte: Editora FGB/IFG, 2012.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.
- BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011.
- BUKOWSKI, Charles. *Crônica de um amor louco: ereções, ejaculações e exibicionismos – parte 1*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.
- \_\_\_\_\_. *O amor é um cão dos diabos*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2010.
- \_\_\_\_\_. *O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Essa loucura roubada que não desejo a ninguém a não a ser a mim mesmo amém*. Tradução e seleção de Fernando Koproski. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Amor é tudo que nós dissemos que não era*. Tradução e seleção de Fernando Koproski. 1. Ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- BURGESS, Anthony. *Laranja mecânica*. São Paulo: Aleph, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?* Disponível em: <[http://www.casadosino.com.br/divulgacao/biblioteca/deleuze\\_guattari\\_q\\_eh\\_a\\_filosofia.pdf](http://www.casadosino.com.br/divulgacao/biblioteca/deleuze_guattari_q_eh_a_filosofia.pdf)>. Acesso em 10 de maio de 2015.

- DOMINGUES, Leila. *À flor da Pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2010.
- DOMINGUES, Leila. O desafio ético da escrita. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n1/v16n1a12.pdf>>. Acesso em 7 de abril de 2015.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Notas do subsolo*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012
- FUGANTI, Luiz. *Saúde, desejo e pensamento*. São Paulo: Linha de Fuga, 2008.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010
- HESSE, Hermann. *O lobo da estepe*. Trad. Ivo Barroso. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- KANE, *Psicose 4.48*, 1998. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/46025569/Psicose-4-48-Sarah-Kane#scribd>>. Acesso em 2 de abril de 2015.
- KEROUAC, Jack; GINSBERG, Allen. *Jack Kerouac e Allen Ginsberg: as cartas*. Editadas por Bill Morgan e David Stanford. Tradução de Eduardo Pinheiro de Souza. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- LINS, Daniel. *O último copo: álcool, filosofia, literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Finita: Diário II*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- MACHADO, Roberto. *Zaratustra: tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrevente*. São Paulo: Grua, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PASCHOA, Airton. *A Vida dos pinguins*. São Paulo: Nankin Editorial, 2014.
- PELBART, Peter Pál. *A nau do tempo-rei: 7 ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade*. Tese de doutoramento defendida na PUC-SP, 2002.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

RODRIGUES, Nelson. *Asfalto Selvagem*: Engraçadinha, seus pecados e seus amores. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

\_\_\_\_\_. *A vida como ela é... em 100 inéditos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

\_\_\_\_\_. *Toxicômanos de identidade*: subjetividade em tempo de globalização, 1997. Disponível em <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>>. Acesso em 5 de abril de 2015.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na diferença*, 1995. Disponível em <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Malestardiferenca.pdf>>. Acesso em 5 de abril de 2015.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.

## **Discos**

BARRETT, Syd. *The Madcap Laughs*. Inglaterra: EMI Records; Capitol Records, 1970.

DALTON, Karen. *It's So Hard to Tell Who's Going to Love You the Best*. EUA: Capitol Records, 1969.

GONÇALVES, Nelson. *Serenata*. Brasil: Sony Music, 2010.